

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

SILOEH CERQUEIRA LOPES PIERMATEI

Entre cocares e terços: A hospitalidade das Irmãzinhas de Jesus de Charles De Foucauld na missão entre o povo Tapirapé

Juiz de Fora
2020

Siloeh Cerqueira Lopes Piermatei

Entre cocares e terços: A hospitalidade das Irmãzinhas de Jesus de Charles De Foucauld na missão entre o povo Tapirapé

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de concentração, Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Juiz de Fora
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Piermatei, Siloeh Cerqueira Lopes.

Entre cocares e terços: A hospitalidade das Irmãzinhas de Jesusde Charles de Foucauld na missão entre o povo Tapirapé / Siloeh Cerqueira Lopes Piermatei. -- 2020.

131 p. : il.

Orientador: Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz

de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2020.

1. Diálogo inter-religioso Tapirapé. 2. Inculturação. 3. Missão em áreas indígenas. 4. Perspectivismo ameríndio. 5. Charles de Foucauld. I. Simões, Maria Cecília dos Santos Ribeiro, orient. II. Título.

Sioeh Cerqueira Lopes Piermatei

Entre cocares e terços: A hospitalidade das irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld na missão entre o povo Tapirapé

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 19 de fevereiro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Volney José Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Maria Suzana Figueiredo Assis de Macedo

Às Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld, pela inspiração e exemplo de vida no seguimento de Jesus Cáritas e a hospitalidade entre os socialmente excluídos, especialmente os Apyãwa-Tapirapé.

AGRADECIMENTOS

A meu filho Pedro e meu marido Orestes, pelo companheirismo, paciência, incentivo e por terem cuidado de mim durante todo o tempo em que precisei me dedicar intensamente aos estudos da dissertação.

À minha mãe (in memoriam) por tudo que ela me ensinou e por ser sempre uma grande incentivadora, assim como minha irmã Lúcia e minha sobrinha Bruna.

À Prof^a Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões, pela sua competência como orientadora, pela sua sabedoria, pela sua amizade, pelo incansável incentivo e, principalmente, pelo seu compromisso junto aos povos indígenas. Foi uma honra e um privilégio fazer o mestrado sob sua orientação.

Aos professores do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, em especial ao Professor Faustino Luiz Couto Teixeira, por ter me apresentado Charles de Foucauld.

Ao Prof. Dr. Volney Berkenbrock e à Profa. Dra. Maria Suzana Figueiredo Assis Macedo, pela solicitude e contribuições enriqueceram fortemente esta pesquisa.

Aos companheiros do mestrado, especialmente minhas queridas amigas Danielle Campos, Elaine Fátima, Cristina Zarantonelli, Monique Rezende, Karolina Santos, Jéssica Aquino, Rafael Bertante, Maurício Antônio de Araújo.

Aos queridos amigos da especialização em Ciência da Religião, César Moreira Maués e Cláudia Maia, que me acompanharam durante esta caminhada, sempre com uma palavra de carinho e amizade.

Às minhas queridas amigas incentivadoras Vera Dornellas, Maria Lúcia Castro e Mônica Moreira, pelo apoio de sempre e as palavras de conforto quando precisei delas.

Às queridas Monica Hortega, cuja delicadeza e sensibilidade inspiraram o título desta dissertação e Maria Luiza Igino, pelo carinho, atenção e cuidado com meu trabalho.

À Irmãzinha Dulcidea de Jesus, pelo material a mim disponibilizado e pela gentileza, se colocando sempre à disposição.

Aos meus companheiros de trabalho, Carolina, Vanessa, Geraldo, Leticia e Nélio, pela força, compreensão e solidariedade durante este estudo.

À CAPES e à UFJF que me concederam a bolsa de mestrado, tornando possível a realização deste estudo.

A Deus, pela oportunidade de realizar este sonho e por ter me sustentado em todos os momentos em que não me senti capaz e desanimei.

Aldeia de Tapirapé

(Pedro Casaldaliga)

Do outro lado um pássaro responde ao meu silêncio,
Confirmando a mútua profecia.
(Os pássaros são livres quando os homens o são).
E um peixe tucunaré, como uma rubrica,
Salta rompendo a água,
Selada pela luz e a treva
Unidas em penumbra de anistia.

Eu sou o mundo inteiro.
Todos os tempos são, comigo, esta hora
De ocaso, sobre o lago.

Duas canoas se abrem, em ângulo e em signo,
Ao Lago e à história.

Cantídio dava, esta noite, suas pistas principais.
Como seu Povo era, no princípio.
Como chegou o tori com suas ofertas.
Como vieram livres,
Tais quais uma promessa do Paraíso antigo,
As Irmãzinhas pobres.
Como veio Francisco, o “subversivo”.
(Brincava com os guris, banhava-se com eles, peixinhos
inatos.
Remava com os índios e comia, com eles, peixe e riso.
Foi marcado de arraia. Foi marcado de tribo. Para sempre.
(Se revestia a alva e a casula, exóticas, - Francisco vai
dançar? Perguntava
Toda a tribo em arco de surpresa.)

Ernesto Cardenal está-me contando,
Esses dias – as folhas e meus olhos –
Sua *Homenaje a los Indios*.

A tribo está de viagem, quase toda,
Em busca de laranjas,
Rio e costume acima.
A fumaça – sempre a fumaça, sempre o fogo,
Sempre o amor tostando
Sua lenha tão fraterna -,
Na casinha de Foucauld, prepara,
Com a oração de Vésperas,
A ceia e o diálogo.

Mais além dessa margem, mais além dos rios
E da ilha cheia de pastos,
A Funai, o Governo, a Mentira,
A Cultura, o Progresso
... fatalmente.
(Salvai-nos este espaço de liberdade humana,
Ó Deus, ó pais índios!).

Há um cega-machado nesta margem
Que desfolha suas flores violetas
Como um salmo, talvez, de meio luto.

Como, se é seca agora, está para chover?

Chovo pranto e protestos,
E ouço uma voz que clama no sertão:
– Preparai os caminhos do Senhor, diz o Povo!
Dai passagem a seu Povo, que é o Povo. Dizemos!
– Dai passagem a meu Povo, que é Povo, diz o Senhor,
Senhores!
Retirai vossas vacas – com respeito por elas, que são puras!

Faraó – Delfim Neto: com licença ou sem ela!
Passagem a meu Povo, diz,
Com ira acumulada, o Deus dos humildes e resgatados.
Eu partirei o Mar Vermelho de todas as tuas Finanças
E sequei a Bolsa como um leito de areia maldita,
E passará meu Povo pisando, pés enxutos,
Vossos programas de alto Desenvolvimento econômico...!
O pé de um homem livre vale mais que um império, faraós!
Tenho dito!

Põe-me um tamakorá de dignidade humana
Como um timbre em meus braços e em minhas pernas,
Mãe Tapirapé, aldeia mãe, terra-ainda-livre, humana-ainda.

Se não morro de pistola de capanga pelos caminhos, longe,
Como um peão fugido;
Se não me enterram por sua própria conta
A floresta ou o rio, sob um ipê ou entre as garças brancas:
Enterrai-me na aldeia luminosa,
Dentro de vosso barro e vossas palmas,
Irmãzinhas azuis;
Ou enterrai-me na casa apenumbada – cabeça da tribo –
Do grande Xako'iapari
– o homem mais amigo e mais sensato e mais discretamente
nobre
De todos os quantos homens eu tenha conhecido – ;
Jazendo em uma rede de algodão bom,
Plantado e colhido e cardado e fiado e tecido
Por essas mãos índias, criadoras,
Um dia após outro dia (numa lua e outra, sobretudo,
Quando o Vento não estorva o jogo leve do algodão, e calam
Quando a Noite, a Pressa e o Progresso;
Quando Deus passeia, ainda,
Por esta Aldeia pura
De antes do Pecado...).

RESUMO

O pano de fundo desse estudo é a vivência da hospitalidade das Irmãzinhas de Jesus, da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld na missão entre os índios Tapirapé. Instigada pelo exemplo de vida cristã do Beato Charles de Foucauld, Madalena Hutin, idealizadora e fundadora, se rende a um amor pleno a Jesus, superando todos os obstáculos para fundar a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, que assumiu uma nova postura evangelizadora cujo lema é “gritar o Evangelho” não com palavras, mas com a própria vida, vivendo entre os pobres, excluídos e marginalizados, como fermento na massa, compartilhando seu modo de vida e respeitando sua alteridade. Esse singular modelo missionário vai ao encontro da proposta do concílio Vaticano II que incentiva a Igreja a ir ao encontro do outro, assumindo sua vida, seus hábitos e costumes. A partir do ponto de vista de grandes pensadores a respeito do tema da hospitalidade e a análise da experiência das Irmãzinhas na aldeia, a pesquisa se desdobrou na questão: Como a vivência da hospitalidade pode ser compreendida a partir da experiência missionária das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld entre os índios Tapirapé? As experiências abordadas neste estudo proporcionam uma profunda reflexão sobre a importância de uma perspectiva de missão que privilegie o respeito e a “libertação integral dos povos” indígenas, tendo para isto, o diálogo inter-religioso como perspectiva para atingir este objetivo.

Palavras-chave: Hospitalidade. Diálogo inter-religioso. Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. Tapirapé. Inculturação.

RIASSUNTO

Lo sfondo di questo studio è il vissuto dell'ospitalità delle Piccole Sorelle di Gesù, della Fraternità delle Piccole Sorelle di Gesù di Charles de Foucauld, nella missione fra gli indiani Tapirapé del Brasile. Istigata dall'esempio di vita cristiana del beato Charles de Foucauld, Madalena Hutin, ideatrice e fondatrice, si arrende a un amore pieno verso Gesù, superando tutti gli ostacoli per fondare la Fraternità delle Piccole Sorelle di Gesù, che ha preso una nuova posizione evangelizzatrice il cui motto è "gridare il Vangelo" non con le parole, ma con la vita, vivendo tra poveri, esclusi ed emarginati, come il lievito nella pasta, condividendo il loro stile di vita e rispettando la loro alterità. Questo singolare modello missionario è in linea con la proposta del concilio Vaticano II, il quale incoraggia la Chiesa ad andare incontro all'altro, assumendo la sua vita, le sue abitudini e usanze. A partire dal punto di vista di grandi pensatori rispetto il tema dell'ospitalità e dell'analisi dell'esperienza delle Piccole Sorelle nel villaggio, la ricerca si è sviluppata intorno alla domanda: In che modo il vissuto dell'ospitalità può essere compreso a partire dall'esperienza missionaria delle Piccole Sorelle di Gesù di Charles de Foucauld fra gli indiani Tapirapé? L'esperienze affrontate in questo studio offrono una profonda riflessione sull'importanza di una prospettiva di missione che privilegi il rispetto e la "liberazione integrale dei popoli" indigeni, avendo come prospettiva il dialogo interreligioso al fine di raggiungere questo obiettivo.

Parole chiave: Ospitalità. Dialogo interreligioso. Fraternità di Charles de Foucauld. Missioni in zone indigene. Tapirapé. Inculturazione.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. HOSPITALIDADE E FRATERNIDADE	18
1.1 HOSPITALIDADE	18
1.2 CHARLES DE FOUCAULD E IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS	24
1.2.1 O lindo sonho	33
1.2.2 Vida religiosa pautada na hospitalidade	35
1.2.3 O ideal de pobreza do Beato Charles de Foucauld	39
1.2.3 Como Fermento na Massa	40
1.3 QUEBRANDO PARADIGMAS	42
Considerações	47
2. HOSPITALIDADE E MISSÃO	45
2.1 O INÍCIO DA EXPERIÊNCIA	48
2.2 O POVO TAPIRAPÉ	49
2.3 MISSÕES	60
2.4 A CHEGADA DAS IRMÃZINHAS DE JESUS	62
2.5 A CRIAÇÃO DO CIMI: CONSELHO INDÍGENA MISSIONÁRIO	74
2.6 A UNIDADE	76
Considerações	78
3. VIVÊNCIA DA HOSPITALIDADE	80
3.1 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA	80
3.2 RESPEITO AOS TAPIRAPÉ	83
3.3 HOSPITALIDADE E COMUNHÃO	84
3.4 HOSPITALIDADE INCONDICIONAL	87
3.5 HOSPITALIDADE, NÃO IMPOSIÇÃO	89
3.6 HOSPITALIDADE E CONVIVÊNCIA	93
3.7 HOSPITALIDADE E MISERICÓRDIA	97
3.8 HOSPITALIDADE, MISSÃO E DIÁLOGO	99
3.9 SER TAPIRAPÉ	101
Considerações	103
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE	115
ANEXO	119

INTRODUÇÃO

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus foi fundada em 1939, na Argélia, pela Irmãzinha Madalena, que sonhou seguir o exemplo de vida do Beato Charles de Foucauld, cujo lema era gritar o evangelho com a própria vida. Irmãzinha Madalena insistia na ideia de “fermento na massa”, que explica sua forma de vida religiosa, não fora do mundo, mas no meio da massa para ser uma só coisa com ela, vivendo uma vida contemplativa consagrada a Deus e aos irmãos e irmãs. Madalena Hutin sonhava em abrir uma fraternidade na América Latina. Soube, então, da existência dos índios Tapirapé que se encontravam à beira do genocídio, com cerca de 50 indivíduos e decidiu que levaria a fraternidade das Irmãzinhas de Jesus até esse grupo. O apostolado da Fraternidade fundamenta-se na prática diária da palavra de Deus com os pobres, excluídos e marginalizados, partilhando suas vidas, suas histórias, suas dores e esperanças de uma vida digna e humana. Assumem como missão na Igreja levar Jesus para fora de suas próprias fronteiras, alargando sempre o horizonte aos lugares de fraturas humanas de marginalidade e exclusão. Como legado, a fraternidade busca o absoluto de Deus, contemplação no mundo dos pobres num estado de simplicidade, de alegria que consiste na confiança, no abandono nas mãos de Deus. (BOLETIM VERDE, p. 12-13).

É interessante conhecer o início dessa aventura religiosa, numa convivência aparentemente difícil com povos tão diferentes. É pertinente compreender e analisar como o diálogo inter-religioso se desenvolve através da prática missionária, uma vez que a intenção maior das Irmãzinhas nunca foi a catequização. Dispostas a enfrentar os desafios de um confronto direto com o desconhecido, com “o outro”, as Irmãzinhas de Jesus se dispuseram a abandonar todos os pudores e medos para exercitar uma hospitalidade desapegada e desprovida de qualquer intenção de reconhecimento ou gratificação. Imbuídas desse espírito as irmãzinhas vieram para o Brasil.

Quando chegaram à aldeia, passaram a viver a vida deles, respeitando suas crenças, participando de seus rituais, mantendo-se observadoras, mas co-participativas. Apesar da dificuldade com a língua, especialmente a língua Tapirapé, abraçaram com aparente excitação essa nova aventura. No diário escrito pelas Irmãzinhas nos anos de 1952 a 1954, elas narram com ricos detalhes a convivência com povos tão diferentes delas e registram com simplicidade e clareza de detalhes o dia a dia, a cumplicidade, a hospitalidade e respeito aos costumes da aldeia.

Os Tapirapé, que tradicionalmente se autodenominam *Apyãwa*¹, constituem um povo Tupi-Guarani habitante da região da serra do Urubu Branco, no estado do Mato Grosso. O território dos Tapirapé em 1900 compreendia da margem esquerda do rio Araguaia até pouco acima da atual divisa dos estados de Mato Grosso com o Pará, com aproximadamente 1.500 nativos vivendo em 5 aldeias, todas localizadas próximas aos tributários da margem esquerda do Araguaia. (WAGLEY, 1988, p. 49). Em meados do século XX sofreram intenso declínio populacional, devido a grandes epidemias de doenças passadas a eles pelos não índios, também pelo avanço das frentes de expansão nas terras Tapirapé e pelos confrontos com os índios Kayapó, reduzindo o número de integrantes a menos de 100 no final da década de 1940. Os atuais Tapirapé designam o local dessas aldeias habitadas nas primeiras três décadas do século XX como *Yrywo'ywawa*, “local onde o Urubu Branco bebe”, ou como é conhecida regionalmente, “Serra do Urubu Branco” e em 2018 contavam com aproximadamente 750 indivíduos distribuídos em sete aldeias. (TORAL, 2019).

De acordo com o antropólogo Charles Wagley (1988, p. 21) o povo Tapirapé é marcado por uma história de luta pela posse de suas terras no final da década de 60 e toda a década de 70. As Irmãzinhas de Jesus asseguraram, por sua ação delicada, a sobrevivência física dos índios que eram ameaçados pela expansão pecuária que obrigou os Tapirapé a se unirem aos Karajá em defesa de seu território. Foram anos de violência, perseguição política e mortes em toda região do Araguaia. Pe. François Jentel, Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, e as Irmãzinhas de Jesus assistiam os Tapirapé, os defendiam contra os grandes latifundiários e os representavam nas tumultuadas reuniões com os poderosos representantes das Companhias de Desenvolvimento e junto à FUNAI².

Conforme Antônio Canuto³, as irmãzinhas deram um mergulho na cultura desses índios, o que significava ouvir, respeitar, aprender e não julgar. Canuto relata as palavras da Irmãzinha Genoveva em uma entrevista ao jornal Alvorada, da Prelazia de São Félix do Araguaia, em 2007:

Nosso jeito de viver o evangelho é entrar na vida do povo e viver como o povo vive. Evangelizamos com o testemunho de vida. Primeiro foi conhecer os Tapirapé, respeitar o seu jeito de ser, não julgar nada. Não sabíamos o que podíamos fazer e o que não podíamos fazer, por isso nosso jeito era

¹ Apyãwa: Povo de bom comportamento.

² FUNAI – Fundação Nacional do Índio, órgão oficial do Estado Brasileiro, criado em 1967 com a missão de coordenar e executar políticas de proteção aos povos indígenas.

³ Antônio Canuto, membro fundador, secretário da coordenação nacional da CPT (Comissão Pastoral da Terra).

aprender, aprender, ouvir e respeitar. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2018, p.7).

No início as Irmãzinhas tinham a missão de fazer com que os Tapirapé conhecessem a palavra de Deus. No entanto, com o passar dos anos e a chegada do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), houve uma aproximação maior da prática das Irmãzinhas, sinalizando para uma nova visão de missão e de diálogo inter-religioso. Um novo paradigma indica que o pensamento atual da Igreja é de um novo agir missionário e apresenta questões sobre a missão específica do missionário junto aos povos indígenas e o que significa evangelizar sem manipular ou destruir as culturas dos povos. Abre-se espaço para uma Igreja que se coloca ao lado dos povos indígenas se comprometendo com o processo de libertação e contra todas as formas de opressão e marginalização desses povos. Esta mudança de paradigma dá às Irmãzinhas de Jesus, a liberdade para falar de Deus de uma maneira mais simples, através de gestos, da amizade e da cumplicidade do dia-a-dia.

Diante da vivência das irmãzinhas junto aos Tapirapé, ressalta-se também a ideia de diálogo inter-religioso, compreendido como instrumento de respeito e acolhida. O diálogo está para além de uma mera coexistência, envolve o reconhecimento e o respeito às diferenças, bem como o lugar das convicções. A relevância deste estudo para a Ciência da Religião é a promoção da visão sobre o valor da hospitalidade enquanto prática dialogal. A prática do diálogo inter-religioso é uma necessidade iminente, não apenas como evento ecumênico ou acadêmico, mas como um passo na tentativa de que as pessoas possam ter um olhar mais humano para os socialmente excluídos.

Conhecer a história da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, a vida da Irmãzinha Madalena e de Charles de Foucauld, a experiência das Irmãzinhas de Jesus que conviveram com os Tapirapé, especialmente a Irmãzinha Veva, seu exemplo de vida e de religiosidade, talvez nos permita entender o desejo de acolher o outro, ser solidário e gentil sem esperar nada em troca, o que pode ser um caminho para o fim da intolerância, do preconceito e a abertura para um diálogo aberto e amplo. Considerando as contribuições de alguns estudiosos sobre o tema hospitalidade, e como característica a prática do diálogo inter-religioso, esse estudo debruça-se sobre questões que se relacionam a práticas sociais e religiosas. Nesse sentido, o presente trabalho justifica-se por sua abrangência na cena sociocultural que permeia a sociedade, considerando o apelo ético, político educacional para que sejam pensadas e investigadas práticas voltadas para compreensão das culturas que circundam o cotidiano dos sujeitos, individuais ou coletivos, em particular dos menos favorecidos. O objetivo deste

estudo é compreender como a vivência da hospitalidade pode ser compreendida a partir da experiência missionária das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld entre os Tapirapé. O exercício da hospitalidade exige sensibilidade e delicadeza, uma vez que, no momento do encontro, dois mundos se entrelaçam e neste momento é preciso se despir de si mesmo para abrigar o outro de maneira incondicional e gratuita. A hospitalidade estabelece laços, reforça amizades, constrói pontes.

Além de compreender o ideal de vida cristã na inserção em populações marginalizadas e entender o sentido da hospitalidade da missão cristã vivida na prática do dia-a-dia, no diálogo. E ainda contribuir para o programa de pós-graduação em Ciência da Religião.

Neste estudo foi inserida uma proposta metodológica de pesquisa bibliográfica qualitativa documental, com base em biografias, diários, obras de grandes pensadores sobre o tema e buscas em sites na internet, que darão suporte à compreensão do tema, evidenciando e validando a confiabilidade do mesmo. Neste primeiro capítulo específico os vários significados da palavra hospitalidade e investigo sua aplicação na prática do dia a dia da fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Para isto, trago o ponto de vista da cientista da Religião Suzana Macedo, do filósofo lituano Emmanuel Levinas, também do Filósofo Jacques Derrida, do Filósofo e teólogo Raimon Panikkar, do teólogo Frei Leonardo Boff, do teólogo Luiz Carlos Susin, do teólogo Faustino Teixeira, a fim de aprofundar o sentido da palavra hospitalidade e averiguar como esta vivência pode ser compreendida como um novo evangelizar, voltado para o respeito às diferenças, o diálogo inter-religioso e a inculturação da fé, através da prática na vivência diária das Irmãzinhas de Jesus.

Em seguida, narro a história de vida de Irmãzinha Madalena e do Irmãozinho de Jesus, Charles de Foucauld. A relevância desta seção está na origem e no motivo maior pelo qual se originou meu objeto de estudo, a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. É importante conhecer a história de vida e a trajetória espiritual de Charles de Foucauld e Madalena Hutin, a Irmãzinha Madalena. Neste cenário, contextualizo a vivência da hospitalidade a partir de suas trajetórias de vida e prática cristã destes dois protagonistas deste estudo. Continuando, passo a relatar o exercício da hospitalidade como diálogo inter-religioso na prática do apostolado da fraternidade, a fim de desvendar a força motora que impulsiona um amor incondicional ao outro e compreender o ideal de vida cristã com opção pelas populações excluídas e marginalizadas.

No capítulo dois analiso o carisma da fraternidade das irmãzinhas e a busca pela quebra do paradigma do evangelismo e investigo em que condições se deram essa prática missionária. Para isto, apresento o povo Tapirapé e traço a história e contexto social dos

índios Tapirapé, incluindo costumes, modo de vida e conflitos vivenciados, relatando os vários motivos de seu quase extermínio, a reversão dessa situação com o aumento gradativo dos membros do grupo até os dias de hoje. Utilizo, para tal, etnografias de antropólogos que conviveram e estudaram durante anos os costumes dos Tapirapé. A partir daí, descrevo a experiência de convivência das Irmãzinhas de Jesus com os Tapirapé e relato como as mesmas ajudaram a evitar o genocídio desta etnia e ainda contribuíram para o aumento circunstancial da população nativa durante os 65 anos de convivência na aldeia. Relato o dia a dia das irmãzinhas na aldeia, como chegaram, o modo como viviam, como era a convivência com os índios e investigo como se construiu uma amizade, uma cumplicidade que durou 65 anos. Analiso a vivência das irmãzinhas na aldeia e sua trajetória de hospitalidade e doação incondicional aos índios.

No terceiro capítulo, faço uma análise, baseada nos dois primeiros capítulos, tentando responder a seguinte questão: Como a vivência da hospitalidade pode ser compreendida a partir da experiência missionária das irmãzinhas de Jesus entre os índios Tapirapé. Além disso, exploro como o diálogo inter-religioso se desenvolveu a partir da experiência das irmãzinhas. E, por fim, examino se as irmãzinhas conseguiram e como conseguiram realizar o sonho de Irmãzinha Madalena, se tornar, realmente, Tapirapé.

1. HOSPITALIDADE E FRATERNIDADE

Neste capítulo abordarei o tema hospitalidade sob o ponto de vista teórico. Nele especifico os vários significados e entendimentos do termo hospitalidade dialogando com grandes estudiosos sobre o tema e elucidando seu sentido na práxis da fraternidade das Irmãzinhas de Jesus Charles de Foucauld. A partir da história de vida e trajetória espiritual de Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena, dois protagonistas que inspiraram uma forma singular de apostolado, com o olhar voltado para o próximo, levando uma vida contemplativa no meio dos pobres e excluídos, analiso o exercício da hospitalidade como diálogo inter-religioso e como força motora que impulsiona um amor incondicional ao outro como ideal de vida cristã com opção pelas populações marginalizadas.

1.1 HOSPITALIDADE

Os Evangelhos narram o nascimento de Jesus em uma manjedoura, pois não havia lugar para ele na hospedaria. De acordo com a narrativa cristã, o boi e o burro reconheceram seu senhor, mas o povo eleito não o acolheu (SUSIN, 2013, p. 15). Como afirmou Luiz Carlos Susin em seu artigo, *Deus hóspede: Hospitalidade e Transcendências, Aquele que “veio para o que era seu”*, não foi recebido por eles. Ao falar sobre hospitalidade, o autor cita o provérbio eslavo que diz: “receber o hóspede é ter Deus em casa” (SUSIN, 2013, p. 15).

Para o teólogo, a presença divina assume tanto o papel do hóspede, o estranho que traz Deus consigo, quanto o papel do anfitrião, que oferece Deus com seu gesto de acolhida. Nesta mesma lógica Susin também chama a atenção para o significado da palavra grega *xenos* que nos remete à xenofobia, ou seja, “medo diante do forasteiro”. O medo do estranho, do desconhecido é uma realidade, levando em conta que o hóspede pode não ser alguém a quem se conheça, o que pode encorajar novas formas de xenofobia, motivadas, especialmente, pelo acelerado processo de globalização, que pode, inclusive, estimular a competição, o isolamento, a desconfiança e a indiferença em relação ao outro. O teólogo defende que, “na fragilidade e na vulnerabilidade de quem não tem credenciais para ser hospedado com honras já estabelecidas, transcende-se tudo o que há neste mundo para receber, na nudez de quem chega, a pureza da transcendência, inclusive da transcendência divina” (SUSIN, 2013, pp. 8-9).

No entanto, Susin nos surpreende ao ressaltar que o significado de *xenos* anterior a estrangeiro é hóspede (SUSIN, 2013, p. 9). De acordo com ele, a palavra latina *hostes*, da qual derivam as expressões hóspede e hostil, amigo e inimigo, mantêm até os dias atuais esta polaridade. O mesmo termo denomina dois polos relacionais, neste caso, aquele que recebe e aquele que é recebido, o hóspede e o estrangeiro, ou seja, “Hospitalidade e hostilidade são duas possibilidades diante do outro que é estrangeiro, o desconhecido e estranho a nós e ao nosso povo” (SUSIN, 2013, p. 10). Podemos então, escolher entre acolher, ignorar ou declarar guerra ao estrangeiro, nos beneficiando de uma suposta superioridade diante da fragilidade de alguém que não está em sua terra com seu povo. Não são propriamente hóspedes os que são nossos parentes e vizinhos, os que têm alguma familiaridade conosco, mas o forasteiro, o que vem de fora e roga hospitalidade. Susin elucida também sobre o significado da palavra xenofilia que é a profunda alegria e prazer de receber a visita do estrangeiro, do desconhecido (SUSIN, 2013, p. 9). No entanto, ressalta que a xenofilia não anula o risco de hospedar o desconhecido, mas pode triunfar sobre a xenofobia, insinuando que “sob as roupas normalmente pobres do peregrino se abrigava o próprio Deus”, citando a tradição bíblica que defende o encontro com Deus no pobre, no órfão, na viúva, segundo o Evangelho de Mateus: “eu era peregrino e tu me acolheste” (Mateus 25, 35b).” (SUSIN, 2013, p. 9).

Ao tratar do tema do estrangeiro e da alteridade, o filósofo Emmanuel Levinas defende que a relação com Deus está intrinsecamente ligada à relação com o outro. No momento em que, na relação com o outro, o sujeito percebe que não consegue alcançá-lo em sua plenitude, que não o abarca em sua totalidade, este compreende o infinito que habita o outro, o que o conduz à responsabilidade, sem fazer distinções de qualquer pré-julgamento. Esta relação tem um significado e sentido para a relação com Deus. O filósofo insiste na palavra mesmo para clarificar que o outro não pode ser visto somente pelos meus padrões e julgamentos do eu. O rosto do outro revela o caráter infinito que jamais conseguirá ser totalmente compreendido, pois o mesmo tem suas próprias experiências, sonhos, expectativas, que revelam seu caráter único, indicando a unicidade do infinito. Diante do outro, toda relação deve ser de respeito, característica da ética de Deus. Para o autor, o eu se define como ser a partir do seu relacionamento com o outro, e assim a construção humana perpassa pela relação com o outro. Antes de se caracterizar cultural e intelectualmente, o eu é o que se constrói com o seu semelhante, com o seu próximo, através do diálogo, a partir da minha inserção em sua vida (LEVINAS, 2016, pp. 36-37).

Segundo Levinas, a relação com o outro, sobretudo quando este é necessitado, marginalizado e excluído, sensibiliza e estimula o senso de comprometimento, fazendo com

que este outro não se pareça invisível ou insignificante. Este outro a quem não se pode ignorar, e sobre o qual é necessário exercer uma responsabilidade ética, é aquele que se revela através do “rosto”, que demonstra o infinito presente no finito, estabelecendo os valores, os fundamentos éticos e estímulos que incitam nosso senso de compaixão e hospitalidade (LEVINAS, 2016, p. 38). Para Jacques Derrida a hospitalidade significa abrir a morada como um gesto de respeito e bondade, que acolha verdadeiramente o outro e que permita que ele opte por esta relação. Para isto, é imperativo que a hospitalidade se dê sem reservas ou ceticismos, permitindo assim, que o hóspede se sinta seguro e acolhido. Por isso o filósofo lituano afirma ser categórico resgatar o que considera uma das mais humanas das virtudes, a hospitalidade, uma vez que somos todos hóspedes nesse mundo (DERRIDA, 2001, p. 47).

Hospitalidade significa receber bem o visitante, com gentileza, delicadeza, de maneira agradável, confortável, a fim de que o mesmo se sinta à vontade e acolhido. Porém, o sentido desta palavra pode ser muito mais amplo e profundo, na medida em que nos colocamos no lugar do outro e nos abrimos para a grande aventura de hospedar. Faustino Teixeira reitera que a hospitalidade envolve uma “dádiva de si” tendo uma grande familiaridade com a abertura ao outro e ao diálogo. Teixeira

declara:

O diálogo é uma “cartografia inacabada”, que vai se tecendo com as linhas da humildade e generosidade. Os interlocutores são convidados a alçarem o olhar, vislumbrarem novos patamares de significado, refletirem sob nova luz. Aí pode então ocorrer o milagre de um encontro, que preserva simultaneamente o autorrespeito genuíno e a autoexposição ao outro. No cerne do diálogo está uma acolhida, está a presença de um rosto que convida, de um olhar que indaga e provoca o mover dos lábios. (TEIXEIRA, 2016, [2]).

Para Teixeira a hospitalidade se dá na soleira da porta, no limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o de dentro e o de fora. A soleira da porta é a etapa decisiva semelhante a uma iniciação. Segundo Teixeira (2016, [2]), a hospitalidade exige delicadeza e cuidado, “há que bater devagar na porta do outro, sem muito ruído, de forma a favorecer um intercâmbio vital. Entrar no novo circuito envolve renunciar a se impor, mantendo delicadamente o direito à diferença, a preservação de certa distância”. No entanto, o autor aponta para a sutileza do encontro, uma vez que a acolhida se dá no “solo sagrado” do outro, o que às vezes pode representar riscos, visto que a hospitalidade não traduz somente encantamento no encontro, mas aflição, apreensão e medo diante do desconhecido, do estranho. Teixeira conta que, para Louis Massignon (1883-1962) “a hospitalidade envolvia

uma saída de si mesmo, uma expatriação interior para poder assumir o outro com alegria e gratuidade”. Massignon entendia que o caminho da hospitalidade é a disponibilidade, o deixar-se hospedar pelo outro, e o caminho é o do coração, “lugar privilegiado de acesso ao segredo divino”. E acrescenta que “assumir a hospitalidade é deixar-se tomar pelo apelo solene dos *Abdâl*⁴, ou seja, daqueles que foram escolhidos por Deus para sanar as feridas do mundo mediante o dom de si”. Teixeira reitera que “a misericórdia é um dom de Deus e centro nevrálgico do evangelho. Assumir essa dimensão evangélica é romper com o círculo vicioso do egocentrismo e deixar-se habitar, no fundo do coração, pelo grito do outro”.

Nesta mesma linha, Leonardo Boff afirma que “a hospitalidade abre a porta e acolhe”. À medida que convivemos nos permitimos olhar para o outro, interagir, ouvir, trocar experiências. Boff reitera o conceito de convivência como “o resultado final de processos de aproximação e de conhecimento do outro e do diferente”, pois nos causa estranheza e nos desafia a decifrá-lo. Boff sustenta a necessidade de se construir uma ponte entre os dois lados a fim de que a hospitalidade se consolide na acolhida, na escuta, no diálogo, como forma de compreensão mútua (BOFF, 2006, p. 28). Mas há que se ter cuidado e calma, pois o caminho para se chegar ao outro tem que ser construído. Segundo Boff, é importante passar por algumas etapas, como, por exemplo, conhecer a língua e os costumes a fim de conhecer sua respectiva alma e favorecer o intercâmbio. O teólogo destaca ainda a relevância do universo simbólico, uma vez que os mesmos são carregados de significações e ressonâncias, possibilitando a fala e o pensar através deles (BOFF, 2006, p. 30). Boff defende que “a convivência não apaga ou anula as diferenças. Ao contrário, é a capacidade de acolhê-las, deixa-las ser diferentes e, mesmo assim, viver com elas e não apesar delas. A convivência só surge a partir da relativização das diferenças em favor dos pontos em comum” (BOFF, 2006, p. 33).

Pesquisando sobre a hospitalidade, Suzana Macedo nos remete à saga de Abraão, figura bíblica que, aceitando o compromisso e a aliança de fé com Deus, caminha para uma terra confiada a ele por Deus para que vivesse nela. Era hóspede em uma terra estranha. No entanto, recebeu de maneira gentil os três estrangeiros que estavam de passagem, lhes ofereceu descanso, água e comida sem saber quem eram ou esperar ser recompensados por isso. Macedo destaca a importância da hospitalidade desinteressada que eleva o anfitrião à altura da gratuidade considerada divina (MACEDO, 2017, p. 249). A autora relata uma palestra onde Carmine di Sante assinala que, na narrativa bíblica, Deus não cria Eva para

⁴ *Abdâl* é um termo usado na metafísica islâmica e no misticismo islâmico, tanto sunitas quanto xiitas, para se referir a um grupo particularmente importante dos santos de Deus.

complementar Adão. Di Sante defende que “a mulher é criada como ruptura identitária para restituir, no lugar do identitário, um lugar relacional: um ser diante do outro, o face-a-face”. E Macedo complementa que “este ser relacional é também um ser ético. É a partir do humano que se pode falar em hospitalidade, em acolhida”. E acrescenta que “este ser humano, cuja identidade é hospitalidade, é relação com o outro e também com a criação” (MACEDO, 2017, p. 233).

Macedo assinala ainda que, depois de acolhido, o estrangeiro pode se tornar hóspede ou até mesmo um amigo. Porém, “o desconhecido é *hostis*, o inimigo, e o igual é hóspede” e, da mesma forma, aquele que hospeda também é um estranho, pois, “quando a porta se abre, dois mundos antagonistas se encontram”, podendo, desse encontro surgir amizades ou hostilidades. Nesse sentido a autora indica que os laços com o estranho, o desconhecido são, frágeis, o que pode favorecer um distanciamento da solidariedade e uma aproximação da competição e defende que a acolhida precisa ser recíproca e a receptividade sincera e generosa, humildemente aberta às diferenças e sem pré-conceitos para que essas diferenças não sejam contempladas como algo menor ou menos importante. É necessário fortalecer a acolhida de uns com os outros nos detalhes em que temos mais dificuldade de entender e aceitar. (MACEDO, 2017, p. 263). Para Macedo a solidariedade e a compaixão são portas que motivam o “êxodo em direção ao outro”, as suas necessidades, fragilidades, respeitando-o em suas diferenças e aceitando-as (MACEDO, 2017, p. 243).

É comum que discursos religiosos busquem impor uma ideia equivocada de superioridade, sugerindo a detenção da verdade absoluta de suas doutrinas em detrimento de todas as outras manifestações religiosas. Este posicionamento, contudo, impede que, por falta de conhecimento, não seja possível enxergar o outro. O diálogo inter-religioso então, se apresenta como um caminho para compreensão do outro, o diferente, o estranho, se fazendo, portanto, imperativo no esforço de alcançar o diverso com lucidez, respeito e acolhimento, uma vez que este propõe a busca do conhecimento do que é diferente, na expectativa de que a reciprocidade seja verdadeira e haja um intercâmbio, eliminando o preconceito sem o propósito da uniformidade doutrinária. Segundo o teólogo e filósofo espanhol Panikkar, as religiões como instituições já não conseguem evitar os ventos do ecumenismo incentivados por “influências recíprocas, inseparáveis dos ecletismos, sincretismos, inculturas e fundamentalismos de todos os gêneros. Todos estes fenômenos florescem a partir destes encontros inevitáveis e indispensáveis” (PANIKKAR, 2007, p. 43).

Raimon Panikkar defende o diálogo inter-religioso como uma necessidade vital e como um caminho sem volta no qual sem a abertura das religiões às outras não restará senão a

degeneração e o fanatismo. O autor de “O diálogo indispensável, paz entre as religiões” é um importante pensador das relações e defende que “o outro é fundamental para que eu compreenda minha identidade⁵. Se eu não tiver uma relação com o outro eu não cresço na minha identidade”. Panikkar, um dos mais fervorosos defensores e buscadores do diálogo defende que a dinâmica do diálogo deve ser um exercício relacional que respeite as particularidades de cada uma das tradições envolvidas e, para isso, faz-se necessário uma mudança de postura a fim de lapidar a paciência, o respeito e a abertura ao outro, pois o objetivo “não é chegar à completa unanimidade, ou misturar todas as religiões, mas, sobretudo, comunicação, simpatia, amor, complementaridade polar” (TEIXEIRA, Buscadores do Diálogo, Itinerários inter-religiosos, 2012, p. 82).

Outro ponto importante para o qual Panikkar chama a atenção é a necessidade gritante de um diálogo que discuta o destino da terra e diz que “os justificados gritos da ecologia podem, hoje, ser ouvidos por todo o lado”. É necessário um diálogo com a Terra, pois, “se soubermos escutar, a própria Terra poderá revelar-nos a vontade de Deus a respeito do papel do homem neste planeta [...]” (PANIKKAR, 2007, p. 45).

Diante do exposto, a missão das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld entre os índios Tapirapé, cujo desejo era se inculturar e viver como “fermento na massa”, como eles e para eles, numa atitude de extrema hospitalidade e respeito, pode ser compreendida como um exemplo edificador de diálogo entre duas práticas religiosas tão diferentes e distantes, assumindo uma prática consciente de cuidado com o outro e com a natureza, inerente aos indígenas. As bases desta missão, que reconhecem em Charles de Foucauld e na história de vida da Irmãzinha Madalena sua abertura para a hospitalidade e acolhida do outro em um gesto de respeito e diálogo, são importantes para compreender a experiência das irmãzinhas que conviveram durante anos junto ao povo Tapirapé.

De acordo com os relatos sobre sua vida, Charles de Foucauld, em seu inesgotável desejo, de imitar a vida de Jesus em Nazaré, percorreu o caminho do desaparecimento e se deixou sensibilizar pelo grito do outro, do pequeno, do excluído, despertando, assim, discípulos fervorosos que dedicaram suas vidas a seguir os passos do beato e realizar seu sonho de fundar uma fraternidade, cujo principal objetivo era gritar o evangelho com a própria vida. Madalena Hutin foi uma dessas pessoas que, como Foucauld e através de seu exemplo, se despiram de suas vaidades e egos para vivenciar o que ela mesma denominava “fermento na

⁵ Aula de Diálogo inter-religioso ministrada pelo professor Dr. Faustino Teixeira no curso de especialização em Ciência da Religião no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, no dia 05 de maio de 2016.

massa”, o que explica a forma de vida da fraternidade das Irmãzinhas de Jesus: não “fora do mundo”, mas no meio da massa, para ser uma só coisa com ela. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, p. 6).

Madalena viu nos ensinamentos do Beato Charles de Foucauld seu ideal de vida e entendeu que era esse o modelo que queria seguir. Dizia ter reconhecido no padre todo amor pelo povo árabe que havia herdado do pai. Encantou-se pelo exemplo de vida cujo objetivo maior era o amor em sua plenitude e acreditou que seu objetivo de vida era seguir os passos do Irmão Charles, que deu sua vida aos pobres do Saara de maneira radicalmente diferente das outras congregações. Depois de muitos anos de espera, devido à fragilidade de sua saúde, Madalena teve autorização para realizar seu sonho e fundar a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus cujo apostolado fundamenta-se na prática diária da palavra de Deus com os excluídos e marginalizados, partilhando suas vidas, suas histórias, suas dores e esperanças de uma vida digna e humana (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, S/D, pp. 12-13). Em uma perspectiva da experiência, Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena são grandes expoentes que se destacam na vivência da hospitalidade e cuidado com o outro, como veremos.

1.2 CHARLES DE FOUCAULD E IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS

Elisabeth Marie Madeleine nasceu em 26 de abril de 1898 na França e foi batizada no mesmo dia, pois, segundo o médico, ela teria muito pouco tempo de vida. A família Hutin já havia perdido dois de seus seis filhos, um com apenas um mês de vida, outro com difteria, aos 6 anos. Tiveram sua casa de férias em Seuzey, Meuse, perto da fronteira com a Alemanha, destruída pelos bombardeios na Primeira Guerra Mundial e a avó paterna de Madeleine morta pelos alemães do lado de fora da casa em 1914 (KATHRYN, 1997, p. 22). Por ter vivenciado desde nova, muito fortemente a tensão e o ódio crescente entre os dois opostos da guerra, Madalena aflorou sua imatura consciência das divisões e barreiras impostas pelos homens, que lhes impulsionava cada vez mais para o confronto ao invés de guiá-los para o diálogo. Esta pode ser a origem de seu amor e paixão pela humanidade (JESUS, 2012, p.16).

Em janeiro de 1916 perdeu outro irmão, em combate, aos 21 anos de idade e, seis meses depois, o irmão mais velho que tinha apenas 27 anos, um escolástico jesuíta, assassinado com um tiro no coração durante um ataque em Assevilliers. Por último, em 1918, morreu sua irmã mais velha, uma religiosa da Congregação do Sagrado Coração, vítima de meningite após um surto de gripe espanhola. Quando a guerra terminou, Madalena Hutin, a mais frágil dentre os seis filhos da família, foi a única a sobreviver (KATHRYN, 1997, p. 23).

Conforme narra Kathryn Spink, por demonstrar sinais de fragilidade física já nos primeiros meses de vida, Madalena foi levada pelas Irmãs do Sagrado Coração quando o irmão havia contraído uma doença fatal. Com o agravamento da situação financeira da família Hutin as irmãs assumiram gratuitamente a educação da menina. De acordo com os relatos, sua vocação religiosa aparece desde criança, marcada pelo amor aos povos árabes, passado a ela pelo pai, médico militar, quando trabalhava no deserto do Saara. Desejava muito seguir a vida monástica, contudo, seus problemas de saúde e especialmente sua pleurisia⁶, eram um obstáculo para o ingresso em congregações religiosas. Além disso, Madalena perdeu o pai repentinamente após contrair uma gripe e passou a ser a única companheira para a sua mãe. Como conta sua biografia, cuidou dela com dedicação e zelo, o que a fez adiar seu sonho por vários anos (KATHRYN, 1997, p. 25-26). A biografia conta ainda que enquanto esperava o dia em que partiria em direção ao seu sonho, assumiu a função de Diretora de um colégio dirigido pelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, apesar de só ter concluído o bacharelado e não possuir nenhuma vocação para o ensino. Atendeu a esse chamado como gratidão pela educação e formação recebida por elas. Durante esse período, Madalena se iniciou no exercício da hospitalidade colocando em prática vários projetos que beneficiaram pobres trabalhadores e seus filhos (KATHRYN, 1997, p. 41).

Como contam seus biógrafos, Madeleine Hutin era muito engajada em ações missionárias e se interessou especialmente pelo trabalho que o padre Baetermam desenvolvia com leprosos, pois havia aprendido com o pai a cuidar de doentes. Ela viajava muito entre Aix e Montigny-les-Metz, e às vezes fazia alguns desvios para visitar amigos. Um amigo descobriu que nessas viagens, algumas vezes, Madeleine foi vista frequentando cassinos e fazendo amizade com alguns artistas. Apesar da alegria, energia e otimismo, Madeleine se refere a esse período como “anos escuros”, nos quais, de acordo com ela, o único ponto de luz era a obra de Renè Bazin, a biografia de Charles de Foucauld, o explorador do Marrocos, eremita do Saara, o Irmãozinho de Jesus. Esta passagem em especial demonstra todo seu pietismo e devoção e a influência que a vida de Charles de Foucauld teria sobre ela, passando reconhecer em sua trajetória, todo o ideal de vida com o qual ela havia sonhado (KATHRYN, 1997, p. 30).

Charles de Foucauld nasceu em Estrasburgo na França em 1858. Órfão aos seis anos foi criado pelo avô, junto com a irmã. Afastou-se da fé na adolescência e permaneceu, por doze anos, conforme suas próprias palavras: “sem negar nada e sem crer em nada” (SIX,

⁶ Pleurisia é a inflamação das pleuras, uma membrana que envolve os pulmões e reveste a cavidade torácica.

2008, p. 12). Suas biografias contam que era um jovem consumista e boêmio, organizava festas com a herança proporcionada por seu avô, falecido em 1878. Esbanjava dinheiro, mas, apesar disso, se mostrava um homem solitário e triste, com um vazio interior mergulhado no silêncio e no tédio (SIX, 2008, p. 14).

Seguiu a carreira militar e em 1878 entrou para a mais aristocrata das instituições francesas, a Escola de Cavalaria de Saumur⁷. Em 1880, como tenente do regimento de Hussardos⁸, foi para a Argélia, colônia norte-africana francesa. Em 1882, se licenciou e partiu para um projeto de exploração no Marrocos onde desenvolveu um rico trabalho científico que lhe rendeu uma medalha de ouro da Sociedade Geográfica Francesa. Durante esse trabalho se sentiu seduzido pelo povo marroquino, através do que chamou de uma “perturbação profunda”. Observou que esse povo vivia constantemente sua religiosidade e sentiu que poderia sim haver algo superior às suas ambições humanas. Durante esse período experimentou, assim como o pai de Madeleine Hutin, a hospitalidade de um povo, um espírito de oração e uma fé que o tocaram profundamente. Esta experiência teria sido o divisor de águas na redescoberta de sua fé. Foi então que procurou o Padre Huvelin, um conhecido da família que se tornaria um grande amigo e o orientou naquele momento a ir em peregrinação à Terra Santa, para que pudesse vivenciar de perto a humanidade de Cristo (SIX, 2008, p. 38).

Ingressou em um mosteiro trapista na França e pouco depois foi enviado para a Terra Santa, onde pretendia imitar a vida oculta de Jesus em Nazaré. Depois desta experiência, seu primeiro gesto foi o que talvez possamos chamar de sentimento de libertação, pois, segundo Carrouges (1958, pp. 101-103) Foucauld teria tirado seu hábito de trapista, que lhe parecia belo demais, deixando o uniforme de hussardo e a roupa de passeio. Levou consigo somente um tipo de turbante branco, uma blusa comprida com um capuz azul e branco, uma calça de algodão azul e sandálias assumindo como acreditava, por amor do Cristo, a roupa da pobreza que abraçaria como sua para sempre. (CARROUGES, 1958, pp. 101-103) Partiu então em direção ao convento das Clarissas onde permaneceria por três anos em extrema pobreza. Após esta passagem no mosteiro das Clarissas, voltou para a Europa, para concluir seus estudos e se ordenar sacerdote. No final de 1901, Irmão Charles chegou para viver no oásis de Benni-Abbès, na fronteira da Argélia com o Marrocos no meio dos muçulmanos. Recebeu

⁷ O Cadre Noir é o corpo de cavaleiros ou instrutores da École Nationale d'Équitation, academia da cavalaria militar francesa fica em Saumur, no oeste da França. A tropa militar foi fundada em 1828, a origem do nome vem dos uniformes negros usados, e ainda hoje, é considerada uma das mais prestigiosas escolas de ginetes do mundo.

⁸ Hussardo refere-se especificamente ao soldado da cavalaria ligeira, um tipo de cavaleiro extravagante do século XV.

neste período autorização para acolher companheiros que desejassem viver com ele sob seus regulamentos (CHATELARD, 2009, p. 147).

Em Béni Abbès, Foucauld revela sua determinação de fundar uma “fraternidade universal”, como relatou em carta ao amigo Lacroix: “escolhi esse nome que indica que sou irmão deles e de todos os humanos, sem exceção nem distinção”. O Irmão Charles explica o que, para ele, significava “universal” e diz: “todo homem bom ou mau, amigo ou inimigo, benfeitor ou carrasco, cristão ou infiel [...]” fará “de tudo por todos, a fim de salvar a todos [...] será o amigo universal para ser o salvador universal”. Foucauld queria ser chamado de Irmão, pois ser irmão é se colocar em situação de igualdade relacional. Irmão Charles disse: não basta “mostrar-se irmão, repetir que somos todos irmãos em Deus [...] trabalhar na obra de fraternização”. Para ele, era preciso se tornar “pequeno e abordável” (CHATELARD, 2009, pp. 152-153- 161).

Em junho de 1905 Charles é apresentado ao chefe dos Tuaregues do Hoggar⁹, o amenokal¹⁰ Mussa Ag Amastane, como um marabuto¹¹, servidor de Deus que vai estudar a língua e os costumes dos tuaregues. Fica decidido, então, que Foucauld se estabelecerá em Tamanrasset, um oásis com somente vinte casas, no coração do Hoggar, na Argélia. Lá, Foucauld recebe frequentemente a visita do chefe dos tuaregues com quem passa a ter longas conversas amigáveis e a quem chega a dar conselhos (SIX, 2008, p. 89-90-92). Como a maioria dos missionários, Foucauld chegou cheio de projetos em mente e pronto para exercitar sua generosidade e hospitalidade para com o povo da região. Entregou a seu bispo uma lista de obras que pretendia realizar, entre as quais a determinação de resgatar escravos. Em Tamanrasset Foucauld passou a vestir um *gandourah*¹² branco com um coração vermelho costurado no peito, encimado por uma cruz, símbolo de sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus e foi viver junto aos muçulmanos mais pobres, os tuaregues nômades¹³ (COURREGES, 1958, p.103). Charles de Foucauld não havia, contudo, abandonado seu sonho de fundar uma congregação. Havia escrito normas e regras tanto para comunidades de irmãos quanto para de

⁹ O Maciço de Hoggar ou Ahaggar é uma cadeia de montanhas que se ergue subitamente a oeste de Tamanrasset, Argélia.

¹⁰ Título dado ao chefe tuaregue eleito pelos sábios de acordo com critérios morais entre representantes de famílias nobres. Ele é o chefe supremo da guerra e tem o ettebel (tambor da guerra), símbolo de seu poder.

¹¹ Guia espiritual muçulmano, venerado em vida e após a morte como um santo.

¹² Gandourah: um vestido longo solto com ou sem mangas que é usado principalmente no norte da África.

¹³ Nômades que habitavam a área alta do Deserto do Saara. O nome tuaregue é de origem desconhecida. Acredita-se que seja uma palavra derivada do árabe "abandonados", referência à região que habitavam, em tese inóspita e hostil à ocupação humana.

irmãs, mas continuava sozinho naquilo que chamou de seu “apostolado da bondade”, proclamando o Evangelho através de seu exemplo de pobreza.

Em 1907, o Irmão Foucauld experimentou a hospitalidade dos tuaregues. O Hoggar sofreu com uma grande seca que acabou com todas as reservas de alimentos. Foucauld, então, partilhou com seus amigos nômades todas as suas reservas.

Cansado, sem forças e sem alimentos, Foucauld fica extremamente doente e debilitado. Nesse momento ele se tornou “pequeno e aborçável” e experienciou a hospitalidade daqueles aos quais chamava irmãos que cuidaram dele e lhe deram o pouco que tinham, até que se recuperasse (CHATELARD, 2009, p. 161).

Em agosto de 1914, começa a primeira grande guerra e o conflito também chegou a Tamanrasset produzindo muitos embates entre os tuaregues. Temendo o crescimento de saques já frequentes, Foucauld agiliza as obras e termina um refúgio construído em Tamanrasset que serviria de forte para acolher pequenos agricultores e escravos que sofriam com constantes assaltos (SIX, 2008, p. 114). No dia primeiro de dezembro de 1916, uma sexta-feira, Foucauld estava sozinho no eremitério que foi cercado por quarenta homens armados cujo objetivo provavelmente era o de toma-lo como refém. No entanto, talvez por um equívoco, o irmãozinho de Jesus foi assassinado com um tiro de fuzil. (SIX, 2008, p. 118) Charles de Foucauld morreu sem ter convertido ninguém, mas sua experiência de gratuidade e sua ânsia de ir sempre ao encontro do absoluto e do outro, despertou múltiplos interesses, deixando discípulos fervorosos e fiéis a seu ideal de vida e de fé. Um desses discípulos foi Madalena Hutin que, tendo se identificado com sua trajetória de vida, rezava para que pudesse ir à África e realizar seu sonho de viver entre os muçulmanos mais pobres. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, s/d, pp.7).

Finalmente chegou o dia em que Madalena chamou “a hora de Deus”. O que sempre foi impedimento para sua partida, seria agora o motivo que a levaria na direção de seu objetivo. Em março de 1935, ela foi acometida por violentas dores no ombro esquerdo e ao longo do ano se tornaram insuportáveis obrigando-a a deixar suas atividades. O diagnóstico foi claro em afirmar que se não se mudasse para um país muito seco, onde não chovesse, ficaria aleijada pela dor reumática ocasionada por uma artrite deformante com descalcificação e atrofia dos músculos do ombro e, para impedir que a doença se espalhasse, foi aconselhada a partir imediatamente.

Em 06 de outubro de 1936, Madalena, a mãe e Anne, uma amiga que compartilhava de seu ideal de vida, foram recebidas pela superiora das Filhas da Caridade em Argel. Conheceram o Padre encarregado de Boghar e Boghari, na fronteira norte do deserto, a cerca

de 150 quilômetros da capital da Argélia e queria organizar um centro de trabalho no cerne do território muçulmano, aonde poderia afinal seguir os passos de Foucauld. Madalena não desejava a vida religiosa reclusa, seu anseio era viver uma vida contemplativa no coração do mundo muçulmano. Soube que no dia 19 de março de 1938 seria consagrada a Igreja de São José, construída próxima ao túmulo de Foucauld em El Golea, com a presença do padre Voillaume¹⁴. Nesta época a congregação fundada pelo padre Voillaume, os Irmãozinhos do Sagrado Coração já era bem estruturada. Madalena sentia que o padre Voillaume poderia orientar sua busca espiritual em direção aos ensinamentos do beato Foucauld. Ao final de um ano, em agosto de 1939, Madalena e Anne se preparavam para proferir seus primeiros votos. Contudo, as tensões políticas se acirraram, o cenário mundial se tornou insustentável e em 04 de setembro teve início a Segunda Guerra Mundial. Foram imediatamente procuradas, pois havia a preocupação tanto com a guerra quanto com a vida miserável que talvez aguardasse por elas no Saara. Perguntaram a elas se ainda tinham o desejo de partir e a resposta foi imediata. Em 08 de março de 1939 proferiram seus votos e mudaram seus sobrenomes de batismo pelo sobrenome de Jesus, marcando assim, a fundação da Fraternidade das irmãs de Jesus (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 26).

Vestidas com roupas semelhantes às usadas pelas mulheres árabes, sobre a qual anexaram um coração e a cruz do Irmão Foucauld, Madalena e Anne, partiram no dia 04 de outubro de 1939, a caminho de Touggourt, no Saara, um oásis onde vivia uma centena de família de nômades muito pobres que lutavam para sobreviver. Lá, Irmãzinha Madalena encontrou uma casa velha à qual idealizou como o lugar perfeito para a primeira fraternidade. A jornada não foi fácil e as dificuldades eram muitas. Irmãzinha Madalena acumulava várias funções inclusive de arquiteta, carpinteira, pedreira e operária. Ela e sua companheira tinham uma incansável jornada diária de trabalho e a noite se recolhiam para dormir em um alojamento improvisado enquanto reformavam a casa com a ajuda dos habitantes locais. Irmãzinha Madalena idealizou uma construção simples com várias alas, “uma para a capela, uma para árabes que necessitassem de hospitalidade, uma para as irmãs e outra para os animais” (KATHRYN, 1997, p. 72). A fim de colocar a casa em condições de uso, as irmãs empregaram pessoas da vizinhança que não tinham trabalho e para pagá-las, coletavam todos os dias a quantia necessária para fazê-lo, uma vez que não dispunham de recursos financeiros. (JESUS, 2012, p. 30) Mas a rotina diária e as condições em que viviam

¹⁴ RENÉ Voillaume: fundador da Fraternidade dos Irmãozinhos de Jesus em 1933, depois das Irmãs do Evangelho em 1963, cuja espiritualidade é inspirada na vida de Charles de Foucauld.

eram muito severas, o que contribuía para a desistência de muitas postulantes que chegavam para fazer parte da fraternidade (KATHRYN, 1997, p. 73).

Mesmo antes de se estabelecerem em Touggourt, monsenhor Nouet, prefeito apostólico do Saara, convence Irmãzinha Madalena da importância de estabelecer um noviciado fora do Saara e Madalena sente que esse noviciado deveria ser na Provence. (JESUS, 2012, p. 30) Em junho de 1940 se esgotam todas as verbas disponíveis e não tendo como pagar as despesas básicas nem o salário dos trabalhadores que se ocupavam da sede da fraternidade na Argélia, Irmãzinha Madalena não teve outra opção a não ser arregaçar as mangas e partir para tentar angariar doações. Em setembro de 1940, Irmãzinha Madalena e Irmãzinha Anne partiram para a França em uma viagem por alguns meses quando Irmãzinha Madalena vai a Aix-en-Provence reencontrar a mãe.

Quando chegaram à França, enfrentaram uma rotina incessante de conferências. Andavam quilômetros e quilômetros durante dias e noites com um projetor antigo mostrando um pequeno filme caseiro feito por elas com imagens do deserto e de crianças nômades. Quando se sentia cansada e desanimada, Irmãzinha Madalena parava e se sentava debaixo de uma árvore ou em uma praça, em um degrau ou até mesmo no chão e escrevia (MAGDELEINE, 2000, p. 27). O filme que mostrava irmãzinha Madalena e irmãzinha Anne sentadas no chão com os nômades em suas tendas e também a casa humilde em que viviam, entremeada com textos do Evangelho, fora exibido por pelo menos seiscentas vezes entre 1940 e 1945, sensibilizando as pessoas já então muito abaladas pela guerra. As palestras aliadas ao singelo filme começavam a atrair candidatas a futuras irmãszinhas (KATHRYN, 1997, pp. 76-77). No natal de 1940, as Irmãszinhas ganham da arquidiocese de Aix, uma propriedade a três quilômetros de Aix-en-Provence para sediar a fraternidade. Preocupada com a preparação das postulantes que chegariam para fazer parte das duas fraternidades, Irmãzinha Madalena deixou Anne na França e voltou à Argélia com a mãe e uma senhora que tomaria conta da senhora Hutin em Touggourt (KATHRYN, 1997, pp. 78-79). Em tempos de guerra, a fome tomava conta das tendas. Era grande a carência de todo tipo de mantimento. Irmãzinha Madalena intercedia de todas as formas para tentar aliviar a situação, colocando, inclusive, sua saúde em risco. Durante a viagem da França para a Argélia, sofreu com enjoos e com o frio. Conforme os relatos de Spink, “em algumas ocasiões teve febre, infecção no fígado, icterícia. Não raramente caía dos cavalos, mulas e pôneis em que viajava”. Em maio de 1941, Irmãzinha Madalena volta à França para tentar levantar fundos para continuar a obra em Sidi Boujnan, na Argélia e para ver as noviças. Em outubro de 1941, as primeiras noviças

recebem seus hábitos brancos em Le Tubet. (KATHRYN, 1997, pp. 80-81) No dia 08 de setembro de 1942, Irmãzinha Madalena faz seus votos perpétuos com as seguintes palavras:

Eu, irmãzinha Madalena de Jesus, comprometo-me a observar até a morte os votos de Obediência, Pobreza e Castidade, de acordo com as Constituições das Irmãzinhas de Jesus e o espírito do Padre de Foucauld, a fim de me consagrar às populações muçulmanas mais abandonadas, oferecendo minha vida à imolação pela redenção do Islã, e para que essa oblação vos seja mais agradável, ó bom e misericordioso Pai, eu a ofereço em união com a imolação de Jesus, Vítima do Amor (KATHRYN, 1997, p. 86).

No Natal de 1942, mãe e filha se separam novamente. Senhora Hutin volta para França para viver em Le Tubet e se torna a primeira de muitos pais que viveriam ali seus últimos dias. Nesta época não era só a dor da separação que atormentava Irmãzinha Madalena, a dor física também a consumia e piorava com o passar dos dias. Em carta ao padre Voillaume datada do dia 08 de dezembro ela repete o que já vinha dizendo há tempos: “Não aguento mais. Estou sofrendo demais”. A cada dia sua saúde ficava mais fragilizada e para agravar, depois de uma radiografia dos pulmões, foram detectadas algumas sombras. (KATHRYN, 1997, p. 113) Senhora Hutin sofria sem reclamar, seu coração estava fraco e chegou a receber os últimos sacramentos em julho de 1947, mas se recuperou e viveu por mais um tempo. Apesar de sofrer com a situação da saúde da mãe, em carta ao padre Voillaume, Irmãzinha Madalena insiste que “a doença da mãe não deveria interferir em sua missão com as fraternidades nem em seu compromisso e responsabilidade com as irmãzinhas. Reiterava que sua dor pessoal não deveria ser prejuízo espiritual para as irmãzinhas. E três anos depois precisou tomar uma dolorosa decisão de voltar ou não a França para se despedir definitivamente da mãe. Mais uma vez pensou primeiro nas irmãzinhas que haviam passado por situação semelhante e não tiveram a oportunidade de uma despedida. Se recusou, então a ir à viagem para França para o funeral da mãe que foi sepultada no pequeno cemitério no bosque em Le Tubet. Irmãzinha Madalena se torna, então, apesar da fragilidade de sua saúde desde criança, única sobrevivente de sua numerosa família. Em carta à Fraternidade, irmãzinha Jeanne relata: “ela só pode esconder seu sofrimento em silêncio” (KATHRYN, 1997, pp. 166-167).

Irmãzinha Madalena, apesar da dor pela perda da mãe e de suas dores físicas, continuou espalhando a Fraternidade pelo mundo. Tinha a convicção de que as Fraternidades em cada país “deveriam ser vividas pelas irmãzinhas de acordo com a cultura local” (KATHRYN, 1997, p. 169). Viviam pelo mundo com pessoas de diferentes culturas como em

parques e circos itinerantes, com ciganos, também em bairros perigosos das periferias, em tendas nômades e de outras múltiplas formas inseridas em variados grupos onde pudessem gritar o Evangelho com a própria vida. Irmãzinha Madalena consagrou-se a seguir o modelo de Jesus e persistia em quebrar as barreiras de classe, raça, a falta de hospitalidade, de escala de valores ou de religião que, para ela eram tão concretas. Por isso insistia na “vida contemplativa bem no coração da humanidade” rejeitando o muro que existia entre a Igreja e algumas partes do mundo (KATHRYN, 1997, p. 270). Reiterava que “as Irmãzinhas de Jesus deveriam ser humanas a fim de glorificar melhor o Pai em sua Criação e dar testemunho da humanidade de seu filho Jesus. Quanto mais perfeitas e totalmente humanas fossem, mais perfeitas e totalmente seriam religiosas”. Suplicava que tivessem coragem, pois “seriam acusadas, como fora o próprio Cristo, de comer com publicanos e pecadores”, mas que isso não importava. Deveriam “crer, com uma fé capaz de mover montanhas, em Deus que é o Senhor do impossível” (KATHRYN, 1997, p. 111). Irmãzinha Madalena implorava às irmãzinhas:

Tenham cuidado para não ser mesquinhas. Não se escandalizem facilmente com coisas sem importância. Acima de tudo, evitem ser rígidas e formais e agir como os fariseus. Não tenham mentalidade estreita porque isso pode arruinar o verdadeiro amor. Queria que sorrissem e nunca mostrassem indiferença nos olhos. Deveriam estar em guarda contra o sutil perigo da resignação passiva, contra a ilusão de uma submissão fácil demais à Providência, que seria em verdade à abdicação da vontade humana (KATHRYN, 1997, p. 111).

Aos 88 anos, Irmãzinha Madalena já não exibia mais a energia contagiante que demonstrava e encantava a todos a sua volta. Em mais uma viagem a bordo do “Estrela Cadente¹⁵”, parte com mais 4 irmãzinhas a uma das fraternidades, quando então, sofre um acidente que lhe causa muita dor e uma fratura no fêmur direito. As Irmãzinhas decidiram não interná-la em um hospital, tinham medo de que uma anestesia pudesse comprometer sua lucidez. Colocaram, então, uma tração em sua perna para ajudar na cicatrização dos ossos, o que lhe causou um terrível desconforto. Nesta época ela pesava pouco mais de 30 quilos (KATHRYN, 1997, p. 318).

Em 1989 foi a comemoração do Jubileu da Fraternidade que já contava com mais ou menos mil e trezentas irmãzinhas de sessenta nacionalidades em duzentas e noventa

¹⁵ Estrela Cadente é o apelido carinhoso dado ao ônibus usado pelas Irmãzinhas de Jesus para viajar. Faziam nele longas viagens e, para isso, foi adaptado para que as Irmãzinhas dormissem nele.

Fraternidades (JESUS, 2012, pp. 182-183). Em 19 de setembro recebeu do amigo Padre Voillaume a União dos Enfermos. Em 10 de outubro o médico retirou o peso de suas pernas, o que proporcionou um alívio temporário, mas como os ossos não haviam se consolidado e as pernas logo voltaram a doer. Além disso, apesar do cuidado no seu tratamento, Irmãzinha Madalena desenvolveu feridas no corpo por ficar muitas horas deitada. No dia 20 de outubro, sofreu um edema pulmonar rapidamente corrigido. No entanto, a partir desse fato ela começou a sentir dificuldades para respirar. No dia 06 de novembro repetiu várias vezes “Meu Deus, jamais pensaria que fosse tão longo”. E suas últimas palavras foram: “Não posso mais esperar”. Naquela mesma noite, inclinou a cabeça e “partiu para o seu Senhor”. Spink relata que “naquele dia, em Moscou, na Praça Vermelha, os sinos da Catedral de São Basílio, o Bem-Aventurado, dobraram pela primeira vez depois de 70 anos!” (JESUS, 2012, p. 184).

A missa de despedida foi celebrada em Tre Fontane, em Roma, ao ar livre por causa da grande quantidade de Irmãs e amigos presentes. Era um desejo de Irmãzinha Madalena ser enterrada em Tre Fontane onde foi construída uma capela subterrânea com uma espécie de catacumba com a autorização para que algumas Irmãs fossem sepultadas. (KATHRYN, 1997, p. 326).

1.2.1 O Lindo Sonho

Na escola Madalena experimentou o preconceito e o desdém dos ricos em relação aos pobres. Mostrava-se tímida e calada, o que lhe rendeu o terrível apelido de “múmia”. Porém, misteriosamente após a morte de sua irmã, Madalena mudou radicalmente sua personalidade, como ela mesma relata em uma carta escrita em fevereiro de 1949:

Eu tinha 20 anos e a índole mais tímida do mundo. Em um minuto, diante de seu leito de morte, como num relâmpago, uma segunda natureza se justapôs à primeira, sem substituí-la, e, ao deixar o quarto em que ela morreu, eu era uma pessoa diferente daquela que ali entrara. (IRMÃZINHA ANNIE DE JESUS, 2012, p. 18).

Madalena era uma mulher prática e enraizada na realidade concreta em relação a suas convicções religiosas, defendendo que o mistério de Deus não podia ser explorado, inclinando-se ao ceticismo quanto às manifestações explícitas do sobrenatural. No entanto, ela mesma vivenciava essas manifestações às quais julgava serem devaneios. Não contara a ninguém uma vez que tais declarações costumavam ser recebidas com cinismo que poderiam deixá-la exposta a acusações de imaginação hiperativa e excesso de sentimentalismo

(KATHRYN, 1997, p. 54). Madalena, assim como Teresa D'Ávila, se julgava indigna de ser tocada pelo divino. Tinha uma relação muito forte e íntima com Jesus que, como ela mesma dizia, o menino Jesus era seu companheiro de viagem. Compartilhava essas experiências unicamente com seu orientador e amigo, o Padre Voillaume que somente um ano após sua morte, revelou a verdade sobre os eventos sobrenaturais vivenciados pela Irmãzinha Madalena (KATHRYN, 1997, pp. 53 - 54). Em uma das cartas enviadas por ela ao amigo durante seu noviciado, dois anos após o fato, em meio às tentações com relação ao seu compromisso de castidade, Madalena narra com detalhes uma noite de 1937 quando foi para a cama assustada e perturbada e chorando desoladamente. Ela escreveu:

[...] e de repente me vi num pátio interno que, por estranha coincidência, se parecia com o do noviciado. Posso vê-lo ainda, como se tudo tivesse acontecido ontem. Dois ou três santos, que eu não conhecia, estavam andando na minha frente, e no fim do pátio à direita estava a Santíssima Virgem, segurando nos braços o menino Jesus – um menino Jesus como eu nunca teria imaginado na vida, porque ultrapassava toda visão humana. Não posso nem o descrever porque não posso encontrar outras palavras que não sejam “luz”, “mansidão” e, sobretudo, “amor”. E a Santíssima Virgem se preparava para entrega-lo a alguém. Que angústia! Eu estava absolutamente certa de que ela não o entregaria a mim, porque meu coração e minha alma não eram suficientemente puros para receber tal favor; e fiquei para trás, chorando mais do que nunca por causa da minha falta de merecimento. Não me atrevia a olhar, mas ainda assim era levada a isso e ficava cada vez mais estupefata ao ver a primeira pessoa, depois a segunda, a terceira passarem em frente à Virgem Maria sem nada perceber. Estavam em tal estado de pio recolhimento que eu gostaria de gritar-lhes para que olhassem. Então, encontrei-me sozinha à frente dessa visão e [...] foi para mim que a Virgem Maria entregou o menino Jesus que segurava. Depois disso, não pensei mais nos meus pecados, mas somente nesta alegria, que também não posso expressar em palavras. (KATHRYN, 1997, p. 55).

Em seu relato, Madalena escreve, “e na grande expansão do meu amor abracei e apertei o menino Jesus tão junto do meu coração que ele se incorporou a mim (algo que, de novo, não sei explicar).” Apesar de se culpar, não se conteve diante do sedutor e inexplicável sentimento, e pediu à Virgem que lhe desse novamente o menino Jesus. Considerava Maria um “paraíso de delícias” para Ele e desejava ser também para Ele, tal paraíso. O mistério da Natividade expõe a grandeza da palavra de Deus que se fez carne em uma criança fraca e indefesa. Essa infância espiritual é um chamado para que as Irmãs se submetam com alegria e confiança à vontade de Deus que se revela em um menino frágil, sinalizando a pequenez, confiança, gentileza e alegria, características de uma Irmãzinha de Jesus (KATHRYN, 1997, p. 55). Segundo o Evangelho de Mateus, “E Jesus, chamando uma

criança, a pôs no meio deles e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como a crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.¹⁶” E através dessa experiência que a acompanhara por toda a vida, Madalena entendeu que a fraternidade das irmãs de Jesus não poderia ficar reduzida ao Saara, mas deveria se espalhar pelo mundo. E assim ela o fez. Apesar de uma saúde frágil e do diagnóstico de poucos dias de vida, assim nasceu Madalena Hutin, viveu até seus 91 anos de idade e levou a fraternidade para o mundo todo.

1.2.2. Vida Religiosa Pautada Na Hospitalidade

Charles de Foucauld e Madalena Hutin foram pioneiros na jornada por caminhos ainda não percorridos. Nada lhes desviava do desejo maior de viver o Evangelho, não com palavras, mas com a própria vida. Essa era a missão e o que viesse, além disso, seria consequência. Irmãzinha Therezinha de Jesus diz: “Não se contentavam com o que tinham à mão. Algo ardia em seus corações e a eles uma exigência impunha-se cada vez com mais força: voltar ao evangelho”. E continua:

Mas a novidade não chega assim prontinha, quando posta no concreto das situações. Os dois eram filhos de seu tempo e caminhavam às apalpadelas. Entre luzes e sombras. Não eram perfeitos. Foram-se perfazendo no tempo e na história, até que um novo perfil de vida religiosa se fosse configurado [...] Mas os traços desse perfil nunca estarão completamente delineados, porque encarnados em situações sempre novas. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 20).

Uma fraternidade alicerçada no desejo de seguir os passos de Jesus, levando uma vida simples com um olhar especial para os pobres, excluídos e marginalizados. Essa foi a incansável busca de Charles de Foucauld depois de sua conversão até sua morte. Sua experiência de peregrinação em Nazaré lhe causou uma grande perturbação ao entender que o maior sacrifício de Jesus foi ter nascido e vivido de maneira simples no meio dos homens. (CHATELARD, 2009, pp. 44-45). Irmão Carlos não conseguiu atrair adeptos ou companheiros em sua jornada e, por conta disso, às vezes se mostrava abatido. No entanto, conforme suas palavras tinha esperança de que em algum momento, seus pensamentos e exemplos poderiam render frutos:

¹⁶ NOVO TESTAMENTO, Evangelho de Mateus, 18: 2-3.

Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Não morri, por isso estou sozinho. Reze por minha conversão para que, morrendo possa dar muito fruto [...] Jesus quer que eu construa essa dupla família (Irmãozinhos e Irmãzinhas). Como posso trabalhar para esse objetivo? Implorando, oferecendo a mim mesmo, morrendo, santificando-me, amando-O [...] Nosso Senhor está com pressa. Esta vida escondida de Nazaré, tão pobre, tão abjeta e tão recolhida não está sendo imitada (KATHRYN, 1997, p. 34/36).

Em 08 de abril de 1905, Foucauld escreveu ao Padre Caron¹⁷: “Sou um velho pecador que, no dia “seguinte” à sua conversão, há quase vinte anos, foi muito fortemente impulsionado por Jesus a levar a vida oculta de Nazaré”. E a partir daí surge a questão: “para viver essa vida de Nazaré, o que preciso fazer? (CHATELARD, 2009, p. 45). Uma das respostas era, para o beato, estar em último lugar. (CHATELARD, 2009, p. 74) Foucauld se encantou com o mistério da humildade de Jesus ao se fazer humano e viver uma vida simples entre os pobres e excluídos. Para Foucauld, não bastava ser humilde, tinha que ser o mais humilde, o último. Condicionou o amor de Deus ao amor pela pobreza, pelo trabalho, pela luta a favor dos seres humanos. Reconheceu Jesus no seu próximo e na Eucaristia (SIX, 2008, p. 56).

No Artigo primeiro do regulamento escrito por Foucauld para seus possíveis seguidores, explica de maneira clara sua principal regra, “Imitação de nosso bem-amado Senhor Jesus”. Em qualquer situação deveriam se perguntar primeiro como agiria Jesus em tal circunstância e assim, agir como Ele. O esforço para se assemelhar a Jesus deveria ser incessante e permanente, pois, para o beato, a medida da imitação é o amor. (CHATELARD, 2009, p. 85) Ser “irmão” era a palavra de ordem e ser irmão de todos, sem exceção. A hospitalidade não deveria recusar ninguém (CHATELARD, 2009, p. 155). O Beato Foucauld várias vezes colocou em prática um de seus mandamentos dos tempos de Nazaré, conforme suas palavras:

Sejamos infinitamente delicados em nossa caridade; não nos limitemos aos grandes serviços, tenhamos a terna delicadeza que entra nos detalhes e sabe por meio de um nada aplicar tanto bálsamo nos corações – “Dai-lhe de comer”, disse Jesus. Façamos a mesma coisa com aqueles que estão perto de nós, no tocante a pequenos detalhes de saúde, consolações, preces, necessidades, consolemos, aliviemos com as mais minuciosas atenções; tenhamos, por aqueles que Deus colocou perto de nós, ternas, delicadas, pequenas atenções que teriam entre si irmãos terrenos e que mães terníssimas teriam por seus filhos, a fim de consolar tanto quanto possível

¹⁷ Autor do livro: *Au pays de Jésus adolescent*. Paris: R. Haton, 1905. No capítulo VII o autor revela que conhecia Charles de Foucauld e também presenciou o início das Associações dos irmãos e irmãs do Sagrado Coração de Jesus.

todos aqueles que nos cercam e ser eles objeto de consolo e bálsamo, assim como foi Nosso Senhor para todos os que dele se aproximaram, seja a Virgem Maria e são José, sejam os apóstolos, Santa Madalena e todos os outros [...] a que ponto foi ele um consolo, uma doçura para todos os que dele se aproximavam; devemos, na medida em que o tivermos em nós, assemelhar-nos a ele nesse ponto, e em tudo santificando, consolando, aliviando o mais que nos for possível. (CHATELARD, 2009, p. 163).

Foucauld insistia que deveria viver exatamente o que pregava e a chave de todas as suas motivações era: “Fazei aos outros aquilo que gostaríeis que fizessem por vós [...] Tudo o que fizerdes aos pequenos será a mim que o fareis”. (CHATELARD, 2009, p. 104). Os anos de 1906 e 1907 foram difíceis, de privações, fome e miséria. Nesse período, o beato partilhou tudo o que tinha para amenizar um pouco o sofrimento do povo. Por causa de tanta escassez, ele mesmo caiu doente em razão de uma forte desnutrição. Nesse momento, Irmão Foucauld experimentou a reciprocidade do sentimento que mais semeava, a hospitalidade. Os tuaregues cuidaram dele, lhe deram a pouca comida que conseguiam e ficaram com ele até que estivesse com boa saúde. (SIX, 2008, p. 96).

Teixeira afirma que deixar-se animar pelo dom da misericórdia é um dos imperativos mais essenciais do seguimento de Jesus. Faustino revela que esse sentimento é um sentimento de compaixão, despertado pela desgraça ou pela miséria alheia e que a expressão misericórdia formada pela junção de *miserere* (ter compaixão), e *cordis* (coração). “Ter compaixão do coração, significa ter capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos de alguém, ser solidário com as pessoas¹⁸. Assim como Charles de Foucauld, Madalena Hutin era imbuída desse sentimento de misericórdia e compaixão pelo outro e a gratuidade da hospitalidade era para ela era um dever. Irmãzinha Madalena perguntava à todas as mulheres que manifestavam o desejo de se tornar uma Irmãzinha de Jesus se elas compreendiam bem o que pedia sua vocação. Explicava que o desejo de seguir o exemplo do “Irmãozinho Universal” significava abrir o coração como o dele às dimensões do mundo inteiro e fazer da salvação da humanidade, sem excluir ninguém, a obra de toda a sua vida. E para corresponder ao infinito amor de Jesus, era preciso estar pronta para ir até os confins do mundo, levar até lá esse amor e “gritar o Evangelho”, não com palavras, mas com a própria vida. E para “gritar seu Evangelho com a própria vida”, deveriam abandonar família, meio, pátria, língua, costumes, mentalidades – tudo aquilo que amavam e a que estavam

¹⁸ Entrevista especial com Faustino Teixeira: Fora da Misericórdia não há salvação. Instituto Humanitas Hunitas Hunisinos em 26 de junho de 2016. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/555943-fora-da-misericordia-nao-ha-salvacao-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>. Visualizado em 03/02/2018.

ligadas, e fazer-se meio da família, da pátria, da raça daqueles com quem desejavam viver. Era preciso “fazer-se verdadeiramente um deles, não apenas pelo coração, mas também pelas mais duras realidades da vida” (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, pp. 11-12).

Este ideal de vida, Irmãzinha Madalena redige aos poucos para “todas que o Ir. Carlos atrai ao seu seguimento”. Esse folheto passou a se chamar “Boletim Verde” e contém as lições que ela recolheu do Ir. Carlos, cujas ideias centrais são: consagração aos povos muçulmanos, amor aos menores dos irmãos, desejo de pobreza e do último lugar, obediência a Igreja, amor a Eucaristia e ao Sagrado Coração [...] E acrescenta suas intuições pessoais e o ideal de “viver misturada à massa humana como fermento na massa.” (JESUS, Irmãzinha Madalena, 1991, p. 26). O Boletim verde foi escrito em 1945 e em 1951 um capítulo sobre Menino Jesus e sua Mãe foi incorporado a ele. Madalena sabia que não seria fácil, que seriam condenadas, desmotivadas. Por isso insistia: “você nem sempre será compreendida [...] o seu meio – seu povo – sua raça dirão que os abandonou ou traiu e aqueles a quem escolheu com tanto amor e lealdade, custarão muito a acreditar em tanta lealdade e amor [...]” Os desafios seriam imensuráveis, deveriam se preparar de maneira intensa estudando a língua, os costumes e, especialmente a religião e a mentalidade do povo com os quais iriam viver. A prioridade era a escolha dos meios mais pobres e abandonados, aqueles para os quais ninguém iria. Irmãzinha Madalena ensinava às Irmãs:

Deverás procurar no Mapa Mundi se existe em algum lugar um punhado de pessoas que não interessa a ninguém [...] Deverás ir lá de preferência sem escutar os que dizem que é perda de tempo. Se disserem isso, é prova de que eles serão sempre desprezados por serem pequenos e pobres. Então por isso eles se tornarão nossos amigos [...] (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, Boletim Verde, S/D).

Madalena insiste que, para ser uma verdadeira filha do Irmão Foucauld, era contundente viver como ele, conforme o Evangelho, pobre entre os pobres. “Procurar sempre o último dos últimos lugares para ser tão pequena quanto meu mestre, para estar com Ele, seguí-Lo passo a passo [...]. Dispor minha vida de modo a ser o último e o mais desprezado dos homens, viver na abjeção, na pobreza, no sofrimento [...]” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, Boletim Verde, s/d, p. 21).

Em 1944, num encontro com o Papa Pio XII em Roma, se apresentaram oficialmente como Irmãs de “nada”, para as quais ninguém daria importância. Se identificavam como uma Congregação de operárias, da classe dos pobres e trabalhadores.

1.2.3 O Ideal de Pobreza do Beato Charles de Foucauld

Irmão Carlos era um homem intenso, sua obstinada busca pela tão sonhada fraternidade onde pudesse, junto com seus seguidores, imitar a vida de Jesus em Nazaré, chega a ser impactante e a austeridade de suas normas, perturbadora. Em junho de 1986, o beato sintetiza seu projeto e envia ao Padre Huvelin a “Regra”, idealizada por ele para regimentar as futuras fraternidades tanto dos Irmãozinhos quanto das Irmãzinhas de Jesus. No entanto, seu orientador se mostrava receoso com a rigidez de suas normas. Padre Huvelin escreve ao Beato:

O senhor não deve estabelecer nenhuma regra, eu vos suplico. Vossa regra é absolutamente impraticável. O papa hesitou em dar sua aprovação à regra franciscana. Ele a considerava demasiadamente severa. Mas esta regra do senhor! Ela simplesmente me assustou! (SIX, 2008, p. 51).

O estatuto do Irmão Foucauld era enfático ao reafirmar o princípio maior de uma vida de renúncia e humildade, repetindo incessantemente os ideais de pobreza tão almejados. Para ele era imperativo amar a pobreza e a abjeção, num desejo de total despojamento para ter com o “Bem Amado Irmão e Senhor Jesus – a alegria de sermos humilhados, desprezados e tratados como nada por amor d’Ele”. Praticar a virtude da pobreza de forma a reproduzir fielmente essa pobreza e essa abjeção de Jesus que, por amor, escolheu o último lugar, nasceu num estábulo, não tinha onde repousar a cabeça, morreu despojado na cruz vendo sortearem-lhe as vestes e foi sepultado num túmulo de empréstimos. E, além disso, ficar feliz quando for preciso abrir mão do necessário e suportar a pobreza. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, pp. 22-23).

A prática diária idealizada pelo Irmão Charles tem como meta não possuir nem dotes nem rendas, nem coisa alguma que possa dispensar a vida na pobreza de pequenos artesãos, ganhando penosamente, como Jesus, o pão cotidiano. Segundo o Irmão Charles, é importante dar ao trabalho manual todo o seu valor, em união com o do pobre e divino Operário Jesus, filho de Maria e filho adotivo do carpinteiro José. A preferência pelos humildes e pobres é condição *sine qua non* para uma Irmãzinha de Jesus, lembrando de que é diretamente a Jesus que se dirige o mínimo gesto de bondade e de amor feito aos menores dentre os seus. Recebê-los com respeito e amor, tendo por eles a mais delicada atenção, pois são os membros sofredores de Jesus. Ademais, é ainda imprescindível partilhar a vida dos pobres, habitar casas como as deles, comer a mesma comida, usar as roupas que eles usam. Viajar na classe

dos pobres, a última. Partilhar no hospital a sorte dos pobres. Ser enterrada como eles. Assim como Jesus, que se fez último de todos, recusar ser servida e procurar para si as ocupações mais humildes e penosas. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, p. 23).

Foucauld insistia em ocupar o último lugar, em desejar o último lugar e pedia para, no interior da fraternidade, cada uma procurar superar a outra no desejo de pôr-se em lugar inferior, aceitar todas as humilhações, sem desculpar-se de faltas que mereceram repreensão, mesmo injustas, salvo se a honra de Deus ou o bem da caridade estiverem em jogo, imitando a mansidão e a humildade d’Aquele que se calou diante de seus juízes e rezou pelos seus carrascos. E ainda tornar-se humilde em seus pensamentos, em palavras, em ações – humilde diante dos pequenos como dos grandes, diante do êxito como dos fracassos, recebendo louvores ou recebendo injúrias. Ter ao mesmo tempo, uma doçura, uma grande tolerância, uma grande indulgência para com os outros. E procurar, antes de tudo, na virtude da pobreza, mais que os sofrimentos materiais de uma pobreza externa, a abjeção das humilhações e do desprezo que ela acarreta, o aniquilamento e o despojamento mais profundo da pobreza interior de quem deseja tornar-se, dia a dia, mais semelhante a Deus. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, p. 24).

A relevância da noção de pobreza revela a compreensão maior de renúncia e despojamento tão preciosos tanto para o Irmão Carlos quanto para Irmãzinha Madalena que repetia incansavelmente para suas Irmãzinhas: “será preciso suportar! [...]” (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, p. 25).

1.2.4 Como Fermento na Massa

As regras do Irmão Charles serviram de estímulo e orientação para que, a partir de certo momento, Madalena assumisse o protagonismo e colocasse seu pensamento e sentimentos como mensagem para sua fraternidade na tentativa de corresponder aos anseios e necessidades de um novo século que despontava. Sua filosofia era de uma vida contemplativa no meio do povo, se misturando como se fossem um deles, como fermento na massa. Redigiu, então, com suas palavras, o que chamou de “seu testamento” como regras para a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Humanidade era palavra de ordem sempre repetida:

Como Jesus, durante sua vida humana, você deve fazer-se tudo para todos – árabes entre os árabes – nômades entre os nômades – operárias entre as operárias – mas, antes de tudo, humanas entre os humanos [...] Não pense que, para salvaguardar a dignidade religiosa e sua vida de intimidade com

Deus frente aos perigos exteriores – seja necessário levantar uma bandeira entre você e o mundo. Não se ponha à margem de massa humana [...] (JESUS, Irmãzinha Madalena s/d, p. 27).

E reiterava a importância de ser humana e cristã em todas as circunstâncias, pois esta era, conforme o Evangelho, a tradição dos grandes Santos e Santas da Igreja, segundo carta de São Paulo aos Coríntios – I Cor.9,12-24:

Embora seja livre, em face de todos, fiz-me servo de todos, para conquistar o maior número. Com os judeus fiz-me judeu, para conquistar os judeus. Com os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sob a Lei; como não tendo Lei para conquistar os que não tem a lei. Fiz-me também fraco com os fracos, para conquistar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar a todos. E tudo por causa do Evangelho, para ter parte nele. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, pp. 28-29).

As regras das Irmãs de Jesus subordinam as prescrições da vida religiosa às do Evangelho, estabelecendo sempre a “caridade” como regra suprema, o maior mandamento de Jesus. O silêncio e a clausura são importantes para manter momentos de intimidade com Ele. “Será sempre necessário subordinar a observação do silêncio e da clausura aos deveres maiores da ‘hospitalidade’ e da caridade, sabendo romper a tranquilidade do silêncio e do recolhimento para receber a Jesus em toda criatura que venha bater à porta da Fraternidade”. Madalena alerta para possíveis censuras e críticas que poderiam receber por comer com publicanos e pecadores, por misturar-se ao povo, por se aproximarem de pecadores. Contudo, perseverava no seu ideal de fermento na massa, imitando Jesus neste sentido: “como Ele, quando necessário, comerá com seus irmãos alegrando-se com todos. Aceitará simplesmente a hospitalidade que lhe ofereçam, vivendo fraternalmente em meio deles a sua vida cristã e vida religiosa para revelar a beleza e a grandeza delas”. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, p. 32).

Irmãzinha Madalena não conseguia conceber uma vida enclausurada, longe do povo, distante daqueles com os quais Jesus, o modelo único, gostaria que elas estivessem.

Somos contemplativas inseridas no meio popular, ousando afirmar que nossa vida contemplativa pode desabrochar em plena multidão ou percorrendo as estradas, tanto quanto no silêncio dos claustros. Isto desnorteia aqueles que querem reservar a contemplação exclusivamente para o ambiente recolhido de uma vida monástica, porque não olharam bastante para Jesus, o contemplativo por excelência. Jesus, durante a sua vida pública; Jesus que só se retirou ao deserto, longe das multidões, durante quarenta dias e viveu trinta e três anos simplesmente, no meio dos seus. (JESUS, Irmãzinha Madalena, 1991, p. 33).

Às irmãzinhas, era aconselhado o bom senso, o julgamento reto, prudência e justiça, cujas exigências deveriam ser preferidas às ilusões da caridade, estimulando o senso de responsabilidade e a consciência profissional. Nos momentos de cansaço e desânimo, Irmãzinha Madalena repetia palavras do Irmão Carlos, e insistia na prática da perseverança e paciência: “quando a gente sai dizendo que vai fazer uma coisa, não deve voltar sem tê-la feito”. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d, p. 34). Em sua prática de vida, não lhes é pedido que, em nome de Cristo, se afastem da família, amigos ou outros entes queridos, uma vez que, conforme o quarto mandamento, seus pais serão sempre, depois de Jesus, o mais terno objeto de sua afeição. Também não lhes será pedido que, em nome da humildade, abafe seus talentos, pois são dons de Deus. Tampouco será exigido que seu voto de castidade diminua sua capacidade de amar amplamente todos os homens e mulheres, irmãos e irmãs, na medida de seu amor por Jesus. E seu voto de pobreza deverá guiá-las em direção a todos aqueles que o Senhor Jesus colocar em seu caminho e, nas palavras de Madalena, “se você quiser dar inteiramente sua vida, bastará seguir o Modelo único, Jesus no Evangelho, Jesus que essencialmente, só quis ser um pobre operário, perdido no meio dos outros, ‘fermento divino na massa humana’”. (JESUS, Irmãzinha Madalena, s/d p. 37).

Enfim, Irmãzinha Madalena não sonhava uma fraternidade com pessoas perfeitas, mas apenas humanas, com suas fragilidades e imperfeições, mas com o desejo insaciável de seguir Jesus, o único modelo:

Cada vez mais vou percebendo que não somos feitas para procurar nossa perfeição pessoal, nem para fundar fraternidades “maravilhosas” e bem organizadas [...] Nosso papel, ao contrário, é roçar a semente. O mundo inteiro nos chama [...] a fé está se acabando, a caridade se apaga, porque não se encontram mais espaços para um verdadeiro amor fraterno. Todos estão cansados das “obras de caridade”; precisamos de amizade, de ternura, e se não as encontrarem na religião de Cristo, entre seus amigos mais íntimos, irão procurar longe [...] (JESUS, Irmãzinha Madalena, 1991, p. 43).

1.3. QUEBRANDO PARADIGMAS

Irmãzinha Madalena sabia que estava à frente de seu tempo e tinha a certeza de que “todas as coisas pelas quais lutava, em relação à Igreja, acabariam vindo naturalmente com a passagem dos anos, mas ela se envolvia na tarefa de abrir caminho novo, e isso tinha sido difícil”. (KATHRYN, 1997, p. 275). Usufruiu da amizade e do respeito dos Papas com quem conviveu, como o Papa Pio XII, por quem nutria enorme gratidão, como ela mesma disse: “Não posso esquecer que é a ele que devemos tudo. Sem a sua aprovação e seu

encorajamento, sem esse favor que recebi de conversar com ele e lhe escrever todo ano, não teríamos podido crescer tanto assim”. (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 105).

A morte do Papa Pio XII aconteceu em uma época que a Fraternidade estava passando por um período de efervescência com o número de irmãs aumentando a cada dia, passando de setenta e cinco em 1949 para cerca de oitocentas em 10 anos. Irmãzinha Madalena se preocupava em lidar com as necessidades das irmãs da melhor forma, principalmente pelo fato de elas serem jovens e mudarem de Fraternidade constantemente por exigência da formação, o que gerou várias críticas. Estava insegura se continuaria tendo o apoio do novo Papa João XXIII, pois não o conhecia. Em dezembro de 1959 recebeu a notícia de que receberia uma “visita apostólica”, o que lhe causara muita preocupação e tensão. (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, pp. 106-107).

Segundo Irmãzinha Anne de Jesus o sacerdote constituído para investigar a Fraternidade chegou a Tre Fontane alguns dias depois do anúncio da visita. Esclareceu que “vinha em nome do Santo Padre para examinar mais de perto a Fraternidade das Irmãs de Jesus, pois havia sido feito um pedido que ela se tornasse de Direito Pontifício¹⁹.” (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 107). Assim que chegou, o vigário pediu que Irmãzinha Madalena se afastasse de Tre Fontane para não interferir nas investigações. Ela então se afastou deixando Irmãzinha Joana no comando da Fraternidade e indo se instalar em uma pequena Fraternidade em Aix-em-Provence, de onde escreve para Irmãzinha Joana:

É horrivelmente duro. Mas aceito na alegria profunda da obediência à Igreja. [...] para mim, o mais doloroso é que coloquem a dúvida na alma das Irmãs e que, por minha causa, façam mudar alguma coisa essencial na Fraternidade. Mas continuo com uma confiança inabalável em Deus, apesar do sofrimento. Sei que, jamais, nem uma vez sequer, eu quis fazer minha vontade pessoal, desde que Ele me confiou a Fraternidade. Deus conduziu tudo, e eu segui cegamente. (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 109).

O período da visita apostólica não chegava ao fim e a tristeza e a ansiedade de irmãzinha Madalena só aumentava. Ela temia que alguns pontos do carisma da Fraternidade tivessem que ser alterados. Mas a tensão aumentou muito quando o visitador decidiu revisar as “constituições²⁰”, além de levantar a possibilidade de ficar por alguns anos. Em 31 de dezembro, no entanto, recebeu a notícia de que a visita poderia estar chegando ao fim. Irmãzinha Madalena, apesar de ainda abalada com a situação, reuniu forças para restabelecer

¹⁹ Ao se tornar uma Fraternidade de Direito Pontifício, ela deixaria de ser uma congregação diocesana e passaria a ser vinculada diretamente à Santa Sé.

²⁰ Texto básico com o qual as Irmãs de Jesus se comprometem.

a ordem para ela tão preciosa e começou a recuperar a primeira página das constituições, alterada pelo visitador: “Apresso-me em recolocar lá como definição de nossa vocação: ‘Vida contemplativa no meio do mundo’ e nada além disso me traz apaziguamento tão grande. ” (JESUS, Irmãzinha Annie, 2012, p. 110).

Quando o Papa João XXIII anunciou a convocação para o Concílio reunindo os bispos do mundo inteiro, Irmãzinha Madalena se encheu de alegria e esperança. Um acontecimento dessa grandeza logo após a visita apostólica lhe caiu como “um bálsamo numa ferida”. Em 11 de outubro de 1962, o Concílio Ecumênico Vaticano II foi aberto com a participação de mais de dois mil e quatrocentos bispos, contando ainda com representantes da Igreja Ortodoxa e de diferentes confissões cristãs como ouvintes. (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 115).

Irmãzinha Madalena tinha grandes aspirações em relação aos frutos que o Concílio geraria. Desejava muito que a unidade fosse palavra de ordem, como ela mesma disse:

A unidade é nossa missão primordial. Nada pode estar acima dela e tudo deve estar subordinado a ela. Tantas vezes repeti a vocês que, se alguém me pedisse para definir numa só palavra a missão da Fraternidade, não hesitaria um minuto sequer em gritar: Unidade – porque tudo pode ser resumido na unidade [...] No mundo, brinca-se tão facilmente com o sofrimento humano [...] Usam-se palavras tão cruéis com os seres infelizes, os doentes mentais, os pobres de espírito, os alcoólatras [...] (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 116).

Em junho de 1963 morre o Papa João XXIII e Irmãzinha Madalena, apesar de triste com a notícia, soube comovida da eleição de Paulo VI, a quem escreveu no mesmo dia: “neste dia tão importante para Vossa Santidade, permito-me dizer-lhe a alegria de uma irmãzinha que foi por Vossa Santidade recebida com tanta bondade há quase vinte anos e a quem abriu todas as portas de Roma [...]” (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, p. 117).

Em 25 de março de 1964, a Fraternidade se torna uma Congregação de Direito Pontifício, ou seja, reconhecida oficialmente pela Igreja. Em uma das várias reuniões com o Papa Paulo VI por quem nutria uma simpatia recíproca, ele carinhosamente lhe confidenciou: “Frequentemente penso na senhora”. E continua: “eu a sigo em todas as suas peregrinações. E me pergunto como pode ter resistência física e espiritual para fazer tudo aquilo. A senhora, por onde vai, leva uma chama.” (KATHRYN, 1997, p. 291). Em 14 de setembro de 1965 foi aberta a última sessão do Concílio Vaticano II e no dia 08 de dezembro, uma missa foi celebrada na Praça de São Pedro em comemoração ao seu encerramento.

O Concílio Vaticano II colocou a Igreja no coração do povo. Impelida pelas mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas ocorridas nos séculos XIX e XX, a Igreja Católica

entendeu que a renovação e a adaptação a questões contemporâneas eram necessárias e profícuas. As mudanças político sociais e o modelo econômico supressor que exclui as grandes massas e suscita o avanço da miséria, perturbam e abalam a fé. O teólogo e Padre espanhol Marciano Vidal percebe na *Gaudium et Spes*, um dos mais importantes documentos do Concílio que discorre sobre a Igreja no mundo, o entendimento do exercício da teologia como prática transformadora sem a preocupação direta de propor dogmas²¹. Neste sentido, o documento privilegia o verdadeiro sentido de fermento na massa, principal carisma da fraternidade das Irmãzinhas de Jesus e destacado com frequência pela Irmãzinha Madalena: “suplico a todos os que lerem estas linhas que não vejam aí a mínima censura a outras formas de vida religiosa que, há tantos séculos, vêm dando santos e santas à Igreja. Trata-se, simplesmente, de uma concepção diferente, que tenta responder às necessidades de um novo século.” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, s/d, p. 27). Madalena compreendia que essa opção de vida religiosa entre os pobres, excluídos e marginalizados se afastava da concepção tradicional da Igreja, mas a entendia como um chamado de amor e obediência ao único modelo a ser seguido, Jesus. A regra da fraternidade pedia que as Irmãzinhas fossem sempre obedientes ao Evangelho e colocassem a caridade acima de todas as coisas.

Segundo Boff, a Igreja Católica tem um modelo de evangelização que propõe a implantação da Igreja com dioceses, paróquias, comunidades, catequeses, sacramentos, festas litúrgicas, centros de formação de quadros, instituições de caridade, hospitais e escolas, referenciadas pela figura do Papa que garante a unidade da doutrina e a organização. As Igrejas evangélicas criam, aonde se estabelecem, instituições de caridade, assistenciais, escolas, que, apesar de relativa autonomia, estão ligadas a uma Igreja central. Boff atenta para o fato de que esses modelos representam o poder desde sempre como subterfúgio para evangelizar em posição dominante: “trata-se de uma visão imperial da missão, pois o objetivo é incorporar os novos cristãos à história dos cristãos dos países centrais por onde primeiro penetrou o cristianismo.” (BOFF, 2006, p. 11). No entanto, algumas figuras, cuja sensibilidade lhes desperta profunda compaixão pelas mazelas humanas, impelindo-as ao encontro do outro, de diferentes raças, línguas ou religião, com o único intuito de conviver fraterna e amorosamente, proclamando o Evangelho “sem o aparato do poder, apenas com o amor, o diálogo, o encontro, a inserção e o exemplo de vida.” (BOFF, 2006, p. 12).

²¹ Jornal Santuário. Concílio Vaticano II transformou a Igreja Católica. Disponível em <https://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igreja-catolica>. Acesso: Visualizado em 15/03/2019

A quebra de paradigma vem do exemplo do Beato Foucauld, cujo propósito não era anunciar explicitamente o Evangelho, mas simplesmente partilhar a vida com os escolhidos, acolhendo as diferenças culturais e religiosas, “dentro do espírito de Jesus que vê a todos como irmãos e irmãs visitados pela graça divina.” (BOFF, 2006, p. 12). E esse foi o exemplo seguido pela Irmãzinha Madalena. As irmãszinhas seriam contemplativas, tanto inseridas no meio popular, no meio da multidão, percorrendo as estradas ou no silêncio dos claustros. (JESUS, 1991, p. 37). Irmãzinha Madalena entendia a necessidade do silêncio e da clausura como fonte de manutenção da intimidade com Jesus, mas esse silêncio teria mais finalidade de fazê-las crescer no amor do que separá-las dos seus irmãos e irmãs:

Será sempre necessário subordinar a observação do silêncio e da clausura aos deveres maiores da hospitalidade e da caridade, sabendo romper a tranquilidade do silêncio e do recolhimento para receber a Jesus em toda criatura que venha bater à porta da Fraternidade, por mais ingrata, por mais inoportuna que ela seja. (JESUS, s/d, p. 32).

Irmãzinha Madalena pedia às suas Irmãszinhas: “sejam contemplativas, permanecendo ao mesmo tempo muito próximas de seus irmãos, misturando-se à vida deles, compartilhando seus sofrimentos e suas alegrias, fazendo-se tudo para todos!” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 40). E a fraternidade das Irmãszinhas de Jesus da família Charles de Foucauld, idealizada inicialmente como um gesto de amor aos povos nômades muçulmanos, se espalhou por todo o mundo sob a intuição de Irmãzinha Madalena que sentiu, como se imposta a ela por uma luz interior, que as Irmãszinhas se tornassem universais. Hoje, as Irmãszinhas de Jesus de Charles de Foucauld estão espalhadas pelo mundo todo. Cada uma delas entendeu sua vocação como um chamado para seguir Jesus como mulheres de oração, atraídas por um modo de vida que não as separa dos outros. Seu modo de vida privilegia a aproximação com as pessoas, assimilando seu modo de vida, muitas vezes completamente diferente de onde viviam. Acreditam que uma vida completamente contemplativa pode ser vivida no meio da vida cotidiana das pessoas ao redor do mundo, simplesmente compartilhando seu dia a dia, seus trabalhos e sonhos, imitando o que Jesus fez quando viveu em Nazaré. Compartilham a vida procurando a face de Deus no meio das alegrias e lutas que surgem, fundamentando, assim, uma vida de contemplação.

Considerações

Neste primeiro capítulo o tema hospitalidade foi desenvolvido de forma abrangente e fundamentado na percepção de grandes pensadores que entendem o termo hospitalidade como valores que nos movem em direção ao outro, ao próximo. Lembrando que todos somos hóspedes, uma vez que esta morada não é eterna, é preciso desenvolver virtudes a fim de criar condições para um diálogo inter-religioso, fundamental no respeito a alteridade e vivência fraterna.

Iniciei com a citação de uma narrativa bíblica para simbolizar a opção espiritual de Charles de Foucauld, cujo exemplo de vida inspirou uma discípula fervorosa que sonhou em seguir seus passos e fundar uma fraternidade onde pudesse viver segundo os ensinamentos do beato. Através de suas biografias, é possível conhecer um pouco sua trajetória e vivência na busca de imitar Jesus, vivendo uma vida simples como a Dele em Nazaré.

Em seguida, passo a narrar os desafios enfrentados por Irmãzinha Madalena no intuito de fundar uma fraternidade para viver entre os nômades Tuaregues, passando pela experiência mística que a impeliu a espalhar a fraternidade para o mundo todo. Narro também as dificuldades enfrentadas por Irmãzinha Madalena por causa da saúde, a separação e a perda da mãe, os obstáculos enfrentados até a aprovação das fraternidades pela Igreja, as primeiras fraternidades e a redação do Boletim Verde, onde escreveu as regras a serem seguidas pelas Irmãzinhas de Jesus.

No próximo capítulo, passo a narrar a preocupação crescente de Irmãzinha Madalena com os povos indígenas e a decisão de levar a fraternidade das irmãzinhas de Jesus para um povo indígena no Brasil, os Tapirapé.

2. A VIVÊNCIA DA HOSPITALIDADE

Depois de uma experiência mística intensa com Jesus, Irmãzinha Madalena sentiu que deveria espalhar a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus por todos os continentes. Afinal, no mundo inteiro havia pessoas que mereciam conhecer a palavra de Deus e Seu amor incondicional. A primeira Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus na América Latina foi no Brasil, no estado do Mato Grosso, entre os índios Tapirapé. Neste capítulo apresento os Tapirapé, seus costumes e um pouco de sua história. Narro um pouco da trajetória das missões protestantes na aldeia Tapirapé até a chegada das Irmãzinhas de Jesus. Relato também a experiência das Irmãzinhas de Jesus junto aos índios, identificando o testemunho da hospitalidade manifestada por elas no convívio do dia a dia, na cumplicidade das adversidades, nas alegrias e nos desafios enfrentados na tentativa de evitar o fim da etnia Tapirapé. Procuro demonstrar um novo modelo de evangelização e inculturação adotado pelas Irmãzinhas e os frutos colhidos desse relacionamento de mais de 60 anos.

2.1 O INÍCIO DA EXPERIÊNCIA

Em uma carta escrita durante uma viagem a caminho do Continente Americano, Irmãzinha Madalena escreve:

Agora é a América do Sul e a questão dos índios que me preocupam [...], mas estou sem forças e desconsolada porque tenho medo do que nos espera. Apoio-me com todas as forças que a obediência à Igreja me dá, em suas mãos. Se aqueles que acreditam que existe algo de pessoal naquilo que procuro fazer pudessem ver o medo que sinto ao seguir em frente, compreenderiam [...] (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, pp. 87-88).

Irmãzinha Madalena sonhava em abrir uma fraternidade das Irmãzinhas de Jesus na América Latina. Soube, então, através de frades dominicanos franceses que missionavam em terras do Araguaia, da existência dos índios Tapirapé, um povo Tupi-Guarani, habitantes da região da Serra do Urubu Branco, no Estado do Mato Grosso, à beira do genocídio, com cerca de 50 indivíduos e decidiu que levaria a fraternidade das Irmãzinhas de Jesus até esse grupo. No entanto, tinha consciência de suas limitações, visto que se tratava de pessoas e costumes completamente diferentes dos seus. Então, como e por que conviver com tamanha diferença? E a resposta vem da própria Irmãzinha Madalena quando disse, “as irmãzinhas irão de

preferência onde ninguém iria, onde a Igreja ainda não está presente, dispostas a ir até o fim do mundo para levar a mensagem do Evangelho e ser testemunhas de Cristo”. E continua, “Vão ligeiras para todos os continentes, mais leves e mais ligeiras do que as bolhas de sabão [...] Partam para bem longe, sem olhar para trás, vão para todos os povos desprezados e marginalizados.” (JESUS Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 20; 28).

Reconhecer o seu próximo era característico de uma sensibilidade compassiva e devotada como Madalena, que compreendia o verdadeiro sentido da palavra conviver. Leonardo Boff enfatiza que a “convivência se aprofunda pela comunhão de mentes e corações” e através dela, “criam-se as possibilidades para que ocorra algo de mais profundo: as pessoas começam a se envolver, a criar laços, a se tornarem mais amigas e objetivamente se amarem. As mentes e os corações vibram juntos.” Se estabelece, então, a comunhão, que abarca a solidariedade, o apoio mútuo e o sentimento de co-presença (BOFF, 2006).

Antes de se aproximar de grupos indígenas no Brasil ou em outros países, Irmãzinha Madalena fez questão de elucidar o carisma da Fraternidade para que não houvesse dúvidas sobre o verdadeiro motivo dessa aproximação. E disse:

Gostaria que as coisas fossem bem claras quanto ao apostolado. Houve rigor de posição e de interpretação do meu pensamento. No entanto, isso estava explicado muito claramente nas Constituições. Eu disse: “Nada de obras organizadas oficialmente”. Não disse: “Nada de apostolado”, pois isso seria uma falta grave contra a missão de todo cristão, uma falta grave contra aqueles que é nosso pai e que disse para “gritar o Evangelho por toda a sua vida” [...] É verdade que sempre pedi respeito pelas outras crenças e por outras religiões [...] que falei do amor “gratuito”, que não buscará os resultados, que não irá até as pessoas para convertê-las, mas unicamente por amizade para amá-las, para partilhar seus sofrimentos e estar perto delas a vida inteira.

Disse que não era necessário fazer cursos oficiais de catecismo, mas nunca disse que não deveríamos levar aos outros a luz que recebemos, o amor de Deus no qual o amor fraterno tem sua origem e tem todo o seu sentido. [...] Os boxímanes, os uídemes, os pirneus, os Tapirapé, representam povos aos quais, por enquanto, ninguém irá falar de Deus se nós não lhes falarmos. Ali podemos começar uma verdadeira preparação à evangelização, que deve ser feita em espírito de família e de amizade, como tudo o mais. Não serão cursos organizados de catecismo o que precisará ser feito, mas aproveitaremos as ocasiões de estarmos juntos para falar Daquele que amamos [...] (JESUS, Irmãzinha Annie de, 2012, pp. 88-89).

2.2 O POVO TAPIRAPÉ

Os Tapirapé são um povo indígena Tupi-Guarani originário do baixo curso do rio Tocantins. (BALDUS, 1970, p. 22). Em 1900 seu território se estendia para oeste do rio Araguaia e norte do rio Tapirapé, na região da serra do Urubu Branco, até o sul do Estado do Pará. (WAGLEY, 1988, p. 49). Suas aldeias se localizavam em terrenos altos, fora do risco de inundações, ambiente ideal para o plantio de banana, milho, amendoim, cucurbitáceas²², feijões, mandioca, cará, batata-doce, pimenta, fumo e algodão. Além da agricultura, se dedicavam também à caça, coleta e pesca. (WAGLEY, 1988, p. 71)

A professora Dra. Walkíria Neiva Praça, em sua tese doutoral, narra uma conversa pessoal que teve com Xãko'iãpari, um grande líder respeitado por todos na aldeia, onde conta que o mesmo fazia questão de afirmar que o nome do seu povo era *Apyãwa* e que eles nunca se autodenominaram Tapirapé. Argumentava que o nome do rio era “caminho de anta” e a aldeia, “aldeia da anta” (Tãpi'itã), mas que o nome deles não era este. Entretanto, depois das visitas dos estrangeiros e dos não índios, todos os chamam Tapirapé, inclusive eles mesmos. (PRAÇA, 2007, p. 01)

Segundo o antropólogo americano Charles Wagley, pouco antes de 1900 a população Tapirapé seria de 1.000 a 1.500 pessoas no total, divididos em cinco aldeias, todas agrupadas na floresta, distante dos afluentes do rio Araguaia. As cinco maiores aldeias deste território eram: Tapi'itãwa, Xexitãwa, Maakotãwa, Moo'ytãwa e Arapatãwa. Cada aldeia era composta de seis a dez residências nas quais eram acomodadas de trinta a quarenta pessoas. (WAGLEY, 1988, p. 54) Charles Wagley conta:

Tradicionalmente, as aldeias eram mudadas de local a cada cinco ou sete anos. As técnicas empregadas pelos Tapirapé exigiam um desmatamento anual para a abertura de novas roças. Em consequência, uma floresta densa, apropriada a esta técnica de cultivo, só podia ser encontrada em locais cada vez mais longe da aldeia. Tão logo as pessoas verificavam que suas roças estavam localizadas, a uma distância considerável da aldeia, tratavam de mudá-la. Foi o que ocorreu no caso de Tampiitawa, em 1940, assentada no mesmo local passados, pelo menos sete anos, embora as áreas de cultivo não parecessem tão afastadas. Assim sendo, uma mudança de localização da aldeia não era casual, tampouco mudava para um local completamente novo. Os habitantes de Tampiitawa se lembravam de pelo menos cinco lugares onde suas aldeias tinham sido localizadas. Todos eles preenchiam os critérios julgados necessários a uma boa aldeia: a terra era suficientemente alta para não ser inundada na estação chuvosa; havia um córrego perene, que nunca secava na estação seca; a aldeia ficava a uma distância razoável da savana e próximo de uma floresta densa apropriada para a agricultura. Para atender esta última exigência, a floresta devia ter pousio de, pelo menos, 20

²² Cucurbitáceas: abóbora, pepino, melão, melancia.

anos ou mais. Ou seja, os Tapirapé nunca retornavam a um local habitado em um espaço de tempo inferior a esse. (WAGLEY, 1988, p. 72).

Conforme Wagley, apesar de serem um povo da mata, os Tapirapé dependiam da exploração da savana e do rio. O antropólogo conta que, em ordem de importância, os Tapirapé são “em primeiro lugar, horticultores, e em segundo, caçadores e pescadores e, finalmente, coletores”. Se dedicam às atividades agrícolas no final da estação seca e no início da chuvosa. Caçam durante todo o ano, mas principalmente em fevereiro e março com o aumento das águas, o que favorece o aparecimento das queixadas, caititus, pacas e outros animais. Eles pescam especialmente no fim da estação seca, quando “os lagos pouco profundos da savana já não estão ligados ao rio pelos córregos, e os peixes neles represados são facilmente pescados com arco e flecha” (WAGLEY, 1988, p. 72) Este ciclo de atividades respeitando as estações acarretou aos Tapirapé, um modo de vida seminômade. Por volta de 1908, metade de sua população já havia sido eliminada por doenças como febre e malária, e os sobreviventes foram viver em outra aldeia. Em 1910, em número já muito reduzido, o povo Tapirapé foi vitimado por uma guerra bacteriológica que dizimou muitos habitantes nas aldeias. Entre 1930-32, pelo número muito pequeno de membros, os sobreviventes foram viver em Tampi’itãwa, atraídos, segundo Wagley, pelo comércio de artefatos manufaturados, como, por exemplo, machados e contas. (WAGLEY, 1988, pp. 54-57).

Suas terras não apresentavam sinal de grandes riquezas como ouro e pedras preciosas, por isso permaneceram pouco povoadas durante muitos anos. O rio Tapirapé levava fartura para a aldeia, a caça e as colheitas eram generosas na maioria das vezes. Consumiam o que produziam, não tinham panelas de ferro e confeccionavam suas redes de dormir. Viviam como aborígenes assim como no início do século XX. No entanto, a diminuição no número de índios da etnia comprometia até mesmo a realização de rituais, festas e cerimoniais, acarretando o desaparecimento de um importante ritual próprio dos xamãs, a cerimônia do Trovão. (WAGLEY, 1988, p. 61)

O etnólogo Herbert Baldus que visitou os Tapirapé periodicamente de 1941 a 1947, em uma de suas visitas encontrou um grupo extremamente reduzido de apenas 59 índios (BALDUS, 1970, p. 77). Baldus defende que o motivo da migração dos Apyãwa tenha como principal justificativa, a fuga da violência sofrida por eles, motivada pelo contato com as frentes de expansão coloniais que favoreceram o aparecimento de cidades ribeirinhas povoadas por migrantes vindos do nordeste brasileiro que passaram a explorar o Rio Tapirapé, chegando aos Apyãwa por volta de 1910, iniciando, assim, o contato dos índios

com os falantes da língua portuguesa (PAULA, 2012, pp. 29-31). A partir de então, a etnia passou por um período grande de depopulação, chegando ao quase genocídio. Morriam de sarampo, gripes, varíola e muitas outras doenças passadas a eles pelos não índios, inclusive pelos missionários dominicanos, pelos protestantes, os pesquisadores e funcionários do SPI²³, como também pelos Karajá, com os quais mantinha relação de troca. (PAULA, 2012, p. 31)

Possuíam e precisavam de ferramentas, mas a economia ainda se baseava “na horticultura de floresta tropical, suplementada pela caça e pela pesca na estação da seca. No entanto, suas roças tornaram-se certamente mais produtivas e mais fáceis de preparar com o emprego de instrumentos de aço do que machados de pedras ou com o fogo”. A caça era abundante e na estação da seca o rio Tapirapé era farto em peixes e tartarugas. A despeito disto, a diminuição do número de membros no grupo dificultava a prática de rituais e comprometia sua organização social. Um dos mais significativos rituais da etnia Tapirapé era a “Cerimônia do Trovão”, no qual os pajés enfrentavam o Trovão, *Karowãra*, e suas criaturas, os *Topy*, com o objetivo de proteger a aldeia e os Tapirapé de todo e qualquer mal. Todo ano, no final de dezembro e durante o janeiro, época das chuvas pesadas, trovoadas e fortes relâmpagos, os Tapirapé acreditavam que o Trovão estava enfurecido. Durante quatro dias os pajés fumavam grandes cachimbos até entrar em transe, embalados por cantos entoados pelos mesmos e chamavam o Trovão opondo suas forças as dele. Quando atingiam o transe, podiam visitar a casa do Trovão onde ficavam as almas dos pajés já falecidos. A preparação para este ritual envolvia toda a aldeia que abria portas laterais em cada casa por onde passava o cortejo dos pajés poderosos e seus aprendizes. Os cantos rituais eram entoados em todas as casas e no final, quando os xamãs haviam conseguido mandar embora o Trovão, havia uma espécie de benção na qual o pajé tocava a cabeça das pessoas livrando-as de todos os perigos (WAGLEY, 1988, p. 181-204).

Além disso, conforme Charles Wagley, “regras de residência pós-matrimonial foram relaxadas e não era fácil para um jovem encontrar uma esposa. Algumas de suas festividades tinham caído em desuso ou eram realizadas com dificuldades” (WAGLEY, 1988, p. 61).

A Professora Eunice Dias de Paula, em sua tese de doutoramento: *Eventos de Fala entre os Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnossintaxe: singularidades em textos orais e escritos*, prêmio CAPES 2013, defendida pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em 2012, relata que o itinerário de migração dos Tapirapé, “vencendo uma extensão enorme de terra, desde as

²³ SPI – Serviço de proteção ao Índio, criado em 1910 e operou em diferentes formatos até 1967 quando, então, foi substituído pela FUNAI.

regiões litorâneas até adentrarem no centro do Brasil”, atraiu a atenção de antropólogos e etnólogos renomados, “principalmente por se constituírem em um grupo Tupi²⁴ vivendo entre povos Macro-Jê, como os Karajá, Kayapó e Xavante”. Conforme a professora Eunice de Paula, “as frentes de expansão colonial e o aprisionamento de indígenas pelas excursões promovidas pelos bandeirantes podem ter motivado o longo deslocamento dos Apyãwa para a região central do país” (PAULA, 2012, p. 25).

A língua Tapirapé pertence à família Tupi-Guarani do tronco Tupi e é ensinada nas escolas, tanto no ensino Fundamental quanto no ensino Médio. A alfabetização é feita na língua materna Tapirapé e somente depois é ensinado o Português. (PRAÇA, 2007, p. 03) Os casamentos eram, em sua maioria, entre pessoas das próprias aldeias, contudo, era possível o matrimônio entre indivíduos de aldeias diferentes, ficando estas, portanto, unidas por laços de parentesco. O que permitiu o deslocamento de membros de uma aldeia para outra, estreitando cada vez mais os laços entre elas (WAGLEY, 1988, p. 101). Seguiam um padrão familiar, grupos domésticos formados por várias mulheres ligadas por laços de parentesco de duas ou três gerações, seus esposos e filhos. Eram literalmente monógamos. O marido passava a viver com os parentes da esposa. Apesar disso, o homem era o chefe da casa (WAGLEY, 1988, p. 109).

O antropólogo Charles Wagley narra que as aldeias Tapirapé obedecem a um plano físico culturalmente determinado: “As aldeias eram, invariavelmente, construídas em uma clareira na floresta, perto de terras próprias para a horticultura e de córregos que fornecessem água para beber, banhar-se e pubar²⁵ a mandioca. A habitação central da aldeia era uma enorme *takana*²⁶.” As residências das famílias eram ordenadas em círculo ao redor da *takana*. Haviam também as malocas, construídas essencialmente como a *takana*, no entanto, serviam de moradia para três até oito famílias. A área compreendida em todo o círculo das casas era chamada de praça. (WAGLEY, 1988, p. 103)

Os Apyãwa-Tapirapé trocavam de nome a partir da mudança no status de idade. O ciclo de vida é dividido em uma série de períodos cognitivos, diferenciados para cada sexo”. Cada segmento de vida do homem e da mulher era previamente determinado como a pessoa deveria agir e ser tratada pelos outros na aldeia. As crianças de colo eram tratadas da mesma

²⁴ O termo tupi-guarani é utilizado para indicar uma das dez famílias linguísticas do tronco tupi e diferenciá-lo dos demais troncos linguísticos identificados no Brasil que são o tronco Jê e Arauak, procedentes do conjunto de línguas dos povos indígenas que habitavam o Brasil na época da chegada dos colonizadores portugueses.

²⁵ Pôr (a mandioca) a curtir em lama ou na água para fermentar.

²⁶ Takãra “casa cerimonial” (inicialmente grafada como Takana, como em Baldus (1970) e Wagley (1988), depois mudado para takãra pelos próprios educandos). Este tema envolveu os debates sobre os aspectos organizacionais do povo, as reuniões noturnas que ocorrem no pátio desta casa, os rituais e a importância dos aspectos culturais na manutenção da identidade étnica. (PAULA, 2012, p. 63)

forma independentemente do sexo. Quando as crianças começam a andar, os meninos tornam-se *konomi* e as meninas *kotantani*. Os meninos começam a usar um lebrete fino e longo feito de osso de macaco. Tanto os meninos quanto as meninas usavam enfeites nos tornozelos e nos pulsos quando alguém da família os confeccionava. Ambos eram pintados com desenhos geométricos com tinta de jenipapo (WAGLEY, 1988, pp. 148-150). Quando um rapaz atingia a idade da adolescência, se tornava um *churangi* e, a partir daí, abandonavam a casa da família, passando a morar na *katana* durante alguns meses, longe das mulheres e com restrição alimentar. Durante o tempo em que viviam na *takana*, os meninos aprendiam as artes manuais masculinas, ou seja, trançar cestos, fazer arcos e flechas, fabricar máscaras dos espíritos usadas em cerimônias e outros trabalhos. Além disso, esse período em que os meninos viviam na *takana* era um tempo de aprendizado. Lá eles podiam observar os mais velhos e aprender canções, costumes (WAGLEY, 1988, p. 151).

Mais tarde, com um pouco mais de idade e o amadurecimento físico, o rapaz deixava de ser *churangi* e passava a ser *awauahu* (homem jovem). Esta fase não era caracterizada por cerimônias. O jovem nesta fase não pintava mais o corpo todo com tinta de jenipapo, deixava de usar o adorno labial e deixava o cabelo crescer. Quando o cabelo do jovem excedia a altura dos ombros, era chegado o momento da iniciação, um ritual denominado “cortar o cabelo”. Passado este ritual, o jovem se tornava homem maduro, um *awachewete* (WAGLEY, 1988, p. 153).

As meninas que atingiam a adolescência eram banhadas e decoradas com pinturas corporais e deveriam desempenhar o papel das mulheres adultas: ajudar a cuidar das crianças, carregar água, cuidar do fogo e cozinhar. Quando menstruavam pela primeira vez, deixavam de ser *kotantani* e passavam a ser *kuchamoko* e durante vários dias exibiam uma exuberante quantidade de colares de miçanga, o que indicava o estado da menina, e todos na aldeia se inteiravam do acontecimento (WAGLEY, 1988, p. 152).

O Etnólogo Baldus descreve o que chamou de “grupos de comer”, que se apresentavam como regra social até o final da década de 1940. Atualmente exercem função meramente cerimonial. Esses grupos atuavam como reguladores de consumo e distribuição de alimentos oriundos da caça, roça, coleta e pesca. Os grupos de comer integram pessoas de diferentes casas. Cada indivíduo pertence por toda a vida ao mesmo grupo de comer, os filhos pertencem ao grupo do pai e as filhas pertencem ao grupo da mãe. Baldus conta:

A importância, para a vida social, dessa organização em “grupos de comer” depende-se da sua finalidade, a saber: acontece, às vezes, que o produto da

caça ou colheita, que entre esses índios pode ser consumido por ambos os sexos e também pelas crianças (por exemplo: o porco-do-mato, mutum, jacu, tartaruga, mel, etc.) é grande demais para a família do caçador e pequeno demais para ser distribuído com justiça e proveito por toda a povoação da aldeia. Neste caso, e precisamente para evitar um ato menos equitativo, faz-se a distribuição pelo grupo de comer, do qual faz parte o respectivo caçador. (BALDU, 1979, p. 45).

Dentro do grupo, todos os membros consideram-se como irmãos e irmãs. As Irmãzinhas de Jesus foram cada uma, designadas para grupos diferentes. O ponto mais importante do grupo talvez seja a união entre eles. O ritual, o banquete, proporciona uma interação entre os companheiros de grupo quase impossível de ser vista em outras ocasiões. Segundo Baldu, “em certas épocas, a povoação inteira da aldeia se reúne ao mesmo tempo para o *tãtáupáũã*, que não é, na verdade, banquete realizado para a satisfação das obrigações impostas pela organização grupal de consumo, e sim um verdadeiro ágape” (BALDUS, 1979, p. 47).

Politicamente, o povo Tapirapé é extremamente democrático, tudo é resolvido em conjunto em reuniões que acontecem no pátio da *takana*, com os líderes de todas as aldeias, onde são discutidos assuntos de interesse de todo o povo. A principal função do cacique é a administração dos bens da comunidade e avaliar as decisões discutidas e decididas pelos líderes das aldeias. Atualmente a liderança tem sido exercida por jovens entre 30 e 40 anos, bons falantes do português e atentos aos acontecimentos que envolvem o país e os problemas em geral. Esses jovens demonstram um perfil de liderança, o faz diferirem dos antigos caciques que não dominavam a língua portuguesa, não sabiam nem mesmo ler ou escrever, o que dificultava a comunicação e a defesa de suas necessidades e direitos. Contudo, isso não diminui o grande valor e prestígio ritual e domínio da cultura (TORAL, André, 2004).

Os Apyãwa acreditam que toda a coisa tem espírito, *anchunga*. Esses espíritos, em sua maioria, perigosos, são controlados pelos xamãs ou panché. Acreditam que o bem ou o mal, são comandados por ações dos pajés que, com ajuda do fumo, entram em transe, se separando do corpo e se encontram com os espíritos. Deste modo, eles se protegem e não sofrem nenhum dano que, porventura pudessem vir a sofrer dos espíritos. A partir desse encontro, os pajés fazem amizade com os espíritos que se tornam seus auxiliares e os auxiliam na proteção da aldeia (WAGLEY, 1988, p. 178). Entre os Tapirapé, o tabaco era considerado uma planta sagrada. O fumo é usado por todos da aldeia para fins medicinais, principalmente pelo pajé que tem a tarefa de curar os doentes. Os pajés têm também o poder de roubar a alma de qualquer pessoa, causando sua morte (WAGLEY, 1988, p. 187).

O xamã exerce também uma função muito importante que é o controle da gravidez das mulheres. Os Tapirapé conheciam perfeitamente o processo de reprodução humana, tinham consciência de como era concebida uma criança. Contudo, acreditavam que, além do ato sexual, era preciso que o xamã levasse a criança para a mãe. Charles Wagley conta que “várias espécies de pássaros, peixes e insetos, assim como grande número de fenômenos naturais, especialmente o trovão, tinham crianças, isto é, pensavam que eles controlavam os ‘espíritos das crianças’”. Acreditavam que os pajés tomavam os espíritos das crianças destas fontes naturais e levavam para as mães, enquanto dormiam (WAGLEY, 1988, p. 188). A principal reserva de “almas” de crianças Tapirapé se localiza na serra do Urubu Branco, em um extenso paredão de pedra considerado sagrado que, na época das chuvas dá origem a uma exuberante queda d’água chamada *Yrywo’ywawa*, que significa: local onde o urubu branco bebe água. Este lugar é onde mora *Tarepiri*, conhecido como o pai das crianças do lugar onde o urubu branco bebe e aquele que garante a continuidade dos nascimentos na aldeia (TORAL, André, 2004).

É possível perceber que os Tapirapé dependiam de seus xamãs para “controlar o perigo sobrenatural, eliminar o risco dos primeiros frutos, predizer o futuro, trazer os espíritos das crianças para os futuros pais, curar doenças e prevenir malefícios”. Portanto, segundo a cultura Tapirapé, a posição de maior prestígio a ser conquistado era a de um xamã (WAGLEY, 1988, p. 191).

Os Tapirapé acreditam haver um mundo embaixo da terra onde seria o “habitat dos mortos ilustres” que é para onde os pajés vão depois que morrem. Esse habitat se localiza à grande distância, a noroeste, “onde a terra termina e a água começa e onde o sol retorna para dormir após suas viagens através do céu” (WAGLEY, 1988, pp. 191-192).

A professora Eunice de Paula conta que o ciclo ritual dos Apyãwa é assinalado por duas estações, uma que abrange o período chuvoso com o início no final do mês de setembro e vai até o mês de maio, envolvendo vinte cerimônias diferentes: *Xepaanogãwa*, *Tataopãwa*, *Axygerakãwa*, *Takãra apaãwa*, *Takãra mamieãwa*, *Awara’i*, *Iraxao*, *Xaapiãwa*, *Kawawoo*, *Ka’o*, *Marakayja*, *Ka’iawaxigi*, *Marakaxawãja*, *Tawã*, *Xiwewexiwe*, *Mytõ*, *Xanoo*, *Kawio*, *Wyramay’oãwa*, *Ka’io*. No verão ocorre somente o ritual denominado *Axywewoja*, com duração de três meses (PAULA, 2012, p. 177).

O etnólogo Herbert Baldus, depois de anos de pesquisa e convivência com os Tapirapé, explana seu ponto de vista a respeito da cultura destes índios a partir da convivência com os não índios. Ele diz:

Encarando, em 1935 a influência direta e indireta dos brancos em sua totalidade, pude dizer que ela empobreceu a cultura Tapirapé. O uso das ferramentas facilitou o roçar e a fabricação de vários objetos, mas já tornou os índios dependentes da nossa civilização pela necessidade de substituí-las continuamente. Semelhante efeito não resultou da introdução da cana-de-açúcar e de outras plantas, pois estas continuavam sendo dispensáveis à vista do cultivo bem-sucedido de numerosos vegetais autóctones. No que diz respeito às ferramentas, acontecia que elas substituíam instrumentos de outro material usados antes, mas não alteravam a tradicional divisão de trabalho entre os sexos. Também em outros aspectos da cultura, seja nos adornos, na construção da casa, na alimentação, na indústria, seja na concepção do sobrenatural, não apareciam traços de origem europeia como componentes fertilizantes. Colheres de metal ao lado de conchas e cuias; miçangas ao lado de sementes enfiadas; uma peça da nossa roupa junto à pintura do corpo; cachimbo com forninho ereto à moda dos brancos ao lado do simples tubo de fumar; Jesus Cristo identificado com um personagem que, na mitologia, aparece como dono de grandes porcos e objetos de ferro, como “capitão”, esposo e pai; - todas essas importações nossas em simbiose com os tradicionais traços não passavam de curiosidade na consideração dos Tapirapé, curiosidade cuja importância para o funcionamento de sua cultura dificilmente superava a importância de uma flecha ou lenda desses índios possa ter para os europeus em geral. (BALDUS, 1970, p. 51).

No final de 1947, uma grande tragédia se abateu sobre a aldeia Tapi'itãwa. Em uma madrugada, enquanto a maioria dos homens do grupo não estava por perto, a aldeia foi atacada pelos índios Kayapó. Os poucos homens que estavam na aldeia lutaram bravamente, mas não conseguiram defender suas mulheres e crianças. Os Kayapó considerados grandes guerreiros, queimaram algumas malocas e a casa dos homens e levaram consigo algumas mulheres e meninas. Depois desse ataque, alguns índios se refugiaram na fazenda do Sr. Lúcio da Luz, um próspero fazendeiro da região e, cujas terras deram origem à cidade que hoje é chamada de Luciara. Outros índios sobreviventes pediram ajuda no posto do SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Outros poucos sobreviventes resolveram seguir um líder de um forte grupo doméstico Tapirapé, que decidiu fugir para a floresta em direção à velha aldeia Chichutawa. Wagley conta que, só se teve notícias desse grupo em 1964, quando três mulheres Tapirapé apareceram na nova aldeia, na boca do rio Tapirapé (WAGLEY, 1988, p. 62).

Em 1950 os Tapirapé foram convencidos a formar uma aldeia perto do posto do SPI. Em 1953, em mais uma de suas visitas à aldeia, Charles Wagley encontra somente 51 pessoas vivendo na aldeia. (WAGLEY, 1988, p. 65) No entanto, com a proximidade dos Karajá, aconteceram alguns casamentos entre rapazes Apyãwa e moças Karajá. Segundo Eunice de Paula, os Tapirapé não se sentiam muito à vontade enquanto estavam vivendo com os Karajá, pois “não podiam realizar seus rituais ou construir suas roças, além do temor que sentiam em

relação aos pajés Karajá. Estranhavam muito os costumes dos Karajá, especialmente o fato de dormirem em esteiras e de não fazerem roças grandes como as praticadas por eles”. Isto fez com que os Tapirapé sentissem, cada vez mais, a necessidade de ter um espaço próprio, construindo, então, a Aldeia Itxala, denominada Orokotãwa, “Aldeia do Urucum”, a cerca de 3 km do posto do SPI (PAULA, 2012, p. 35).

Em 1973, apesar de ainda sofrerem com um grande número de mortes causadas por doenças, a população de falantes Tapirapé já contava 138 pessoas. Em 2012, os Apyãwa somavam cerca de 750 pessoas habitando em 7 aldeias: Tapi’itãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Myryxitãwa e Akara’ytãwa localizadas na Terra Indígena Urubu Branco e Majtyritãwa, localizada na Área Indígena Tapirapé-Karajá, que abriga também as aldeias Hawalora e Itxala, consideradas do povo Karajá, embora haja vários Apyãwa vivendo nessas aldeias, casados com mulheres Karajá. No entanto, se forem contados os filhos e filhas de pais Tapirapé morando em outras aldeias de outras etnias, o número de Tapirapé aumentava para 948 pessoas no mesmo ano (PAULA, 2012, pp. 37-38).

A linguista Eunice de Paula que viveu entre os Tapirapé por muitos anos, relata em seu artigo que:

A Terra Indígena Urubu Branco compreende porções territoriais dos municípios de Santa Terezinha (MT), Porto Alegre do Norte (MT) e Confresa (MT). Entretanto, o contato maior dos Apyãwa é com a cidade de Confresa, para onde se dirigem por causa de atendimentos médicos, internações hospitalares, serviços bancários, serviços de correio, aquisição de alimentos industrializados e roupas, entre outros motivos. Em Confresa estão localizados o Polo de Saúde Indígena, a CTL (Coordenação Técnica Local) da FUNAI e a Assessoria Pedagógica, órgão da SEDUC-MT, órgãos com os quais os Apyãwa necessitam contatar quase que diariamente. O acesso à terra indígena, por via terrestre, também é feito a partir de Confresa, que dista 30 km de Tapi’itãwa, a maior aldeia dos Apyãwa. Já os Apyãwa, habitantes da área Indígena Tapirapé-Karajá, se relacionam mais com a cidade de Santa Terezinha (MT), embora esta área também abranja parte do município de Luciara (MT). A sede do município de Santa Terezinha também dista cerca de 30 km da aldeia Majtyritãwa por estrada de chão. A população soma hoje, aproximadamente, 960 pessoas, habitantes das aldeias acima mencionadas. São todos falantes de língua tapirapé como primeira língua e a grande maioria é falante também de Português como segunda língua. As crianças até por volta de cinco anos de idade podem ser consideradas como monolíngues em Tapirapé. A língua tapirapé é classificada por Rodrigues (1986) e Rodrigues e Cabral (2002) no sub-grupo IV da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi. (PAULA; TAPIRAPÉ, 2017, p. 219).

O antropólogo André Toral, a respeito das novas frentes de expansão nas terras Tapirapé, conta que a partir da década de 50, as novas frentes de expansão são impulsionadas

pela política de incentivos fiscais subsidiados pela “Sudam, Banco da Amazônia do programa Polomazônia, se pautando em duas diretrizes básicas: (1) melhoria e ampliação da rede de estradas vicinais de apoio à pecuária e (2) desenvolvimento e consolidação da atividade pecuária”. No ano de 1954, o governo do estado do Mato Grosso confere à Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia a concessão para comprar e vender grandes extensões de terras na região do Araguaia, inclusive na TI Karajá e Tapirapé. Segundo Toral, “todo o território imediatamente ao norte do rio Tapirapé – onde se incluíam o Posto indígena Heloísa Alberto Torres e as terras habitadas tradicionalmente pelos Tapirapé e Karajá da barra do Tapirapé – fora dividido em ‘lotes’ e vendidos a particulares”. As terras vendidas incluem a TI Urubu Branco e as terras de Santa Terezinha, atualmente sede do município com o mesmo nome. Depois de loteadas e vendidas, os novos proprietários exigiram a saída imediata dos antigos moradores (TORAL, André, 2004).

A região da serra do Urubu Branco é, desde a década de 1980 até os dias de hoje, 2019, uma das regiões com maior registro de conflitos sangrentos entre trabalhadores rurais e milícias de fazendeiros locais. André Toral relata que é costume por parte de fazendeiros e grupos econômicos, contratar os serviços de “pistoleiros”, que formam autênticas milícias armadas, para assegurarem a posse de terras pelos invasores. Em 1983, os Tapirapé conquistaram o reconhecimento da TI Tapirapé/Karajá e passaram a reivindicar as terras da Região do Urubu Branco. (TORAL, 2004) O antropólogo conta:

Em 20 de novembro de 1993, cansados de esperar providências por parte da FUNAI, 62 Tapirapé ocuparam o retiro de uma fazenda e reocuparam a aldeia Tapiitawa. Em 1994, a presidência da FUNAI aprovou o relatório produzido pelo GT (Grupo Técnico) instituído no ano anterior encarregado de definir a área da TI Urubu Branco conforme proposta dos Tapirapé. Em outubro de 1996 o Ministro da Justiça, Nelson Jobim, assinou a portaria 599 declarando essa Terra Indígena como sendo de posse permanente dos Tapirapé, a qual foi homologada no mesmo ano. (TORAL, André, 2004).

A TI Urubu Branco compreende a área de 167.533,3271 hectares que englobam os municípios de Santa Terezinha, Confreza e Porto Alegre do Norte. Sua demarcação foi homologada por decreto presidencial e publicada no Diário Oficial da União de oito de setembro de 1998. A área é reconhecida como território de ocupação tradicional do povo Apyãwa-Tapirapé por meio da Portaria nº 599, de dois de outubro de 1996, do Ministério da Justiça. Entretanto, vários ocupantes não índios continuam nas terras e se recusam a desocupá-la. Em 2004, os réus propuseram uma ação pedindo a anulação da demarcação e pedindo o reconhecimento de domínio privado de imóveis titulados pelo Estado de Mato

Grosso e ainda pediram indenização por perdas e danos. No entanto, além de reconhecer, pela segunda vez a TI Urubu Branco como pertencente aos Tapirapé, a Justiça Federal do Estado do Mato Grosso determinou a imediata desocupação dos não indígenas, proibindo-os ainda de “realizar ocupações, reocupações, invasões, permanência, circulação, edificações de qualquer espécie, assentamentos, alienações, permutas, transferência de posse envolvendo particulares ou de quaisquer outros restritivos da posse direta e usufruto exclusivo dos integrantes da Comunidade Indígena Tapirapé” (Ministério Público Federal, 2017).

Aos poucos a chegada do progresso fica visível na aldeia, o que permitiu melhorias e avanços. Contudo, Irmãzinha Genoveva se sentia preocupada com alguns pontos negativos que esse progresso poderia motivar. Em 1986 ela escreve: “A gente fica impressionada como eles são tentados pela sociedade de consumo. Que praga esta sociedade capitalista! Os outros têm também seus defeitos certamente, mas [...]” Irmãzinha Genoveva descreve em outra carta:

[...] eles se adaptam à alimentação dos brancos comprando macarrão, cebola, óleo, conserva de tomate etc [...] eles compram também muitas roupas somente para estar bem vestidos. Cada um tentando ter o mais possível. Ao contrário, a participação gratuita em trabalhos ou em dinheiro para a comunidade é cada dia mais fácil. Ainda não é questão de uma imposição. Mas o cacique se interroga a respeito da sobrevivência da comunidade. (REMY, 2018, p. 59).

A preocupação das Irmãzinhas se faz pertinente principalmente depois da chegada da luz elétrica e da televisão. Outra preocupação é o crescente uso de drogas e de álcool pelos Tapirapé, uma vez que a região é rota de tráfico vindo da Colômbia. Irmãzinha Genoveva faz menção ao problema em uma carta onde expressa sua aflição: “[...] mesmo aqui não estamos livres da droga. Ela circula nos povoados e cidades da região. Os Tapirapé conhecem o risco e tentam educar sua juventude como eles o fizeram para o álcool”. Esse temor é oportuno e compartilhado por outros povos indígenas, portanto, é também um inimigo a ser vencido por esse povo forte, alegre e obstinado.

2.3 MISSÕES

Alguns grupos missionários protestantes, tanto nacionais quanto internacionais que excursionavam pelo Araguaia, tinham como meta construir missões que pudessem atrair os povos indígenas. O objetivo era evitar que os dominicanos conseguissem o privilégio na

evangelização dos índios, incluindo os Tapirapé. Dentre muitas, duas missões se destacaram por sua efetivação, a missão inglesa UESA- União Evangélica Sul-Americana, fusão de agências missionárias menores que já atuavam no Brasil em 1925, cujo interesse nos índios se remete a 1909, ano em que começaram a observar os indígenas do Vale do Araguaia, e também, a partir de 1924, uma missão estadunidense passa a visitar a região com os mesmos propósitos, resultando na instalação dessas agências na região do Araguaia nas décadas de 1920 e 1930 (ARAÚJO, 2019, p. 259).

A Professora Ordália Cristina Gonçalves Araújo, em sua tese de doutoramento: *Os Javé e o Protestantismo: Salvação e Resistência (1896-1937)*, defendida pelo Programa de pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, em abril de 2019, relata:

Instaladas as missões protestantes no Vale do Rio Araguaia, percebemos as relações conflituosas que se estabeleceram no lugar em função da concorrência entre vertentes cristãs que se opunham na busca e evangelização dos povos ali existentes. Como representantes de interesses externos e até colonizadores, os missionários davam continuidade a uma prática realizada desde os tempos coloniais, possibilitar a conquista dos indígenas pela evangelização. Não sendo eles os responsáveis diretos pela expulsão dos indígenas de suas terras, visto que, desde a segunda metade do século XVIII, a política indigenista dos aldeamentos instituiu um “espaço vazio”, liberando o livre curso para as frentes²⁷ de expansão pecuarista com a criação de gado, os missionários católicos e protestantes passaram a envidar esforços no sentido de alcançar um maior número possível de indígenas, buscando atuar de acordo com uma “nova” estratégia de evangelização (a política oficial dos aldeamentos já havia se extinguido): reuni-los no espaço circunscrito da missão – também designada base ou estação missionária – ou viver entre eles em suas aldeias. (ARAÚJO, 2019, pp. 259-260).

Para os dominicanos, a presença protestante configurava invasão do território eclesiástico, o qual se reconheciam designados a proteger e controlar. Em julho de 1914, os missionários Dominicanos estabelecidos em Conceição do Araguaia visitaram Tampiitawa e, em 1930-32 estabeleceram um ponto de contato quando, na estação da seca, a cada um ou dois anos, realizavam serviços religiosos e alguns batismos. Segundo Charles Wagley, “o bispo de Conceição do Araguaia estava convencido, sensatamente de que os Tapirapé eram um povo praticamente condenado a desaparecer”. Temendo não encontrá-los vivos na

²⁷ A frente é constituída de grupos nômades de homens inclinados a desalojar qualquer grupo indígena que por acaso venham a encontrar, aproveitando de suas mulheres como concubinas ou produtoras de alimentos e atraindo os homens para o trabalho de remeiros, carregadores e outros (ARAÚJO, 2019, p. 259).

próxima visita, os padres achavam que deveriam ser batizados ainda em sua inocência infantil (WAGLEY, 1988, p. 58).

As missões, tanto protestantes quanto católicas, não atraíam o interesse dos indígenas, tão pouco provocaram alterações em seu comportamento, rituais ou costumes. Fato talvez justificado pelo curto período das visitas e, principalmente, pela dificuldade com a língua, o que impedia ou dificultava a comunicação. A mensagem que os missionários pretendiam transmitir não alcançava os nativos. No entanto, conforme o antropólogo Charles Wagley, um missionário escocês conquistou os Tapirapé e viveu com eles de 1932 até 1935, entre idas e vindas. O Reverendo Frederico S. Kegel, da União Evangélica da América do Sul, foi amado pelos Tapirapé de Tampiitawa e, em certas situações até mesmo temido, pois ficava furioso quando os homens espancavam suas esposas. Reverendo Kegel visitava os Tapirapé todos os anos na estação da seca e a cada visita permanecia um mês ou mais, vivendo em uma pequena casa construída para ele fora do círculo da aldeia. Kegel caçava e cantava com eles, aprendeu suas canções e ensinou as dele. Além disso, o reverendo lhes dava remédios (WAGLEY, 1988, p. 59).

A Dra. Ordália de Araújo relata:

A revista “Mensageiro do Santo Rosário” noticiou dois conflitos entre dominicanos e protestantes, em 1934 e 1936. O primeiro deles, já mencionado por Rettie, envolvia Frederick Kegel, que missionou entre os Tapirapé de 1932 a 1935. O outro envolvia Zacharias Campello, cuja atuação ocorria entre os Xerente, em Piabanha, atual Tocantínia, no estado do Tocantins (ROBERTO, 1983, p. 91-94). Sob acusações de roubo de duas crianças Tapirapé para serem evangelizadas e educadas na Missão Protestante Inglesa, em Macaúbas, os dominicanos solicitaram ao governo do Pará a abertura de inquérito para averiguar as denúncias contra Frederick Kegel. Ao final, ele foi absolvido, contrariando as intenções dos freis dominicanos, os quais, com a ajuda de indígenas e não indígenas, acabaram por expulsá-lo no ano seguinte, em 1935 (ARAÚJO, 2019, p. 274).

Apesar de tudo, “Frederico S. Kegel foi o não indígena mais influente na história Tapirapé até a chegada das Irmãzinhas de Jesus, em 1952” (WAGLEY, 1988, p. 59).

2.4 A CHEGADA DAS IRMÃZINHAS DE JESUS

No dia 16 de junho de 1952, Irmãzinha Madalena, fundadora da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, escreve uma carta dando notícias de sua chegada ao Brasil para fundar a primeira fraternidade na América Latina. Nesta carta ela narra:

Passamos a noite em Goiânia e amanhã iremos a Conceição do Araguaia. Depois seguiremos pelo rio, três ou quatro dias de viagem para descobrir nossa nova fraternidade com os índios Tapirapé. Nós ficaremos ali quinze dias, porque encontraremos novos problemas para resolver, e queremos viver um pouco com as Irmãzinhas que vão ficar ali. Também, só tem avião a cada quinze dias. (JESÚS, Hermanita Magdeleine de, 2016, p. 1650).

Irmãzinha Madalena desembarcou no Brasil para trazer as Irmãzinhas francesas Genoveva e Denise, que haviam feito seus votos recentemente, e Clara, uma enfermeira postulante à Irmãzinha, que fariam parte da mais nova fraternidade, a primeira da América Latina que seria no estado do Mato Grosso, junto com os índios Tapirapé (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 21). Irmãzinha Madalena desejava abrir uma fraternidade na América Latina quando soube através de frades dominicanos que missionavam no Araguaia, na diocese de Goiás, da existência da etnia indígena Tapirapé, com apenas 50 pessoas e à beira do genocídio (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 13).

Depois de várias experiências missionárias vivenciadas pelos Tapirapé, sem muita ou nenhuma relevância, as Irmãzinhas chegam com uma proposta ousada de evangelização, cujo objetivo maior era a amizade, a convivência e a hospitalidade. Um detalhe que chama a atenção e diferencia a missão das Irmãzinhas de Jesus das outras missões, é a sua preparação antes da chegada na aldeia. Haviam desembarcado no Rio de Janeiro semanas antes de partir para o estado do Mato Grosso. Chegaram discretas, não foram direto para a aldeia Tapirapé, mas permaneceram por dois meses e meio no colégio das Irmãs Dominicanas em Conceição do Araguaia onde começaram a ter aulas intensivas de português e de tudo mais que pudesse ser útil no dia a dia na aldeia. Começaram a se familiarizar com os trabalhos manuais, queriam saber sobre o que era permitido e o que não era, aprenderam a conduzir canoa, plantar mandioca, estudaram quais as plantas serviam para remédio e tantas outras coisas que faziam parte da realidade da aldeia. Queriam entender a experiência dos índios para interagir com eles e conseguir verdadeiramente alcançá-los. (REMY, 2018, p. 31) Porém, a diferença da missão das Irmãzinhas de Jesus para os outros trabalhos missionários iria muito além. A singularidade da missão era a obediência aos ensinamentos de Irmãzinha Madalena que insistia na ideia de “fermento na massa” e dizia: “explico às Irmãzinhas o meu pensamento, que é muito simples: elas se farão Tapirapé para, irem aos outros e amá-los [...] Mas serão sempre Tapirapé que amarão os Kayapó, seus inimigos [...]” As Irmãzinhas humildemente se convidaram a serem aceitas para simplesmente conviver com os índios e se tornarem um deles (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 13).

Neste sentido, qual seria, então, a finalidade da missão? Qual o objetivo de se tornar um Tapirapé? A resposta às questões está no carisma da fraternidade que é seguir os passos do Irmão Charles de Foucauld e gritar o Evangelho, não com palavras, mas com a própria vida. Escolher, acima de tudo, os mais pobres, excluídos e marginalizados e desprezados e abandonados, “aqueles para os quais ninguém iria” (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, 1952, pp. 11-12). Neste sentido, é coerente pensar em uma fraternidade junto aos Tapirapé, uma vez que a etnia se encontrava à beira do genocídio, com apenas 50 pessoas. A preocupação com os povos indígenas manifestada pela Irmãzinha Madalena se mostra relevante na medida em que os povos ameríndios sempre ocuparam uma posição de secundarismo no que diz respeito às políticas públicas e sociais.

Em setembro de 1962, em seu discurso de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII declara: “Onde se trata dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta como ela é. Ela deseja ser a Igreja de todos, e de modo especial a Igreja dos pobres” (BINGEMER, 2017, p. 27). O Concílio Vaticano II levou a Igreja para o meio do povo, abrindo caminho para uma nova dialética, cuja direção levaria a uma singular teologia, a Teologia da Libertação. A respeito disso, Irmãzinha Madalena conhecia muito bem, pois as práticas adotadas por ela e pela Fraternidade das Irmãs de Jesus era exatamente o que propunha esse novo modelo de evangelização. Por essa e outras razões, as Irmãs chegaram na aldeia despidas de arrogância, prontas para viver uma amizade onde o objetivo maior era conviver com os Tapirapé, respeitando sua cultura e seus costumes, vivenciando a fé na prática do Evangelho. Segundo o historiador Padre José Oscar Beozzo²⁸, a missão das Irmãs de Jesus “antecipa questões do Vaticano II sobre o modo de fazer missão, acerca da necessidade de uma real inculturação do evangelho e de um percurso solidário e sem retorno com aqueles aos quais foram enviadas.” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 16)

Enquanto esperavam pelo dia em que partiriam para a aldeia, as Irmãs se preparavam para o que talvez fosse o maior desafio de suas vidas. Viver em um país distante do seu, entre povos tão diferentes, demandava preparação. Por isso elas tentavam aprender tudo o que podiam, como andar a cavalo, fiar lã, pescar, conduzir um barco, consertar o motor do mesmo, pillar o café e assim por diante. Tudo para que não fossem tão dependentes dos nativos e pudessem ter uma rotina normal na aldeia. Depois de uma viagem difícil durante dias, no dia 05 de outubro de 1952, em um domingo, as Irmãs chegaram à aldeia

²⁸ José Oscar Beozzo é coordenador-geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep). Mestre em Sociologia da Religião, pela Université Catholique de Louvain (Bélgica) é doutor em História Social, pela Universidade de São Paulo (USP). Faz parte do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA-Brasil).

Tapirapé. Estavam animadas e eram esperadas com alegria por todos na aldeia, como registrado no diário das Irmãzinhas: “Pelos 16:30 horas, chegamos à aldeia Tapirapé. Dom Luís está na beira do rio com todos os Tapirapé, e a alegria é recíproca ao nos reencontrarmos. Muitos já são nossos conhecidos. Dom Luís nos apresenta aos outros”. E os Tapirapé também se prepararam para a chegada das novas moradoras da aldeia, como é relatado no diário: “para a nossa chegada cortaram árvores e mato numa largura de seis metros. Mas as surpresas continuam: ficamos sabendo que não somente prepararam uma roça. Como plantaram mandioca e banana!” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 51).

Um jovem que viveu durante algum tempo no seminário em Conceição do Araguaia, emprestou a casa em que vivia com a família, para as Irmãzinhas ficarem até que a casa delas fosse construída. Era a mesma casa em que ficara Irmãzinha Madalena quando visitaram a aldeia pela primeira vez para conhecer a aldeia onde ficariam as Irmãzinhas para mais uma fraternidade. As Irmãzinhas contam no diário: “eles se enfeitaram para nos receber e pintaram os corpos com desenhos pretos. Taywi leva dom Luís ao lugar escolhido para a nossa casa, explicando que não quiseram começar a construção sem nós” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 52). A pintura corporal para um indígena tem um significado muito forte. É uma expressão artística muito rica em significado e sentidos. Neste caso, parece que as boas vindas foram dadas às Irmãzinhas. A professora Dra. Lux Boelitz Vidal²⁹, em sua obra *Grafismo indígena. Estudos de Antropologia Estética*, diz:

[a] arte faz parte da história e dos contextos sociais, o seu valor estético não se separa absolutamente das outras manifestações materiais e intelectuais da vida humana. No contexto tribal, mais que qualquer outro, a arte funciona como meio de comunicação. Disso emana a força, a autenticidade e o valor da estética tribal. (VIDAL, 1992, p. 17).

E assim começou definitivamente a aventura das Irmãzinhas de Jesus e a missão entre os Apyãwa-Tapirapé. Na segunda feira, dia 06 de outubro as Irmãzinhas se despedem dos tripulantes do barco que as levaram à aldeia, juntamente com Frei Gil, depois de assistir a uma missa celebrada por ele. Combinaram que faria uma visita por mês. Naquele dia elas escreveram no diário: “passamos a tarde arrumando e varrendo nossa casa e tirando das caixas

²⁹ Possui graduação em Artes pela Sarah Lawrence College, mestrado e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade de São Paulo, Professora Doutora da Comissão Pró Índio com experiência na área de Antropologia, com ênfase em Teoria Antropológica.

apenas as panelas e louças necessárias. Vai começar a vida da Fraternidade [...]” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 53).

O início não foi fácil, a prioridade era cuidar dos doentes da aldeia e dos arredores. Às vezes eram chamadas a qualquer hora do dia ou da noite e estavam sempre prontas para atender as emergências. Irmãzinha Clara era enfermeira e responsável por cuidar dos doentes, e Irmãzinha Genoveva era quem a levava de barco quando os atendimentos eram fora da aldeia. Os nativos rapidamente se sentiram à vontade com as Irmãzinhas. Enquanto estavam morando na casa emprestada, às vezes se assustavam quando, de repente, entrava um Tapirapé para deixar algum alimento para elas ou para beber água ou simplesmente conversar, uma vez que as casas não tinham porta. No entanto, quando foram para sua casa, elas fizeram portas e alguns Tapirapé, em respeito à privacidade das Irmãzinhas, perguntaram se poderiam visita-las. A resposta foi afirmativa, evidentemente. As crianças eram as que mais as visitavam. As Irmãzinhas se sentiam verdadeiramente em casa e realmente não estavam sozinhas, os Tapirapé cuidavam delas, conforme o diário, num sábado, dia 18 de outubro de 1952:

Durante a tarde, Genoveva decide plantar várias fruteiras, e então vamos até à mata buscar madeira para o jirau necessário para protegê-las das galinhas. Konomiti nos acompanha. É um menino de 9 anos, cabelos compridos, de enxada no ombro, caminhando firme. Ele vai à frente, orgulhoso do seu papel de guia, orientando sobre a madeira mais indicada para isso. E de noite estão plantadas num caixote várias mudas de mangueiras, cajueiros, laranjeiras e limoeiros! E num cantinho, alface e rabanete. Até agora, as verduras têm estado completamente ausente de nossa alimentação.

De manhã, Korawa nos diz: “você já não têm mais mandioca, nem banana, nem peixe [...]’ E durante o dia vai chegando tudo o que nos faltava.” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 57).

As Irmãzinhas levavam uma vida discreta, simples e sem conforto, a nova casa foi construída um pouco afastada da aldeia, como idealizou Irmãzinha Madalena, para que elas pudessem ter alguns momentos de silêncio para oração. Na casa tinha a clausura³⁰ e ao lado, uma humilde capela. Mantinham uma rotina de orações enquanto não tinham a visita de um padre para rezar a missa. Apesar das dificuldades, privações e escassez, não se mostravam abaladas ou desanimadas no que diz respeito à sua vocação e ao compromisso com os ensinamentos do Irmão Foucauld e Irmãzinha Madalena. Não pregavam para os índios, mas

³⁰ Nos primeiros anos da fundação da Fraternidade, o quarto das Irmãzinhas era chamado de “Clausura”, o que era habitual naquela época nas casas religiosas. Na clausura, os leigos não podiam entrar.

mantinham sua rotina de orações, respeito aos dias santos, comemorações nas datas católicas e obediência aos dogmas da Igreja. Segundo o relato no dia vinte e nove de março de 1953, em um domingo, elas contam: “Os Tapirapé respeitam cada vez mais o descanso do domingo, simplesmente porque notam que é um dia diferente para nós. Isso nos faz pensar que não podemos minimizar nenhuma expressão exterior que possa nos ajudar a dar testemunho da nossa fé”.

De forma sutil, as Irmãzinhas envolviam os índios em suas comemorações. Veladamente chamavam sua atenção, como um convite para que eles se sentissem interessados e atraídos por sua fé. Na véspera do natal de 1952, elas escrevem no diário:

É essencial fazer a mesa do altar, se quisermos ter o Santíssimo Sacramento em casa. Genoveva se lança no trabalho. De tarde, o sacrário é fixado sobre uma mesa feita de paus roliços, presos uns aos outros com pregos e cipós, enquanto esperamos a mesa definitiva. Denise acaba de preparar tudo para a missa da noite. Uma última arrumação no presépio, que além do Menino Jesus, Nossa Senhora e São José, tem três Tapirapé feitos de cera por Makapyxowi. Dona Inês, e as filhas vêm ver o frei Alberto e nos trazem frutinhas. É tudo o que têm. Não há realmente nada e é difícil preparar uma comida apresentável. Como não recebemos nada para festejar o Natal com os Tapirapé, preparamos bolinhos de arroz-doce para oferecer-lhes depois da missa. Tudo bem pobre, realmente, mas mesmo assim eles estão contentes. Sem dúvida, teríamos que proporcionar-lhes uma outra alegria além de dar presentes [...]

Às 9 horas da noite, colocamos lenha bem grande no fogo e começamos a Vigília à luz do lampião, que atrai um bocado de mosquitos [...] cantamos, lemos e temos um tempo de oração silenciosa antes de rezar as Matinas. À meia-noite e meia, depois de termos posto nossos hábitos brancos³¹, vamos acordar os Tapirapé, cantando ao som da flauta. Infelizmente começou a chover, e então não temos muitas esperanças que levantem. Assim mesmo chegaram uns quinze [...]" (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 73).

Se levarmos em conta a sutileza, mas ao mesmo tempo o poder do simbolismo, os três Tapirapé representados no presépio falam muito mais do que uma pregação.

Irmãzinha Madalena e o Padre Voillaume tinham uma grande preocupação com os povos que consideravam estar “afastados de Deus”. Estes povos incluíam todos os não cristãos, inclusive os indígenas. Ao assumir um papel missionário no meio das massas, as Irmãzinhas, algumas vezes, foram acusadas de negligenciar seu papel de catequista. Por isto criaram um novo grupo chamado Irmãzinhas de Cristo, que assumiria um papel específico de instrução religiosa. As Irmãzinhas de Cristo mais tarde se tornou uma congregação separada e

³¹ Túnica usada pelas Irmãzinhas nos dias de festa, durante os primeiros anos de fraternidade.

autônoma com o nome de Irmãzinhas do Evangelho. A novidade foi bem aceita por alguns e se tornou motivo de apreensão para outras (SPINK, 1997, p. 189).

Quando as irmãzinhas chegaram, quase todos os Tapirapé eram batizados. O batismo era uma prática missionária junto aos povos indígenas. No entanto, ainda que o povo Tapirapé tenha sido batizado antes de 1952, eles não tinham consciência do que isto significava para a fé cristã. Isto foi motivo de uma quase substituição das Irmãzinhas de Jesus que viviam entre os Tapirapé, pelas Irmãzinhas do Evangelho que, ao chegarem à aldeia, em junho de 1964, colocaram em questão a posição das Irmãzinhas de Jesus diante da religião Tapirapé. A prática adotada pelas Irmãzinhas de Jesus privilegiava a convivência e a amizade como forma de expressão de Deus (REMY, 2018, p. 47). A permanência das Irmãzinhas do Evangelho foi muito curta, o que causou certo alívio nas Irmãzinhas Genoveva Helena que declarou: “[...] (elas) viram que não poderiam ficar. Então tudo mudou e nós ficamos, eu fiquei, eu penso que foi uma boa, porque tudo seria encaminhado de modo diferente [...]” (REMY, 2018, p. 48).

Apesar dos índios serem batizados, eles não rompiam com os práticas e costumes do povo, assumindo os hábitos cristãos. Através dos relatos do diário das irmãzinhas de Jesus, percebe-se que os indígenas admitiam participar do evento sem a mínima formalidade, simplesmente aceitavam. No dia vinte e seis de dezembro de 1952, as Irmãzinhas narram no diário o momento da cerimônia do batizado: “As crianças, separadas das mães, se debatem e gritam no colo das madrinhas. A gente só ouve risadas e conversas dos Tapirapé quando as mães conseguem dar o peito aos filhos por cima do ombro das madrinhas. Limpamos um pouco as carinhas lambuzadas de leite, e a cerimônia começa. ” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 74). As Irmãzinhas diziam que, mesmo batizados, “[...] não conhecem Deus, seu único culto é aquele das almas que eles temem muito [...]” (REMY, 2018, p. 42). Entretanto, os padres e missionários levavam a sério o evento, pois eram eles quem escolhiam os padrinhos que eram levados das fazendas ou do SPI (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 74).

A rotina diária das Irmãzinhas era simples e corriqueira. Faziam suas orações, cuidavam dos doentes, plantavam e colhiam, cozinhavam, visitavam e recebiam visitas, dentre outras coisas comuns na aldeia. Enfim, pouco diferente dos índios. Com o tempo, laços foram se desenhando e a amizade crescendo entre elas e todos da aldeia. Mas por amor à sua vocação e aos índios, não perdiam a esperança de que os índios algum dia se sentissem tocados por Jesus. De acordo com o diário das Irmãzinhas, no dia dezanove de dezembro de 1953, elas escrevem: “À noite, conversamos sobre nossa vida aqui. Falamos sobre nosso grande desejo de ver um dia os Tapirapé professarem a fé cristã e conhecer realmente Nosso

Senhor Jesus” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 160). Quando as Irmãzinhas chegaram na aldeia, as missões tinham claramente uma conduta catequizadora, o objetivo era a conversão dos povos indígenas. Entretanto, a postura das Irmãzinhas se diferenciava das outras missões, uma vez que o objetivo era levar a mensagem do Evangelho aos índios, mais do que com palavras, mas com atitudes, na prática, incorporando seus hábitos aos deles, partilhando seu cotidiano, como uma forma de enriquecimento mútuo, se misturando como fermento na massa. Apesar desta consciência, ainda que se mantivessem firmes ao propósito de ser como fermento na massa, alguns costumes Tapirapé perturbavam as Irmãzinhas. Irmãzinha Genoveva escreveu em 1997:

Nos primeiros vinte anos, tentamos ‘dizer’ nossa fé aos Tapirapé e que, por causa de Jesus e de seu evangelho, tínhamos vindo viver com eles. Diante de certas “leis Tapirapé”, expressávamos a proposta cristã. Essa preocupação era muito forte, mas jamais foi imposição. Graças ao carisma da Fraternidade que nos habitava, soubemos esperar a hora de Deus, descobrindo e valorizando a vida deles. Tudo isso com nossas forças, apoiadas na Fraternidade e nos padres dominicanos de Conceição do Araguaia. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 241).

Um dos costumes do povo que deixava as Irmãzinhas perplexas era o rito no qual submetiam crianças de aproximadamente dez anos a uma sessão de escarificação, cujo objetivo era manter a boa saúde da criança. As irmãzinhas narram no diário no dia três de dezembro de 1952: “um dos homens, armado de uma espécie de pente com dentes afiados de peixe, faz grandes riscos nas costas e nos braços do menino, que grita de dor. Quando começa a sangrar, ele o pega pelos braços e levanta-o bem alto” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 69). Outra lei que muito preocupava as Irmãzinhas era a prática do infanticídio. Segundo Charles Wagley, até o ano de 1954, havia um rígido controle de natalidade. Uma mulher não poderia ter mais de 3 crianças vivas. Para mais, não poderiam ser mais do que duas do mesmo sexo, a mulher só poderia ter dois meninos e uma menina ou duas meninas e um menino. A quarta criança ou a terceira do mesmo sexo era imediatamente enterrada após o nascimento (WAGLEY, 1988, p. 141).

Esta prática não era objetivada por nenhuma crença religiosa, mas diziam os Tapirapé em relação às crianças: “Nós não queremos ver fome em seus olhos”. Era grande a dificuldade de prover alimento, especialmente carne, para mais de três crianças por família. Além disso, ainda tinha o respeito a tabus estabelecidos para os pais de recém-nascidos e a obrigação da abstinência sexual entre os casais até que criança completasse um ano de idade. Charles Wagley esclarece que “Por volta de 1954, o infanticídio chegou ao fim pela

intervenção direta das Irmãzinhas de Jesus”. O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, que acompanhou Wagley em visita aos Tapirapé em 1957 conta:

As missionárias, tendo verificado a existência dessa prática – para elas incompreensível, é verdade – tentaram de todos os modos, destruí-las, tendo sempre o cuidado de não ferir frontalmente a cultura tribal; até que encontraram a seguinte forma, de resultados magníficos: quando viam que uma mulher Tapirapé estava grávida – e que já tinham os seus três filhos, passavam a vigiá-la até que, em vésperas do parto, propunham “comprar” a criança por um bom preço [...] Realmente compravam a criança; mas, horas depois vinha a mãe pedi-la em devolução, no que as missionárias atendiam e ainda presenteavam os pais com uma série de brindes e agrados. Com isso, quebraram um tabu tribal, eficiente em outros tempos, quando uma população superior a mil pessoas dificilmente sobreviveria naquela região (com seu equipamento tecnológico tradicional); agora, aquele tabu, aquela mesma técnica de controle da natalidade, voltava-se contra o grupo, mais do que nunca precisando incrementar sua população³². (WAGLEY, 1988, p. 142).

De qualquer forma, não é difícil compreender que, para as Irmãzinhas era difícil não se manifestar diante dessa prática, uma vez que o discurso da missão chega pronto, legitimado pela pertença que o instituiu. Contudo, quando se choca com outras realidades e se vê diante do outro, acontece o desmonte de pré-conceitos, brotando assim, novas reflexões sobre seus próprios conceitos. Então, concepções são remodeladas, pensamentos ajustados, discursos reformulados. O contato, o dia a dia e a convivência, propiciam o diálogo que, por sua vez, se converte em uma justa negociação de valores, o que pode ou não transformar o discurso missionário. Irmãzinha Madalena foi pioneira em seu apostolado, pedindo que suas Irmãzinhas gritassem o Evangelho com a própria vida, elegendo como os escolhidos, os pobres, excluídos e marginalizados, inaugurando uma proposta nova de evangelização, ainda que a meta fosse a conversão. Porém, depois do Concílio Vaticano II e da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano de Medellín, em 1968, passa-se a respeitar e aceitar as tradições indígenas, o que vem corroborar com o propósito de criação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), cuja opção é pelo diálogo inter-religioso (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 226, nota 101). Aos poucos, as irmãzinhas perceberam que o ritual era a força vital deles e isso pode ter sido uma luz e que deu a elas a tranquilidade

³² De acordo com Charles Wagley, a versão das Irmãzinhas para a história acima relatada é outra. Em conversa com Cecília Roxo Wagley, esposa do antropólogo Charles Wagley, em viagem à aldeia em 1965, as Irmãzinhas contaram que estavam presentes quando a criança nasceu e perguntaram à mãe se poderiam mantê-la, já que não tinham filhos. Com o consentimento da mãe, levaram a criança para casa, mas ficaram apavoradas quando perceberam que não conseguiriam alimentá-la. No dia seguinte foram perguntar para a mãe se ela poderia amamentar a criança. A mesma aceitou e depois de alguns dias, pediu para ficar com o bebê. (WAGLEY, 1988, p. 143).

de dizer que os Tapirapé não precisavam ser cristãos. No entanto, isso não foi dito de um dia para o outro.

Várias passagens do diário das irmãszinhas comprovam o cuidado que os índios tinham com elas, como narrado no dia 25 de outubro de 1953, quando os homens da aldeia saíam para plantar a roça e ficariam por lá por alguns dias. Um Tapirapé disse para elas: “É, vocês não podem mesmo ficar sozinhas, por isso eu acho que não vou mais para a roça”. E elas revelam: “Ficamos tocadas com tanta delicadeza da parte deles, e ao mesmo tempo percebemos que se sentem realmente responsáveis por nós” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 149). Além da amizade, também tinha a confiança. No dia 10 de junho de 1953, elas contam que os Tapirapé confiaram a elas seus “tesouros”:

Genoveva pensava que a manhã de hoje seria tranquila e silenciosa e que ela poderia aproveitar para rezar. Mas os Tapirapé resolveram se mudar para a roça a fim de terminar mais depressa a derrubada. E então, um atrás do outro vem à Fraternidade confiar-nos seus tesouros. Guardados dentro dos mais diversos recipientes. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 116).

A angústia era um sentimento vivenciado pelas Irmãszinhas quando presenciavam situações em que os Tapirapé eram tratados como arquétipos, espécimes raros, objetos de olhares surpresos e indiscretos, como relata o diário no dia seis de dezembro de 1953:

À tarde, visita do pessoal da expedição que quer filmar algumas danças. Notamos que os Tapirapé não gostam de ser tratados como espécimes raros e de se sentir alvo de curiosidade. E nem nós mesmas escapamos a esse mal-estar, porque os visitantes parecem nos considerar pessoas bem excêntricas... Apesar disso, o esforço que fazem para tratar bem todo mundo é muito visível. São pessoas boas e generosas, mas que, infelizmente, consideram os índios como seres de outra categoria. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 157).

No dia 06 de agosto de 1953, as Irmãszinhas relatam em seu diário, uma situação na qual se sentiram extremamente desconfortáveis e tristes pela forma como as pessoas caracterizavam os povos indígenas, mesmo convivendo com eles todos os dias de maneira natural e corriqueira. Em uma festa na fazenda de um grande fazendeiro perto da aldeia, em companhia de vários Tapirapé, depois de rezarem, foram convidados para a refeição. No entanto, somente os “civilizados” foram convidados a se sentar à mesa. As Irmãszinhas, surpreendidas pela situação e não querendo magoar a anfitriã, se sentaram à mesa, ainda que contrariadas e descontentes (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 129).

A sensibilidade de Irmãzinha Madalena a levou a conduzir suas Irmãzinhas a um modelo de apostolado inculturado, lançando a semente do Evangelho e aspirando pela colheita dos frutos, valorizando as culturas e respeitando a alteridade.

Apesar da insistência de Irmãzinha Madalena em salientar a opção da Fraternidade pelos “pobres”, é preciso entender a complexidade do termo. Conforme o teólogo Gustavo Gutiérrez, a pobreza pode ser identificada de várias formas. A pobreza material deve ser “combatida, rejeitada e eliminada do mundo”, no entanto, não advém da falta do azar ou preguiça, mas de injustas políticas sociais que privilegiam poucos e discriminam muitos. Para o teólogo, a pobreza “não se limita a suas dimensões econômicas. Ser pobre é ser insignificante, ser visto sem valor pela sociedade.” (BINGEMER, 2017, p. 49). Neste contexto, os Tapirapé dilatam as estatísticas e integram uma grande minoria sem voz, cuja expressão é, na maioria das vezes, depreciada. Irmãzinha Madalena, seguindo os ensinamentos do Irmão Foucauld, pedia para que suas Irmãzinhas imitassem Jesus em seu amor e sua misericórdia. A verdadeira inculturação reivindica a semelhança com Deus “no relacionamento com as pessoas, no testemunho universal de amor e de serviço, segundo a nova lei do Sermão da Montanha” (Carlos Rodrigues Brandão, 1986, p. 156) As Irmãzinhas que viviam na aldeia compreendiam o significado de acolhimento e se compadeciam com os problemas dos Tapirapé, por isso faziam o que era possível para lhes resgatar a dignidade.

As Irmãzinhas acompanharam e participavam ativamente junto com os índios da luta pela defesa e reconhecimento de suas terras. Mas somente ajudavam e orientavam, nunca tomavam a iniciativa ou falavam por eles. Elas sabiam que eles tinham a força e a inteligência necessárias e para fazer sua defesa, só precisavam delas para orientá-los e apoiá-los. Nas décadas de 1970 e 1980 aconteceram violentos confrontos na região da Serra do Urubu Branco, entre grandes empresas agropecuárias e grileiros que ocupavam a região. Segundo o antropólogo André Toral, em pleno regime militar, a política do Governo Federal, sobretudo o Ministério do Interior, ligado a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), ressaltava a necessidade de ocupação da Amazônia. Na época, o presidente da Funai e o diretor do Parque Indígena do Araguaia eram contra a demarcação das terras Tapirapé. Os Apyãwa-Tapirapé se conscientizavam cada vez mais de seus direitos e da necessidade do reconhecimento de suas terras com o crescimento de sua população. Em 1981, com o apoio das Irmãzinhas de Jesus, de Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, do Padre Francisco

Jentel³³ e de entidades do Brasil e do exterior, enfrentaram grandes embates, a ponto de se tornarem notícia de primeira página nos principais jornais do país. Pela firmeza e apoio aos índios, as Irmãzinhas foram denunciadas pelo presidente da FUNAI ao Núncio Apostólico em Brasília, por “insuflar um clima de reivindicações no seio do povo” (REMY, 2018, p. 52).

Durante a ditadura militar no Brasil, houve uma grande repressão a todos que se manifestassem em defesa dos índios. Vários defensores desta causa foram julgados e condenados por tribunais militares, como o Padre Francisco Jentel, em 1974, que depois de um ano preso, voltou à França, mas no ano seguinte, ao retornar ao Brasil, foi expulso. Outro defensor das causas indígenas perseguido foi o bispo Dom Pedro Casaldáliga que recebeu várias ameaças de morte, acusado de ser um “bispo vermelho” e interrogado várias vezes pelo cardeal Ratzinger, na época prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Neste contexto, a situação das Irmãzinhas de Jesus ficou delicada e preocupante. Apesar de tudo isto, elas se mantiveram firmes na amizade e defesa dos Tapirapé (REMY, 2018, p. 53).

Preocupada com a falta de recursos disponíveis para o sustento na nova aldeia, enquanto aguardavam a colheita de suas roças, Irmãzinha Genoveva Helena³⁴, a convite da ONG “Manos Unidas³⁵”, aceitou concorrer ao prêmio Bartolomé de Las Casas³⁶ no ano de 1995. Em 18 de abril de 1996, em Madrid, Irmãzinha Genoveva recebe seu prêmio, acompanhada do cacique da aldeia Tapi’itãwa e de outro jovem Tapirapé (REMY, 2018, p. 55). Em abril de 1995, os Tapirapé pediram para que as irmãzinhas Genoveva Helena, Odile Rosilene e Elizabeth, que viviam entre os Tapirapé na época, fossem com eles morar na nova aldeia Tapi’itãwa (REMY, 2018, p. 56).

Uma grande preocupação das irmãzinhas era o fato de os Tapirapé não conhecerem o português, o que dificultava a comunicação principalmente nas situações de comércio e nas reivindicações de seus direitos. As Irmãzinhas começaram, então, a batalhar para a construção de uma escola na aldeia. E novos horizontes se abriram com a chegada do professor Luiz

³³ Francisco Jentel, padre francês que missionou no Brasil durante 20 anos em defesa dos índios e camponeses pobres da região do Araguaia. Amigo do Padre Voillaume, viveu vários anos entre os Tapirapé. (REMY, 2018, p. 51)

³⁴ Irmãzinha Genoveva Helena foi a Irmãzinha que viveu mais tempo entre os Tapirapé. Morreu na aldeia e foi enterrada lá, conforme os rituais Tapirapé

³⁵ Entidade da Igreja Católica espanhola para a promoção e o desenvolvimento do Terceiro Mundo.

³⁶ O prêmio é concedido desde 1991 pelo Secretário de Estado para Cooperação Internacional e pela *House of America*, com o objetivo de promover o conhecimento e a apreciação das manifestações culturais, passadas e presentes, dos povos indígenas da América e distinguir as pessoas, instituições ou organizações que se destacaram ao longo do tempo na defesa da compreensão e concordância com os povos indígenas da América, na proteção de seus direitos e no respeito a seus valores.

Gouvêa de Paula³⁷ e sua esposa, a professora Eunice Dias de Paula³⁸, que ficaram na aldeia e organizaram uma escola com métodos e programas adaptados que garantissem e protegessem a cultura Tapirapé. Mais tarde, juntamente com as Irmãzinhas, Eunice e Luiz, conseguiram que a escola fosse reconhecida como “escola indígena” (REMY, 2018, p. 57).

Durante 65 anos de presença das Irmãzinhas de Jesus entre os Tapirapé, a convivência e a cumplicidade estimularam um sentimento que perpassa todo o antigo modelo de catequização e sinaliza para o novo modelo de inculturação. Neste contexto, elas se deixaram cativar por esse povo acolhedor e alegre que as recebeu, aparentemente sem ceticismo ou reserva, e as adotaram como típicas mulheres Apyãwa-Tapirapé. Não abandonaram, porém, o compromisso aceito por elas quando se comprometeram a gritar o Evangelho para aqueles que não o conheciam. Afinal, é o missionário quem leva Deus ao povo. Entretanto, com o passar do tempo elas foram se rendendo à amizade dos Apyãwa-Tapirapé e se encantando pelo povo que aceitou ser acolhido por elas e mais do que isto, as acolheu e as chamou de “mães de criação”. Nas palavras do teólogo e escritor Leonardo Boff: “em 50 anos elas não converteram sequer um membro da aldeia. Conseguiram muito mais: fizeram-se parteiras de um povo, à luz daquele que entendeu sua missão de trazer vida e vida em abundância” (BOFF, 2006, p. 14). As Irmãzinhas que viveram na aldeia ajudaram muito aos Tapirapé no que diz respeito ao cuidado com a saúde, nas relações de venda e troca, na defesa de suas terras, na pacificação dos conflitos e em muitas outras situações em que se fizeram presente. No entanto, durante muitos anos elas tiveram o apoio e o suporte do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), cuja importância foi vital na construção de uma parceria em defesa das etnias Tapirapé, Karajá, Kayapó e outras na região do Araguaia.

2.5 A CRIAÇÃO DO CIMI – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

As missões cristãs entre os povos indígenas no Brasil, tradicionalmente se caracterizavam pela “repressão e desestruturação das culturas na tentativa de promover a integração destes povos à sociedade envolvente.” (SIMÕES, 2019, p. 377). No entanto, com

³⁷ Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1997) e mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2001). Agente de Pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia MT.

³⁸ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso, mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Atuou no Processo de implantação de uma escola entre os Apyãwa (Tapirapé), MT, onde trabalha desde 1973 no exercício da docência e assessoria pedagógica. Atualmente, é voluntária do Conselho Indigenista Missionário e assessora diversos projetos de educação escolar indígena no Brasil.

o Concílio Vaticano II (1962-1965), tem início uma mudança de postura em relação à prática missiológica, quando a Igreja se abre no sentido de aceitar as diferenças culturais regionais, reconhecendo da liberdade religiosa, se abrindo ao diálogo e ao ecumenismo. A professora Cecília Simões assinala que posteriormente ao Concílio Vaticano II, as Conferências gerais do episcopado latino-americano de Medellín (1968), Puebla (1979) e São Domingo (1992), fortaleceram a ideia de uma reformulação na teologia missionária da Igreja, passando a privilegiar o diálogo inter-religioso e a inculturação da fé, que sugere a vivência da fé cristã dentro de outra cultura (SIMÕES, 2019, pp. 377-378). Segundo Simões:

No Brasil, a criação do CIMI – Conselho Indigenista Missionário – em 1972, formalizou dentro da igreja Católica, uma pastoral específica para a evangelização dos povos indígenas, assumida em um sentido mais amplo do que até então vinha sendo praticada. O discurso missiológico em seminários e centros de formação passou por importantes mudanças, buscando agora ressaltar a importância da valorização das manifestações culturais dos povos originários. Entendida como um encontro da fé cristã e as culturas, a prática da inculturação passou a direcionar o trabalho missionário entre os povos indígenas, onde a conversão não seria mais o objetivo fundamental da missão, mas essa se direcionaria para o diálogo e o reconhecimento da mensagem cristã – de amor e solidariedade – no seio das culturas. (SIMÕES, 2019, p. 379).

As Irmãzinhas reconheciam no trabalho do CIMI uma grande harmonia em relação ao carisma da fraternidade. Na comemoração dos 25 anos do CIMI na região, Irmãzinha Odile que também viveu muitos anos entre os Tapirapé, analisou esta convivência dizendo:

A partir dos anos 70, através da recém-criada Prelazia de São Félix do Araguaia e de dom Tomás Balduino, sintonizamos com as primeiras buscas das Missões-Igreja, sobretudo as dos jesuítas do Mato Grosso, em vista de um caminho de evangelização dos povos indígenas, através da encarnação, da inculturação e do diálogo inter-religioso.

Essa ótica comum nos levou evidentemente a participar da caminhada do CIMI, que respondia àquilo que estávamos vivendo e buscando. Foi um caminho feito não somente em total harmonia, mas com mútua ajuda. De um lado, nossa experiência de vinte anos com o povo Tapirapé, que tinha aumentado em número e, ao mesmo tempo, na consciência de ser diferente – ou com o direito de viver essa diferença. De outro lado, todas as reflexões e buscas que o CIMI trazia – e que eram uma confirmação da Igreja – nos ajudaram a ir mais longe na solidariedade, na busca contínua de fidelidade a nosso se cristão e ao diálogo com esse povo, cuja “diferença” queríamos respeitar. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 241).

Com a criação do CIMI, as Irmãzinhas tiveram o apoio fundamental para reforçar suas lutas em defesa do povo Tapirapé e vencer os desafios que se revelaram durante muitos anos,

sinalizando uma parceria importante no avanço das conquistas desse povo. A missiologia indigenista inclui os indígenas, entre os pobres da Teologia da Libertação, uma vez que os índios não desfrutam de reconhecimento e respeito. A pastoral indigenista propõe, então, lidar com os povos indígenas “a partir das práxis, que envolve a prática da enculturação da fé como nova perspectiva de missão aliada à aldeia de libertação integral dos povos”. Simões defende que “Na figura de Jesus tem-se o início de uma enculturação de Deus entre os homens com o intuito de promover a sua libertação”. E acrescenta: “ Na teologia cristã a encarnação de Deus possui uma função fundamental para a salvação humana e assim a nova missiologia se respaldará nesta encarnação para desenvolver seu conceito de enculturação.” (SIMÕES, 2019, p. 381) As Irmãzinhas pareciam entender bem essa nova missiologia, que exigia do missionário na aldeia, “levar em conta a mensagem do Evangelho e não sua revelação, para que essa possa se fazer a partir do ethos religioso do próprio grupo.” (SIMÕES, 2019, p. 381)

2.6 UNIDADE

Unidade era uma palavra muito rica para Irmãzinha Madalena. Ela repetia sempre: “Não podemos nos contentar em falar no amor eterno. É preciso falar na “unidade no amor” porque cada vez mais estou percebendo que é este o espírito mais puro do Evangelho, o espírito mais puro de Cristo [...]” (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, Jesus é o Senhor do impossível, 1991, p. 47). Em uma carta escrita por ela em oito de dezembro de 1962 à todas as Irmãzinhas, ela diz:

Eu tenho repetido muitas vezes que, se tivesse que definir em uma só palavra a missão da Fraternidade, não vacilaria nem um minuto em gritar: unidade, pois tudo se pode resumir nela. Na unidade encontramos a essência do amor: amar é querer tornar-se um com quem se ama. Nela encontramos a pobreza, pois se queremos ser um com os mais pobres, não suportaremos ser mais ricos que eles, possuir algo que eles não possuem. Também a humildade e respeito pelo outro: se desprezamos algumas pessoas, se somos rudes e queremos ser superiores a elas, não podemos ser um com elas. (JESÚS, Hermanita Magdeleine de, 2016).

Irmãzinha Madalena insistia na importância de um amor universal, era preciso falar de unidade de amor, pois este era o espírito mais puro do Evangelho. As Irmãzinhas deveriam amar a todos, mas de modo especial, os excluídos, os menos acessíveis, os marginalizados. Deveriam participar da massa humana, penetrando intimamente no meio em que vivem, santificando pela conformidade com a vida dos povos escolhidos, pela amizade, pelo amor e

por uma vida voltada ao serviço do outro, formando uma unidade, como fermento na massa (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1952, p. 28). Neste contexto, as Irmãzinhas que viveram na aldeia junto com os Tapirapé seguiram pontualmente os mandamentos de Irmãzinha Madalena. Elas se sentiram acolhidas pelos índios e foram conquistadas por eles.

Depois de anos de convivência, é possível declarar que as Irmãzinhas se fizeram Tapirapé. Irmãzinha Genoveva, carinhosamente chamada de Veva por todos da aldeia, foi a irmãzinha que mais tempo viveu entre os Apyãwa. Foram 60 anos de uma convivência pautada no respeito e na hospitalidade. Além de acompanhar toda a trajetória de luta pela vida e o fim do drama da depopulação, os esforços pelo reconhecimento de suas terras e tantos outros momentos difíceis e alegres vividos pelos indígenas, Irmãzinha Veva expressa o que poderia ser sua maior demonstração de amor e gratidão aos Tapirapé e aceita a proposta do cacique de, quando morresse, fosse enterrada na aldeia conforme os rituais Tapirapé. Escolheu morrer entre eles. No começo de 2012, eram somente duas irmãzinhas na aldeia. Irmãzinha Veva sofreu uma queda e como já era de idade, a recomendação era que ela não ficasse mais na aldeia, mesmo que estivesse bem cuidada pelos Tapirapé. Porém, essa era uma de suas maiores angústias, viver na cidade longe da comunidade à qual tinha dedicado sua vida. Sem se queixar, foi para Goiânia, mas teve autorização para visitar a aldeia de tempos em tempos (REMY, 2018, pp. 62-63).

No dia 24 de setembro de 2013, morre na aldeia Tapirapé, Irmãzinha Genoveva. O ritual é respeitoso com o corpo deitado em sua rede, protegido por uma cobertura de madeira. “A terra deve ser bem peneirada, em seguida, é socada para que não haja rachaduras. Durante dias a terra será molhada para que fique bem compactada e que o túmulo fique liso, sem qualquer fenda” (REMY, 2018, p. 64) Todo ritual é acompanhado de cânticos e choros de lamento.

O teólogo Leonardo Boff narra em seu artigo “A morte da Irmã Genoveva, a parteira do povo Tapirapé” que, no final do ritual de enterro da Irmãzinha Veva, o cacique relatou a tristeza dos Apyãwa com a morte da irmãzinha e falando em português e Tapirapé, reiterou o respeito com que, durante os 60 anos de convivência, foram tratados pelas irmãzinhas. Leonardo Boff conta: “quando vi o rosto de uma índia Tapirapé e o rosto envelhecido da Irmãzinha Genoveva notei: se tivesse tingido de tucum seus cabelos brancos, ela seria tida uma perfeita Tapirapé”. Realizou, de fato, a profecia da Fundadora: “As Irmãzinhas se farão Tapirapé, para daqui, irem aos outros e amá-los, mas serão sempre Tapirapé” (BOFF, 2013, s/p).

O ser, a partir do perspectivismo ameríndio³⁹, é construído ao longo da vida através das relações sociais. Os indígenas concebem o ser como uma construção diária e em constante mudança, que se elabora todos os dias o tempo todo e não a partir de um dado momento somente. Segundo a antropóloga Aparecida Vilaça, à medida que se estreitam as relações, a pessoa incorpora o habitus indígena e sua cultura, acontece o processo de incorporação e o não índio se torna verdadeiramente um indígena da etnia. Na medida em que as Irmãzinhas absorveram os hábitos Tapirapé e passaram a viver como eles, elas se tornaram Tapirapé. Durante uma vivência de mais de seis décadas, as Irmãzinhas de Jesus jamais abandonaram o povo Apyãwa Tapirapé e seus costumes. Vilaça defende que, para os indígenas, “o termo *zán*, que significa “modo de vida”, “modo de fazer as coisas”, “costumes”, “tradição”, caracteriza-se como um conjunto de práticas, e é concebido como uma carga que se leva em um cesto”. (VILAÇA, 2000, p. 66)

As Irmãzinhas de sentiam Tapirapé, como é possível observar na fala de Irmãzinha Genoveva quando disse:

Agora faço parte da paisagem da aldeia. Os velhos explicam para os novos quem somos nós e o que fazemos aqui. Atualmente, só estamos nós, a Irmã Odile e eu. Talvez num futuro próximo tenhamos que encerrar nossa presença na aldeia, eu tenho 84 anos e não há novas irmãs para nos substituir. Valeu a vida, aqui quero morrer, mas vendo o povo Tapirapé, consciente, crescendo, construindo sua própria história, que também é Reino de Deus. (REMY, 2018, p. 84)

A partir da análise da práxis das Irmãzinhas de Jesus e suas vidas partilhadas com os Tapirapé, coexistindo com eles e participando de todos os seguimentos de suas vidas, afirmo que elas se tornaram Tapirapé, por amizade, amor e opção.

Considerações

Ao longo deste segundo capítulo discorri a respeito da preocupação de Irmãzinha Madalena com os povos indígenas e sobre a primeira Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus no Brasil, entre os índios Tapirapé. Narrei a chegada ao Brasil e toda preparação antes de se

³⁹ O Perspectivismo ameríndio é uma definição conceitual da etnologia brasileira com base em Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima, para tratar de uma importante matriz filosófica amazônica no que se refere à natureza relacional dos seres e da composição do mundo. <http://ea.fflch.usp.br/conceito/perspectivismo-amer%C3%ADndio>.

estabelecerem na aldeia. Em seguida, apresentei os índios Apyãwa-Tapirapé, cuja etnia estava à beira do genocídio, narrei sua história, suas lutas, perdas e conquistas.

Apresentei em seguida algumas experiências de missões com as quais os índios conviveram, porém, sem muita relevância, até a chegada das Irmãzinhas de Jesus. A partir daí, passo a apresentar a experiência das Irmãzinhas na aldeia, o dia a dia, as dificuldades enfrentadas por elas, os desafios, a amizade e a hospitalidade dedicada aos Tapirapé durante anos de convivência, assumindo uma postura missiológica própria, antecipando as mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II, adotando o modelo missiológico da inculturação e seguindo os ensinamentos de Irmãzinha Madalena que pedia que se tornassem Tapirapé.

Por fim, a partir do perspectivismo ameríndio, explanei o sentido do ser que se constrói todos os dias a partir da experiência inserida na cultura indígena, e como a experiência da missão das Irmãzinhas de Jesus entre os Tapirapé se molda a esta ótica.

No próximo capítulo, farei uma análise da vivência das irmãzinhas de Jesus entre os Tapirapé, examinando a prática da hospitalidade a partir dos conceitos estudados no primeiro capítulo e a experiência relatada no segundo capítulo.

3. VIVÊNCIA DA HOSPITALIDADE

Depois de um estudo sobre o sentido maior do termo hospitalidade e uma abordagem atenta sobre a trajetória de vida de Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena até a fundação da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus na aldeia Tapirapé, feito no primeiro capítulo, descrevi no segundo capítulo a história destes índios, suas lutas, conquistas e perdas, e a chegada das Irmãzinhas de Jesus na aldeia. Além disso, narrei a convivência entre as culturas tão diferentes e os desafios enfrentados pelas irmãzinhas a fim de perseverar no que Irmãzinha Madalena considerava ser o chamado de Deus. No terceiro capítulo, a partir da análise dos dois primeiros capítulos, examino a vivência da hospitalidade na experiência missionária das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld entre os Apyãwa-Tapirapé. Além disso, verifico como, ao longo dos anos de convivência, foi-se construindo um diálogo onde o respeito à alteridade foi privilegiado e a missão das Irmãzinhas, através de uma convivência profunda e fraterna, se transformou em comunhão de mentes e corações.

É preciso que seu amor cresça, que vocês cultivem “a grandeza do amor” em vocês [...] O amor generoso se encontra facilmente, mas um amor delicado e cheio de respeito para com todos e cada um, é raro. Em cada pessoa se esconde a Face do Senhor e como Ele deve ter sofrido na agonia e na paixão por nossas indelicadezas, faltas de amor e de respeito. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 47).

3.1. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Abraão foi hóspede em terras estrangeiras. Em Gênesis, capítulo doze, versículo 01:05, Deus disse a Abraão: “Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Bíblia, 1993). E Abraão se entregou a uma fé descomunal e a uma confiança incondicional por amor a Deus. Nota-se que esta fé plena de Abraão se assemelha à história do Irmão Foucauld e sua entrega ao amor a Jesus, e Irmãzinha Madalena que idealizou essa fé, esse apaixonado abandono, como norte para a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Irmãzinha Madalena disse:

A história da fundação resume-se nessas palavras: Deus segurou minha mão [...] e eu, cegamente O segui [...] Aparentemente na maior escuridão, numa ausência tremenda e desconcertante de meios humanos, mas numa confiança sem limites na Onipotência de Jesus, Senhor do Impossível. (JESUS, Irmãzinha Madalena, 1991, p. 15).

Mesmo hóspede, Abraão acolheu o estrangeiro, o “outro”, e lhe ofereceu a hospitalidade daquele que não espera retribuição, mas que se sente feliz ao contemplar a face de Deus no seu próximo. Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena assumiram por amor a Jesus Caritas e pelo mistério de sua encarnação, a missão de gritar o Evangelho na prática e dedicar suas vidas ao exercício pleno da hospitalidade, para todos os que sofrem com todas as formas de injustiça e opressões. Irmãzinha Madalena dizia: “[...] sejam contemplativas, permanecendo ao mesmo tempo muito próximos de seus irmãos, misturando-se à vida deles, compartilhando seus sofrimentos e suas alegrias, fazendo-se tudo para todos!” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 40).

Quando as Irmãzinhas chegaram à aldeia para viver com os Tapirapé, elas se fizeram pequenas, queriam que eles as aceitassem. Para acolher, num gesto de humildade, primeiro elas foram acolhidas, eram hóspedes de um povo sobre o qual não sabiam praticamente nada. Observa-se, no entanto, que havia uma força que alicerçava o novo conceito de apostolado idealizado por Irmãzinha Madalena, caracterizado por uma vida contemplativa no meio dos “escolhidos por Jesus”, os pequeninos, sob o lema “Jesus Caritas”, reconhecendo-O como modelo único a ser seguido e orientando sua espiritualidade no Evangelho. Irmãzinha Madalena ensinava às Irmãzinhas a amar os pequeninos, os marginalizados e desprezados, pois estes são a encarnação viva de Cristo, são as ovelhas preferidas do Seu rebanho, as que mais têm direito ao Seu amor. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 33).

Percebe-se claramente que Irmãzinha Madalena e Charles de Foucauld manifestavam uma espiritualidade intrigante, e a potência de sua fé revelava um nível insólito de confiança e entrega ao amor de Jesus. Irmãzinha Madalena pedia às Irmãzinhas: “você amará Jesus com um amor sem limites, “um amor louco”, que não se pode conceber sem sentir uma exigência de imitação, de semelhança. Você se esforçará para seguir os Seus passos e acompanhá-los em sua caminhada na terra” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 32). Ao tomar a decisão de fundar uma fraternidade entre os índios, Irmãzinha Madalena sabia dos desafios que enfrentariam. Mas talvez, o maior desafio fosse demonstrar sua hospitalidade sem impor sua crença. Quando Leonardo Boff assinala que a hospitalidade “é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita” e Suzana Macedo acrescenta que, por esse motivo, ela é também “ fragilidade e exposição de si ao outro desconhecido” (MACEDO, 2017, p. 231), é possível conjecturar que as Irmãzinhas chegaram prontas para o encontro, abertas aos desafios e motivadas a trabalhar as diferenças de forma espontânea, com simpatia e humildade. No diário das Irmãzinhas, no dia cinco de outubro de 1952, elas narram: “Pelos 16:30 horas,

chegamos à aldeia Tapirapé. Dom Luís está na beira do rio com todos os Tapirapé, e a alegria é recíproca ao nos encontrarmos [...]” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 2002, p. 51)

A amizade foi construída aos poucos e a confiança conquistada com pequenas doses de gentileza. Em uma entrevista concedida a um jornal da região da Prelazia de São Félix do Araguaia, Irmãzinha Genoveva, a respeito da experiência das Irmãszinhas na aldeia, relatou:

Eu sempre tive uma saúde muito forte, o que me possibilitou viver nesta realidade sem maiores traumas. Peguei muitas malárias e tive uma anemia, mas sempre superei. Eu, desde o começo tinha claro que nossa presença era para ajuda-los a serem eles mesmos, terem confiança em si mesmos, essa era a nossa missão. Quando chegamos tinham medo de tudo, dos brancos, do sarampo, das outras doenças que eles transmitiam, dos eclipses do sol e da lua. Felizmente, eu tive tempo para viver com eles o dia a dia. Sem este estar lento, cotidiano, não adianta fazer nada. Presença discreta, humilde até se tornar um deles. Hoje eles nos chamam mães de criação. (JESUS, Irmãzinha Genoveva apud REMY, 2018, p. 84).

Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena comungavam o pensamento de que a hospitalidade era um dever sagrado e uma declaração de amor ao seu próximo. E essa hospitalidade foi vivenciada de várias formas e expressa continuamente durante toda a convivência com os Tapirapé. Irmãzinha Odile de Jesus que também viveu muitos anos entre os Tapirapé, juntamente com Irmãzinha Genoveva, escreve sobre a amiga:

[...] E te vi rezar nessa capela e agradei tua capacidade de abrir teu coração. Você buscava o caminho da proximidade com o mundo religioso dos Tapirapé [...] e pensava nos espaços que eles tinham ou não tinham... Mais tarde você me contou: “Gostaria de sentir, vivenciar a Presença como eles vivenciam, às vezes, eles encontram “axyga” nos caminhos da roça e voltam transtornados.” Naquele tempo falávamos de medo. E eu te respondi “ nós conhecemos Deus Libertador-Deus Amor e não de medo”. E você nada respondeu. Não entendia ainda teu caminhar. Você sentia a presença quando você estava na roça ou na mata. O partilhaste sem muitas palavras. A palavra bíblica “temor de Deus” nos aproximou nesta vivência tua. E algo entendi dessa busca que, às vezes, resumia como um “caminhar e busca solitária” que te aproximou dos Tapirapé. Um caminhar que também te aproximou mais simplesmente de Deus, me disseste um dia.

E eu intui, neste dia a dia de trinta e um anos contigo, algo de tua busca e de tua proximidade e da Presença. Era algo profundo, algo que respondia à busca de “ser um deles”, sendo você mesma. Você aprendeu a reaprender a terra e o cultivo do comer de cada dia, você aprendeu seu modo de relacionar-se, de organizar a vida, você participou de seus rituais de partilha de comida, de Presença e dos rituais de mortes prematuras. Talvez, posso dizer, foi uma comunhão que se tornou vida profunda sem grandes palavras. (JORNAL PRIMAZIA apud REMY, 2018, p. 85).

3.2 RESPEITO AOS TAPIRAPÉ

Leonardo Boff assinala que, “antes de mais nada, o respeito supõe reconhecer o outro em sua alteridade e perceber seu valor intrínseco”. (BOFF, 2006, p. 54) É preciso reconhecer o outro como outro, aquele com o qual, segundo Levinas, eu tenho uma responsabilidade ética que me impele à compaixão e hospitalidade. (LEVINAS, 2014, p. 35)

O sonho de Irmãzinha Madalena era espalhar pelo mundo, fraternidades que fossem focos irradiantes de amor e queria que o nome “Irmãzinha de Jesus” fosse símbolo desse amor. (IRMÃZINHA, S/D, p. 47) Quando chegaram à aldeia Tapirapé, elas queriam proclamar o Evangelho através da amizade, vivendo uma vida humilde, à luz do Evangelho, como Jesus viveu em Nazaré. Queriam mostrar Jesus através das boas obras, da simpatia, do acolhimento, da cumplicidade e do amor. Sentiam que as atitudes falavam mais do que as palavras (REMY, 2018, p. 34). É possível perceber que, sempre de forma respeitosa e sutil, as Irmãzinhas se dedicaram em apresentar aos índios, seu ideal de santidade “humana”, Jesus em Nazaré, mas sem coerção. À medida que o tempo passava, as Irmãzinhas notavam que gestos simples e corriqueiros chamavam a atenção dos índios e poderiam ser instrumentos de propagação de sua fé sem a necessidade de catequizar. Um exemplo é o fato de que, antes da chegada das Irmãzinhas, os Tapirapé não conheciam os dias da semana e com o passar do tempo eles foram percebendo que o domingo não era um dia comum para elas. Perceberam rapidamente que era um dia em que necessitavam de silêncio e calma. E eles aprenderam a respeitar (REMY, 2018, p. 41). As irmãzinhas entenderam, então, a força de sua presença e escolheram “não se imiscuir na religião tradicional dos Tapirapé, mas de praticar o diálogo inter-religioso” (REMY, 2018, p. 41). Irmão Foucauld e Irmãzinha Madalena entendiam que acolher as diferenças culturais e religiosas era viver o Evangelho e entender a mensagem de Jesus que reconhece todos como “irmãos e irmãs visitados pela graça divina” (BOFF, 2006, p. 12).

Quando a casa das irmãzinhas na aldeia ficou pronta, foi construída nela, uma pequena e simples capela para que pudessem fazer as orações e celebrar as missas quando tivessem a presença de um padre. Tudo era muito humilde e as orações silenciosas, muito íntimas. Os índios respeitavam os momentos de oração, como narra o diário das irmãzinhas do dia dois de dezembro de 1952, “Durante a oração da noite, vários homens, de volta da caçada. Vêm beber água em nossa casa. Admiramos o respeito deles por nosso silêncio. Um deles bebe com muito cuidado e apenas murmura um boa-noite. Outros esperam que terminemos a oração”. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 68) Às vezes alguns Tapirapé rezavam com elas, como

narra o diário das irmãzinhas no dia vinte e três de junho de 1954: “Konomiti vem à capela e quer rezar conosco. Aceitamos e cuidamos para que nossa oração seja bem simples, empregando palavras que lhes são familiares, pois queremos que compreenda que Jesus é alguém bem próximo e está sempre muito perto de nós” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 194).

Nota-se que apesar de se sentirem desconfortáveis com algumas leis Tapirapé ou se afligirem com alguma situação, elas se mantiveram unidas aos índios, e, segundo Boff, como um “exemplo de convivência e de vivência do Evangelho sem qualquer vinculação com o poder, seja da palavra, seja da razão, seja da teologia, seja da Igreja ou de qualquer outra instância de poder cultural, social ou político” (BOFF, 2006, p. 15). Neste contexto, é fácil perceber que, à medida que o tempo passava, foram compreendendo que o ritual era a força que os movia e chegaram à conclusão de que os nativos não precisavam ser católicos para viver, e o batismo foi aos poucos sendo abolido.

Suzana Macedo aborda a expressão “Partilha Espiritual”, na qual se manifesta a hospitalidade e possibilita o grande intercâmbio de experiências espirituais de todas as culturas (MACEDO, 2017, p. 264). Compartilho com Suzana Macedo a consonância com o pensamento de Boff quando o mesmo afirma que através das experiências espirituais, o ser humano “se re-liga à fonte originária de todo o ser, cria um laço misterioso que perpassa todo o universo e re-unifica todas as coisas inter-retro-conectadas num todo dinâmico e aberto para cima e para frente. Boff acrescenta: “são essas experiências espirituais, concretizadas em diferentes religiões e caminhos, que formam a interioridade humana e rasgam os horizontes mais vastos que vão para além deste universo e se abrem para o infinito” (BOFF, 2005, p. 64).

Verifica-se aí, então, o diálogo idealizado por Irmãzinha Madalena ao concretizar uma fraternidade entre os Tapirapé. O “fermento na massa”, tão importante para ela, uma convivência amável e afetuosa, permitiria uma reciprocidade de ricas experiências com as quais poderiam fortalecer sua fé. Irmãzinha Madalena ensinava às Irmãzinhas: “Você nunca se esquecerá que muitas vezes serão os pequenos e os pobres que a evangelizarão e lhe revelarão Jesus” (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, 1991, p. 34).

3.3 HOSPITALIDADE E COMUNHÃO

Irmãzinha Madalena ensinava: “Realizem cada vez mais sua vocação; “tornar-se um deles” é enriquecer-se na convivência com o povo, perdendo as ilusões de ter sempre alguma

coisa a dar. Para isto é preciso um coração aberto e disponível” (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, 1991, p. 35).

Era o desejo maior de Irmãzinha Madalena que as Irmãzinhas fossem unidas e construíssem uma bela amizade com os Tapirapé. Ela sentia orgulho ao ver tantas Irmãzinhas espalhadas por todos os continentes, em centenas de países, vivendo com todos os povos e raças, dialogando com todas as culturas. Sabia que estava na vanguarda de um projeto de Irmãzinha Madalena dizia:

Era uma loucura pensar em religiosas vivendo como nômadas en pleno Sahara o trabajando como obreras en una fábrica. O verlas más adelante acompañando a un circo, viajando en roulotte con una caravana de feriantes, perdidas entre los pigmeos en África, con los Tapirapés en Brasil o en una chabola en el subúrbio de cualquier ciudad del mundo. Estaba introduciendo en la Iglesia un germen de disidencia, una invitación a transgredir tradiciones y costumbres (Hermanita Magdeleine de Jesús, 2016, p. 79).

Unidade era um conceito muito rico para Irmãzinha Madalena. É possível perceber que antes de chegarem à aldeia, as Irmãzinhas já compreendiam a necessidade de uma nova abordagem evangelizadora que fosse de encontro aos anseios do Irmão Foucauld e Irmãzinha Madalena. Cecília Simões defende que: “O missionário deve atuar enquanto presença e escuta em meio à aldeia, num profundo respeito diante do povo” (SIMÕES, 2019, p. 383). E acrescenta: “o chamado anúncio do Reino nas aldeias deve se fazer antes de tudo enquanto luta pela sobrevivência da cultura, pela defesa do humano, dos direitos indígenas, das terras, das socializações e enquanto incentivo à solidariedade” (SIMÕES, 2019, p. 383).

Nota-se que esta foi a postura das Irmãzinhas ao chegarem à aldeia. Em uma atitude de respeito, elas delicadamente se aproximaram, cuidadosamente se prepararam, procuraram ver os Tapirapé e enxerga-los como seu próximo, se compadeceram de suas dores e desesperanças e as assumiram para si, se lançando com afinco no cuidado aos índios, construindo assim, uma convivência pautada no respeito, no diálogo e na solidariedade. Nota-se na postura das Irmãzinhas que conviveram tantos anos na aldeia, a humildade com que elas privilegiavam os interesses dos índios em detrimento dos seus. No dia dez de maio de 1953, as Irmãzinhas relatam em seu diário:

Clara vai para uma pescaria com várias famílias, projetando passar dois dias na mata. Como bagagem, leva rede e farinha [...] Ninguém imaginava que tínhamos vontade de acompanhá-los nessas excursões e, por isso, ficaram muito surpresos quando ela pediu para ir com eles. Concordaram logo, sem o menor problema. Confiam em nós, e nós neles. De fato, sentimos-nos como

se estivéssemos no seio de nossas famílias e não temos o menor medo, sozinhas na mata com eles. Mais tarde, lá vem Taywi dizendo: “Estou doente! Quem vai cuidar de mim se Clara for embora?” Mas evidentemente, era brincadeira [...] (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 106).

Me permito, no entanto, afirmar que, se fosse verdade e Taywi estivesse mesmo doente, certamente Irmãzinha Clara desistiria da pescaria. Para além disso, esta passagem demonstra uma amizade que se solidificou com o passar dos anos, fazendo com que as Irmãzinhas se sentissem verdadeiramente em casa, na aldeia. Leonardo Boff defende que:

O cuidado se expressa pela saída de si em direção ao outro e se traduz em solidariedade, em serviço e em hospitalidade para com o outro. Com-paixão comporta assumir a mesma “paixão” do outro. Vale dizer, sofrer com quem sofre. Mas também alegrar-se com quem se alegra. Implica co-mungar, caminhar juntos, com-viver, oferecendo-se mutuamente o ombro e dando-se as mãos. (BOFF, 2006, p. 22).

Neste sentido, a missão das Irmãzinhas de Jesus entre os Tapirapé em sua completude, confirma o ideal de vida concebido pela Irmãzinha Madalena, e perpassa toda percepção de compaixão, gratuidade e hospitalidade. Ao escolher os Tapirapé para viver com eles, elas tiveram a sensibilidade de percebê-los como o outro para quem deveriam lançar um olhar afetivo. Em uma convivência de mais de 60 anos, as Irmãzinhas riram e choraram com os índios, se compadeceram de suas dores e se alegraram com suas vitórias. Viveram com eles e como eles numa comunhão total de saberes e experiências. Foram acolhidas pelos índios como típicas Tapirapé. No diário das Irmãzinhas, várias passagens comprovam isto, como, por exemplo, no dia cinco de junho de 1953, quando toda a aldeia se preparava para um de seus rituais mais importantes, elas são escaladas para os grupos conforme as leis Tapirapé, como típicas Apyãwa. Elas narram:

Esta noite a aldeia inteira se reunirá em grupos para comer. São seis grupos: Mani’itywera, Xakarepera, Paranyi’ywara, Apirape, Awaity e Kawaroi. Explicam-nos que cada um deles origina-se de um mito: “era assim no tempo dos primeiros Tapirapé [...]”. Isso mostra que esses grupos vêm de longe, são lembranças conservadas por eles dos tempos antigos na mata virgem. Os pais escolhem os grupos para os filhos e nem sempre os colocam no mesmo grupo. Marido e mulher também podem fazer parte de grupos diferentes.

Os homens foram à pesca e as mulheres preparam a farinha, o *kawi* de abóbora e outras iguarias. Nós três fazemos arroz-doce, porque sabemos que irão apreciar!

De manhã cedo, Tawi vem avisar: “Denise é Xakarepera, Clara é Paranyi’ywara e Genoveva, Mani’itywera”. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 151).

Em outra passagem do diário, elas narram em uma visita de Irmãzinha Madalena, Irmãzinha Jeanne e Padre Voillaume, trazendo as Irmãs Matilde e Genoveva Inês que substituiriam as Irmãs Clara e Denise que iriam para outras Fraternidades. Elas descrevem a reação e a emoção velada dos Tapirapé diante da despedida das Irmãs. No dia dezoito de novembro de 1953 elas relatam:

Depois da missa, já está na hora da despedida! Tomamos café e descemos ao ponto, levando as bagagens. Todos os Tapirapé nos rodeiam. Não podemos atrasar a partida: primeiro, o barco tem uma longa etapa a percorrer hoje; depois, já que tem que ir mesmo, é melhor que seja logo! Mas Irmãzinha Madalena ainda tem recomendações a nos fazer: é duro para ela ir embora tão depressa[...] Por fim, sobe a bordo, sendo a última a se acomodar. O motor zune e o barco se afasta [...] Ficamos paradas, olhando [...]

O coração bate forte [...] a gente se sente meio esquisita [...] Os sentimentos são tão contraditórios: alegria por tudo que recebemos nesses dois dias, tristeza da partida, saudade que já começa a apertar [...], mas deve ser o que cada Irmãzinha sente em todas as Fraternidades aonde ela passa na hora do adeus.

Genoveva Inês está muito emocionada. É a primeira vez que se vê numa aldeia, em plena floresta, num contexto tão diferente das outras Fraternidades aonde já esteve. É verdade que no ano passado, quando chegamos aqui, nós três sentimos a mesma coisa [...] Em um ano, a vida mudou tanto! A gente nem sabe dizer se agora é mais fácil ou mais difícil [...]

Os Tapirapé não se demoram no porto. Depois, percebemos que não queriam deixar transparecer a tristeza que sentiam pela partida de Clara e Denise [...] O fato de não falarem nem manifestarem nada não quer dizer que o sofrimento não seja real e profundo. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 153-154).

3.4 HOSPITALIDADES INCONDICIONAIS

O filósofo Jacques Derrida defende que não pode haver condições pré-determinadas para a hospitalidade. Estabelecer direito à hospitalidade deslegitima sua incondicionalidade. Derrida propõe que a hospitalidade incondicional intima a “abrir as portas a cada um e a cada uma, a todo e a qualquer outro, a todo o recém-chegado, sem perguntas, mesmo sem identificação, de onde quer que ele viesse e fosse ele quem fosse.” (DERRIDA, 2001, p. 47) Levinas sustenta que temos uma responsabilidade gratuita e intransferível para com o outro. No entanto, às vezes não conseguimos identificar quem é o nosso próximo, aquele a quem a justiça não alcança e para o qual é preciso ter um olhar especial. Para Levinas, é preciso colocar o eu a serviço do outro como responsabilidade para com ele. Esta atitude parte do “des-inter-esse” pelo si mesmo, ou seja, o não interesse do eu pela reciprocidade do outro, a

gratuidade. (LEVINAS, 2014, pp. 28-29). A fim de identificar quem é o outro, levando em conta que outrem é a manifestação de seu rosto, Levinas declara:

Outrem que se manifesta no rosto, penetra de alguma forma a sua própria essência plástica, como um ser que abre a janela onde a sua figura se desenha. A sua presença consiste em despir-se da forma que, contudo, se manifesta. A sua manifestação é um acréscimo à paralisia inevitável da manifestação. É isso que exprime a fórmula: o rosto fala. A manifestação do rosto é o primeiro discurso. Falar é antes de tudo essa forma de vir por detrás da aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura. (LEVINAS, 1990, p. 235).

Levinas defende que o outro não é simplesmente alguém que se apresenta, ele é o estrangeiro, o pobre, o órfão, a viúva, o indígena, que se manifestam por si mesmos através do rosto, cujas marcas revelam sua legítima visitação. E é para este outro que a hospitalidade se faz imperativa e urgente. Derrida sustenta que devemos dizer sim ao que chega antes de qualquer coisa, antes até mesmo que ele se identifique, independente de quem seja. (DERRIDA, 2003 p. 69).

É possível estabelecer uma correlação entre o pensamento de Derrida e de Levinas com a vivência religiosa do Irmão Foucauld e Irmãzinha Madalena. Identifica-se nestas práticas uma inclinação ao apostolado fraterno e altruísta, privilegiando os menos favorecidos e, principalmente, se colocando a serviço do outro independente de quem seja o outro. Nota-se ainda, que a empatia de Irmãzinha Madalena a impulsionava a orientar às Irmãs no sentido de ir ao encontro deste outro, cuja identidade para elas já era bem definida pela semelhança com Jesus. Ela ensinava:

Só serei feliz quando tiver encontrado na superfície da terra a tribo mais incompreendida, mais desprezada, o homem mais pobre, a fim de que eu possa dizer-lhe: “O Senhor Jesus é seu irmão e o elevou até Ele [...] e eu aqui venho para pedir-lhe que aceite ser meu irmão e meu amigo”. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 42).

Há um consenso entre o pensamento de Derrida e Levinas e a práxis da Fraternidade das Irmãs de Jesus, que nos remete à parábola do Bom Samaritano como paradigma do encontro com o outro e exemplo de hospitalidade incondicional. Em razão de vários conflitos, Israel foi dividida em dois reinos, o do Norte e o do sul. Trinta mil samaritanos foram deportados e em seu lugar, estrangeiros de todas as procedências chegaram, formando um povo fortemente miscigenado. Em razão disto, surge um intenso preconceito por parte dos judeus defensores da pureza de raça e religião.

A parábola conta:

E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?
 E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?
 E respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento; e ao teu próximo como a ti mesmo.
 E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e a viverás.
 Ele, porém, querendo a justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?
 E respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.
 E, por acaso, descia pelo mesmo caminho um certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo.
 E de igual modo também um a levita, chegando-se ao lugar, e vendo-o, passou de largo.
 Porém um certo a samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;
 E aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;
 E partindo no outro dia, tirou dois denários, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar. Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?
 E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele.
 Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira. (LUCAS, 10, 25:37, Bíblia).

É pertinente afirmar que a práxis das Irmãzinhas de Jesus, especialmente na vivência entre os Tapirapé, se assemelham à mensagem da parábola do bom samaritano. Esta era a mensagem que Irmãzinha Madalena passava para suas Irmãzinhas, pedia que se amassem e amassem o próximo incondicionalmente. Ela dizia: “Só serei feliz quando tiver encontrado na superfície da terra a tribo mais incompreendida, mais desprezada, o homem mais pobre, a fim de que eu possa dizer-lhe: ‘O Senhor Jesus é seu irmão e o elevou até Ele [...] e eu aqui venho para pedir-lhe que aceite ser meu irmão e meu amigo’” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 42). Ao escolher os Tapirapé, fica claro o desejo das Irmãzinhas de se tornarem irmãs dos índios, para os quais desejavam levar a palavra de Deus e acima de tudo, levar conforto, amizade, companheirismo.

3.5 HOSPITALIDADE, NÃO IMPOSIÇÃO

Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena idealizaram um apostolado de vanguarda ao propor uma caminhada em direção ao próximo, aqueles a quem a verdadeira compaixão

deve alcançar. Gritar o evangelho com todas as forças e se fazer ouvir através das práxis onde a gratuidade ao servir ao outro com humildade se faz categórica, é possível deduzir que o ministério das Irmãzinhas de Jesus intima ao esvaziamento do ego e da arrogância e desafia a se deixar hospedar pelo seu semelhante. No caso da missão entre os Tapirapé, as Irmãzinhas, mesmo com toda delicadeza e sutileza, professavam sua fé e mantinham seus rituais católicos, mas respeitavam a cultura e o modo de vida dos índios. Conforme Cecília Simões, a enculturação “não pode ser uma maneira de adaptar a fé cristã para que seja aceita nas culturas indígenas. A inculturação, para ser considerada realmente nova, deve reconhecer nas práticas culturais e religiosas do outro, legitimidade” (SIMÕES, 2019, p. 382) Irmãzinha Geneveva disse: “Encontrei na aldeia o equilíbrio vital, o sentido da vida. Deus quer que eles vivam como Tapirapé e era essa forma que nós anunciamos o Reino. Depois, com a presença do CIMI e da Prelazia, vimos que nossa forma de evangelizar era correta”. (JESUS, Irmãzinha Geneveva apud REMY, 2018, p. 84).

Em várias passagens do diário, é possível verificar que as Irmãzinhas às vezes convidavam os índios para participar de suas celebrações, mas a prática não era comum. Na maioria das vezes elas mantinham sua rotina de orações em silêncio e de maneira discreta. Como relata o diário no dia seis de janeiro de 1953: “Quase todos os Tapirapé, quando vão à roça, costumam passar por nossa casa, simplesmente para ver o que estamos fazendo. Hoje de manhã, quando rezávamos, vários vieram e ficaram olhando, mas não se demoraram”. No mesmo dia elas narram no diário: “Esta noite, fazemos a vigília de oração com a aldeia silenciosa. Rezamos pelos Tapirapé e pelo mundo inteiro. É a primeira adoração noturna desde que temos o santíssimo Sacramento em casa” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 79). Outra passagem do diário mostra como às vezes as Irmãzinhas usavam de artifícios para chamar a atenção dos índios e atraí-los para as cerimônias cristãs. Como relatado no diário no dia trinta de agosto de 1953:

Festa de Santa Rosa de Lima, padroeira da América do Sul. Ou oito ou oitenta [...] Hoje há duas missas! Em todo o mundo, várias irmãzinhas começaram o retiro para a nossa festa de 8 de dezembro, e nós nos unimos a elas! O dia é bem cansativo [...] Cozinhar para os hóspedes não é fácil, porque é tão pouco aquilo de que dispomos aqui! Há também distribuição de camisetas coloridas – Cada Tapirapé ganha uma - de miçanga e balas. Eles ficam contentes, mas assim que a distribuição termina, começam as reclamações, trocas e vendas. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 134).

Durante uma entrevista, perguntaram à Irmãzinha Geneveva, como era seu dia e ela respondeu:

Nosso jeito de viver o Evangelho é entrar na vida do povo e viver como o povo vive. Evangelizamos com o testemunho de vida. Primeiro foi conhecer os Tapirapé, respeitar o seu jeito de ser, não julgar nada. Não sabíamos o que podíamos fazer e o que não podíamos fazer, por isso nosso jeito era aprender, aprender, ouvir e respeitar.

A irmã clara ajudava na saúde e eu passei a trabalhar na roça, sempre tive boa saúde. Nunca me deixaram ir sozinha à roça, sempre me acompanhava um rapaz ou uma família. Tive que aprender tudo do trabalho no campo.

Acordávamos às 4 horas da manhã, rezávamos o ofício e íamos para o trabalho ou para estudar a língua. Tínhamos uma capela com o Santíssimo. Os Tapirapé ficavam horas olhando aquilo, sem entender nada, nós fazíamos adoração ao Santíssimo.

Nunca fizemos catequese, nossa evangelização era nossa forma de vida. Só uma vez, por insistência dos Tapirapé, tive que batizar uma criança que estava morrendo. (JESUS, Irmãzinha Genoveva apud REMY, 2018, p. 83).

É fácil verificar através dos relatos, que as Irmãzinhas participavam ativamente da cultura Tapirapé, de suas festividades, cerimônias, de alguns rituais e de tudo que era importante para os índios. Como narra o diário no dia vinte e três de abril de 1953, na época de um dos rituais mais importantes dos Tapirapé, quando os grupos de comer se preparam para a cerimônia e as mulheres de cada grupo cozinham para os homens. Elas contam:

[...] Ontem, muito delicadamente, Okariwa nos perguntou se não iríamos fazer também alguma comida, pois todas as mulheres hoje cozinham para eles! Fazemos o café. Okariwa volta para busca-lo, mas antes de levar nos pergunta timidamente: “Você não quer levar você mesma? As mulheres fazem assim! ”. Então, Genoveva vai e é acolhida, como as outras, com gritos ritmados, na medida do possível. Mas não nos demonstram de jeito nenhum que ficam satisfeitos com isso! (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 100).

Irmãzinha Madalena entendeu perfeitamente a necessidade de mudança exigida para que a Igreja voltasse seu olhar para os que realmente necessitam. O Concílio Vaticano II imprimiu uma profunda mudança no trabalho pastoral realizado por religiosos, padres, bispos e leigos, indicando um novo caminho para a libertação e desenvolvimento dos pobres e oprimidos. Segundo Maria Clara Bingemer, “Muitos queriam compartilhar com o pobre, pelo menos em certa medida, os efeitos da injustiça e opressão, e fazer mudanças profundas e radicais em suas próprias vidas para isso” (BINGEMER, 2017, p. 30).

O Filósofo Padre João Panazzolo, na obra *Inculturação e Liberdade*, afirma que:

O processo de inculturação encontra a imagem e o princípio vital na Trindade. A vocação humana agora é tornar-se semelhante a Deus, que é

amor e misericórdia, que é Pai: “Sede perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito” (Mt 5,48); “Sede misericordioso, como também vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). É a semelhança que o homem deve buscar, não só no domínio sobre o universo, mas também no relacionamento com as pessoas, no testemunho universal de amor e de serviço, segundo a lei do Sermão da Montanha. (PANAZZOLO, 1986, p. 156).

Este era o pensamento do Irmão Foucauld e Irmãzinha Madalena que perseveravam na imagem de Jesus como modelo único a ser seguido. O Beato Foucauld disse: “Sigamos, portanto os ensinamentos de Jesus, os conselhos, as palavras, os exemplos de Jesus, e não deste ou daquele santo, por menos (Lucas - 10, 25:37) que eles se afastem dos conselhos de “nosso único Mestre” e do único perfeitamente Santo JESUS”. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 30) Irmãzinha Madalena, compartilhava com Irmão Foucauld, o amor incondicional ao modelo único, Jesus. Ela ensinava:

Proclamar o Evangelho com a vida quer dizer tentar, à luz do Evangelho viver como Jesus viveu. É viver sua confiança e dependência de criancinha no presépio de Belém, a pobreza e o cotidiano tão comuns em Nazaré [...] a vida contemplativa e a caridade eficiente nas estradas da vida pública, o abandono a Deus, seu Pai, nas dores da Paixão e da Crucificação. É tentar amar como Ele amou, viver o espírito das bem-aventuranças na pobreza, na mansidão, a sede de justiça, a misericórdia, a pureza de coração, a paz, a alegria de sofrer perseguições por amor de Cristo. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 60).

É possível perceber que a missão entre os Tapirapé foi cuidadosamente pensada e programada. Atender aos apelos de uma etnia fadada ao desaparecimento era imperativo. Uma vez que o carisma da Fraternidade era uma vida contemplativa no meio dos pobres, excluídos e marginalizados, as Irmãzinhas se dedicaram durante décadas a tentar da melhor forma possível, assegurar um lugar de fala aos nativos, ajudando-os a defender suas terras, conservar sua cultura e rituais, cuidando de sua saúde, lutando por suas causas e principalmente, ajudando a conservar a maior forma de propagação da etnia Tapirapé, sua língua através da Escola Tapirapé.

Percebo que as Irmãzinhas falaram sim de um Jesus Cáritas amado por elas e a quem desejavam imitar. Almejavam sim que todos os indígenas vivenciassem uma experiência de amor com seu Deus, conforme relato no diário no dia 20 de setembro de 1954, quando elas escrevem: “[...] Essa conversa foi uma ocasião para falarmos em Nosso Senhor e Nossa Senhora e dizer-lhes que devemos colocar todas as nossas preocupações em suas mãos. Eles são muito receptivos, e percebemos que talvez devêssemos falar-lhes mais diretamente do

Evangelho e de nossa fé cristã.” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 215). No entanto, com o passar dos anos, elas perceberam que Deus estava ali na aldeia e em todas as aldeias e os nomes pelos quais Ele era chamado não importava. O Padre Aiban Wagua, da nação Kuna, no Panamá, em seu artigo “A antiga e a Nova Evangelização dos Índios”, publicado no livro *Queimada e Semeadura*, diz:

Nossas histórias indígenas, nossas ideologias, nossas manifestações culturais, a vida de nossos heróis, tudo isso nos deu coragem e resistência por muitos anos. Deus está e esteve com nossos povos, Ele os evangelizou primeiro e lhes deu maneiras e caminhos particulares por onde O poderiam encontrar, e usou nossas roupas, nossas flechas, nossas cabeças de “chucha” (cabeça de milho), e não Se arrepende de nos ter dado essa forma de vida, e Ele conosco, com nossos antepassados, foi traçado para nós uma história de salvação bem nossa [...] (WAGUA, 1988, p. 207).

A parceria com o CIMI foi fundamental para a efetivação do objetivo da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, uma vez que a partir de um propósito conjunto, foi possível reformular o conceito de missão, “carregado de relativismo e pluralismo” indo ao encontro do diálogo inter-religioso e priorizando as causas indígenas e sociais. Mas esta percepção foi construída ao longo de uma convivência carregada de experiências múltiplas. Acredito que alguns Tapirapé tenham realmente conhecido e alcançado Jesus na concepção das Irmãzinhas. Mas talvez seja possível conjecturar que grande parte dos índios tenham realmente concebido Jesus através da amizade, do companheirismo e do amor demonstrado por elas durante os anos. Porque elas afirmavam que Deus é amor, os nativos O conheceram pelas ações das Irmãzinhas quando as mesmas gritaram o Evangelho para os Tapirapé. Além disso, percebe-se desta relação, o surgimento de um fecundo diálogo cujos frutos foram colhidos durante os anos de amizade e cumplicidade.

3.6 HOSPITALIDADE E CONVIVÊNCIA

Leonardo Boff defende que vivência deriva de conviver e de coexistir e que con-viver e coexistir são modos de ser globalizantes e inclusivos. Conviver e coexistir são consequências de uma vida compartilhada em toda a sua complexidade. A convivência representa partilhar, coexistir e participar efetivamente da vida um do outro, “de seu sentido de ser, de suas lutas, de suas buscas, de suas derrotas e de suas vitórias”. Só assim se aprende verdadeiramente como se constrói o saber coletivo, a visão de mundo do outro, seus valores e sonhos. (BOFF, 2006, p. 32)

O cuidado com que as Irmãzinhas se prepararam para viver entre os Tapirapé demonstram o respeito e a atenção dedicados à missão. Observa-se pelos relatos do diário que, antes mesmo da vinda definitiva das Irmãzinhas que viveriam entre os índios, Irmãzinha Madalena veio em uma visita de reconhecimento da aldeia e dos Tapirapé, como confirma o relato no diário no dia cinco de outubro de 1952: “[...] Nessa casa estivemos com Irmãzinha Madalena, que se inspirou nela para fazer a planta da nossa” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 51). Em outro relato nos dias vinte e três e vinte e quatro de junho de 1952, Irmãzinha Madalena escreve:

Entramos no rio Tapirapé e começo a sorrir, pois até então nada me atraía [...] Mas desta vez é realmente aqui que o Senhor quer [...] Depois de atracado o barco, seguimos por pequenos atalhos, atravessamos um trecho com árvores esparsas e arbustos selvagens e avistamos a aldeia: encontramos uns vinte Tapirapé, de olhar simples e bondoso, cabelos longos, acolhendonos a todos com o mesmo sorriso. É junto deles que vamos viver [...]

Vamos então escolher o lugar da futura Fraternidade e, como sempre, ao tentar descobri-lo, percebo um sinal d’Ele: uma pequena clareira, onde parece que o Senhor nos espera [...]

(...) A missa, celebrada perto da casa de festas, é oferecida ao mesmo tempo pela Irmãzinha e pela nova fundação. É da terra dos índios que escrevo este diário, desta terra ainda tão desolada por causa dos ataques dos índios hostis, instalados a 240 quilômetros daqui.

(...) Explico às Irmãzinhas meu pensamento, que é muito simples: elas se farão Tapirapé. para daqui, irem aos outros e amá-los... Mas serão sempre Tapirapé que amarão os Kayapó, seus inimigos. E por isso serão mais que um simples traço de união, uma ponte entre os dois grupos... (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 27).

Depois desta visita de reconhecimento, verifica-se que as Irmãzinhas começaram a se preparar para viver entre os índios. A primeira coisa que fizeram e a que mais preocupava era começar a aprender o português para tentar se comunicar antes de aprender a língua Tapirapé. Irmãzinha Genoveva contou: “Estávamos totalmente despreparadas para trabalhar no meio deles. Não tínhamos nenhum conhecimento da língua, dos costumes, da religião, e nem sabíamos sobreviver no dia a dia. Eles diziam: “Essas mulheres não sabem nada: ‘Como é que gente grande não sabe nada?’ Tiveram muita paciência conosco.” (REMY, 2018, p. 83). A partir disto, começaram a aprender tudo o que era necessário para viver na aldeia, e não depender tanto dos índios. Queriam levar uma vida normal como a deles e efetivamente conviver e coexistir com eles, como uma relevante manifestação de respeito aos Tapirapé.

Boff defende que à medida em que o tempo passa, se estabelece um elo de coesão, uma comunhão de pensamentos e mentes onde as mentes e corações vibram juntos. Essa comunhão envolve “dimensões bem concretas de solidariedade, de mútuo apoio e de

sentimento de co-presença que vão além da simples participação”. Boff acrescenta que: “A comunhão faz com que os grupos, embora geograficamente distantes, se sintam na mesma caminhada e na mesma direção, sonhando sonhos afins”. (BOFF, 2006, p. 36).

É perceptível que, com o passar dos anos as Irmãzinhas foram se sentindo cada vez mais à vontade na aldeia, sentiam-se em casa e conviviam naturalmente com a cultura Tapirapé. Tinham sua própria rotina com a qual os índios também se adaptaram, como demonstra o relato no diário do dia primeiro de janeiro de 1953:

Denise, a convite de Awarao, vai servir-se de paçoca de carne de porco no pilão dele. A gente se serve com uma conchinha; é bem mais prático do que com uma colher de alumínio [...] Vemos que, cada dia mais, fazemos parte da aldeia, entrando nas casas, familiarmente, sem que ninguém se incomode [...]” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 78).

Apesar da comunhão da interação rapidamente estabelecida entre as Irmãzinhas e os Tapirapé, a convivência entre pessoas de culturas tão distintas não elimina as diferenças. A despeito disto, torna-se primordial o respeito à alteridade e o reconhecimento do outro como outro, respeitando as diferenças e as percebendo como típicas do próximo. Suzana Macedo sinaliza para duas atitudes que permitem a caminhada em direção ao outro para que haja realmente um acolhimento, a solidariedade e a compaixão. Identifica-se, então, estas duas atitudes das Irmãzinhas junto aos Tapirapé quando entramos em contato com o diário escrito por elas. As Irmãzinhas passaram por muitas dificuldades, nem tudo foi fácil como é possível constatar pelo relato no diário do dia quinze de novembro de 1952, quando elas escrevem:

O dia começa com dificuldades. Os que estavam decididos a ir trabalhar na casa querem desistir. Finalmente, Genoveva consegue reunir três ou quatro que a ajudam a carregar as palhas. Uma vez descarregadas à beira do lago, nós as transportamos, ajudadas pelas crianças, que se transformam em “casinhas” dançantes e saltitantes! Até um menino de 4 anos entra na dança [...] Trabalho um pouco duro, mas que nos faz bem. À Tarde, quando conversamos sobre a dificuldade para preparar o que comer, pois há tempo que os Tapirapé não vão caçar, chega um deles com um belíssimo pedaço de porco selvagem que acabara de matar. E o problema do jantar ficou resolvido [...] noite, em vista do domingo, a atmosfera um pouco tensa desses dias se descontraí em conversas gostosas. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 65).

Observa-se que além das dificuldades pela falta de coisas materiais e a necessidade de adaptação, tiveram que assumir trabalhos braçais pesados como a construção de sua casa, a construção de uma dispensa para os remédios, além do trabalho duro na roça, as idas e vindas

de barco para atender a doentes da região, e muitas outras coisas pelas quais se sentiam responsáveis ou poderiam ajudar. Ademais, as Irmãzinhas também se sentiam afetadas por algumas situações vivenciadas pelos Tapirapé. Enfrentaram perigos para ajuda-los na luta pelo reconhecimento de suas terras, se preocupavam com a vulnerabilidade dos indígenas em relação à doenças dos não índios, se compadeciam com suas tristezas e perdas, estavam sempre prontas para cuidar deles e também serem cuidadas por eles. Pode-se confirmar isto conforme o relato no diário no dia vinte e sete de junho de 1953 quando elas escreveram: “Crises de malária nos Tapirapé que estão na roça. Vamos lá umas duas vezes durante o dia e aproveitamos para dar uma volta até a nossa roça e ver se o que plantamos em janeiro pegou”. E ainda: “De tarde, Clara vai à roça visitar os doentes” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 120).

Suzana Macedo explana que “quando o estrangeiro é recebido na soleira da porta e convidado a entrar, quando são ditos os nomes, é oferecido um lugar para sentar, água para se lavar e comida para saciar a fome, o estrangeiro torna-se hóspede e, quem sabe, um amigo”. (MACEDO, 2017, p. 240) Ouso afirmar, portanto, que apesar de os Tapirapé terem recebido as irmãzinhas transpondo a soleira da porta, oferecendo sua casa e lhes dando de comer, as Irmãzinhas chegaram prontas e se deixaram hospedar, aceitando com gratidão as boas-vindas e se fazendo merecedoras da confiança e da acolhida. Além de hóspedes as irmãzinhas também eram hospedeiras, uma vez que aceitaram o chamado para viver entre os índios.

Macedo esclarece que tanto o hóspede quanto aquele que hospeda podem ser considerados estranhos, uma vez que este encontro pode se dar entre duas realidades totalmente diferentes, como é o caso das Irmãzinhas de Jesus em os Tapirapé. Faustino Teixeira diz que, obviamente houve momentos em que as Irmãzinhas discordaram dos índios e até mesmo se sentiram desconfortáveis diante de alguma situação. Irmãzinha Odile de Jesus, que também viveu alguns anos entre os Tapirapé, deu um depoimento no final do diário das Irmãzinhas e conta: “E assim vai [...] Cada dia, o desafio é assumir a “história Tapirapé” com sua particularidade, sua riqueza, conhecendo a outra história, com suas propostas de vida e suas propostas desrespeitosas de “desenvolvimento imediatista”, de consumismo etc.” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 243) Porém, percebe-se que com sutileza e sensibilidade elas souberam respeitar os índios e se colocar ao lado deles em todas as situações.

3.7 HOSPITALIDADE E MISERICÓRDIA

A misericórdia é um dom de Deus e centro nevrálgico do evangelho. Assumir essa dimensão evangélica é romper com o círculo vicioso do egocentrismo e deixar-se habitar, no fundo do coração, pelo grito do outro (TEIXEIRA, 2016).

Na reta final deste estudo, posso afirmar que a filosofia das Irmãzinhas de Jesus era a de fazer o bem sem olhar a quem. No início da convivência com os Tapirapé, tudo era difícil, passaram por muitas dificuldades, tudo era diferente e novo para as Irmãzinhas. Porém, elas entendiam que tudo era novo para os índios também, mesmo sua representação de fé. Irmãzinha Madalena disse certa vez:

Teriam elas o direito de entrar na intimidade desse povo? Só a descrição de um amor solidário poderia justificar a entrada na vida de um povo sofrido e espoliado. A autenticidade dessa aliança tinha ainda de ser verificada e selada na vida: no dia-a-dia, no sol, no vento; na luta pela mandioca de cada dia, pela saúde, pela preservação da cultura e da terra deles, ameaçadas pelos poderosos com a convivência dos governantes; na dor e na alegria, na luta e na esperança, nas riquezas e nas limitações de uns e de outros. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 21).

Quando Irmãzinha Madalena falava de unidade, ela acreditava que essa unidade deveria começar entre elas, o que às vezes não acontecia. Percebe-se que em algumas ocasiões elas se sentiam inseguras e desanimadas, sobretudo com o isolamento e falta de notícias. As cartas que recebiam e os diários com notícias das outras Irmãzinhas eram o conforto e o incentivo para seguir em frente, como podemos confirmar pelo relato no diário no dia onze de fevereiro de 1953 quando elas escrevem: “Todos correm logo para o rio. Surpresa: é frei Alberto! Ele nos traz cartas, livros, diários e um pacote de Irmãzinha Matilde com algumas provisões. Esquecemos logo a distância e a ausência quase total de notícias, desde agosto passado!” (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 89).

Contudo, nota-se que essa inquietação e insegurança de algumas Irmãzinhas estavam relacionadas, algumas vezes, à questão da evangelização, visto que a inculturação da fé pressupõe um olhar mais flexível em relação à cultura indígena, o que pode causar um mal-estar gerado pelo conflito entre “evangelizar sem dialogar e dialogar sem evangelizar”. Cecília Simões defende que “O impasse entre uma velha e uma nova evangelização traria ao cristianismo a sensação de culpa por duas vezes: tanto pelo excesso de zelo missionário, marcado pela intolerância, quanto pelo relaxamento do zelo missionário [...]” (SIMÕES,

2019, p. 384) Este mal-estar fica evidente no relato das Irmãzinhas depois de um diálogo franco a respeito da unidade entre todas elas, quando dizem:

Na revisão de vida nós vimos juntas que a verdadeira unidade no Cristo ainda não existe entre nós [...] Uma ou outra se sente ainda muitas vezes isolada das duas outras por motivos diferentes [...] O Senhor tomou seu lugar na capela, mas ele ainda não está o suficiente em nossas vidas e em nós [...] Não tendo nenhum auxílio de fora para nos ajudar a superar as dificuldades das relações pessoais, e com as preocupações da aldeia temos necessidade dessa unidade [...] Ao colocar em comum, nós tentamos ver como fazer desta quaresma um novo recomeço. Nós temos necessidade disso, porque nestes últimos meses, nos tem faltado coragem [...] (JESUS, Irmãzinha Genoveva apud REMY, 2018, p. 45).

Percebo ainda que, apesar de qualquer mal-estar experienciado pelas Irmãzinhas, a força da amizade que as unia aos Tapirapé era ainda maior. Ao ser questionada por um repórter da região se “isto valeu a pena”, Irmãzinha Genoveva respondeu com um sorriso: “refaria tudo de novo, certamente [...] esta vida me ensinou, me ajudou a me formar em minha vida religiosa, na minha fé...” (JESUS, Irmãzinha Genoveva REMY, 2018, p. 45).

Apesar de tudo, para as Irmãzinhas o que importava era estar perto deles para lhes dar apoio, amor e amizade. Irmãzinha Madalena ensinava para suas Irmãzinhas:

Cada vez mais vou percebendo que não somos feitas para procurar nossa perfeição pessoal, nem para fundar fraternidades “maravilhosas” e bem organizadas [...] Nosso papel, ao contrário, é roçar e semear. O mundo inteiro nos chama [...] a fé está acabando, a caridade se apaga, porque não se encontram mais espaços para um verdadeiro amor fraterno. Todos estão cansados das “obras de caridade”; precisamos de amizade, de ternura, e se não as encontrarem na religião de Cristo, entre os amigos mais íntimos, irão procurar mais longe [...] (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 43).

Irmãzinha Madalena dizia ainda: “Por mais difícil que isto nos possa parecer, tem que haver um lugar em nosso coração, devemos reservar um lugar para o “amigo único”, cada um daqueles que necessitam de um olhar especial, aqueles a quem Deus colocou em nosso caminho [...]” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, 1991, p. 42).

Este exercício de misericórdia era praticado pelas Irmãzinhas que passaram pela aldeia, especialmente pela Irmãzinha Genoveva, a Veva, que disse certa vez:

[...] Nós tomamos sempre mais consciência de que nossa expressão de fé, nosso modo de rezar são muito estranhos aos Tapirapé [...] nós decidimos de os viver com a maior discrição possível, pode ser que um dia poderemos nos aproximar mais de sua relação com Deus. Sentimos muito fortemente a necessidade de “sair” de nossa cultura... eu me sinto muito frágil e ao mesmo tempo segura da necessidade de estar mais ao lado deles, de preservar o essencial, eu não posso sacrificar “o anúncio da vida”. (JESUS, Irmãzinha Genoveva apud REMY, 2018, p. 48).

Faustino Teixeira sustenta que o diálogo “é uma ‘cartografia inacabada’, que vai se tecendo com as linhas da humildade e generosidade”. Os interlocutores são convidados a alçarem o olhar, vislumbrarem novos patamares de significado, refletirem sob nova luz. Teixeira afirma que a partir daí “pode então ocorrer o milagre de um encontro, que preserva simultaneamente o autorrespeito genuíno e a autoexposição ao outro. No cerne do diálogo está uma acolhida, está a presença de um rosto que convida, de um olhar que indaga e provoca o mover dos lábios. (TEIXEIRA, 2016).

Na noite do dia vinte e um de outubro de 1952 as Irmãzinhas narram no diário um momento que considero ser de comunhão entre elas e os índios, com uma demonstração singela de ternura e amizade:

De noite, os Tapirapé não têm peixe, nem caça. Neste caso, não costumam cantar. Há um grande silêncio na aldeia, e afinal são eles que vêm nos pedir que cantemos [...] Procuramos atender ao pedido e eles repetem, sem dificuldade, as melodias que ensinamos. Aos poucos, atraídos, todos vêm à nossa casa e passamos assim momentos bem agradáveis. Procuram falar conosco, conversar. Estão muito intrigados a respeito de nossas famílias [...] Ficam surpresos ao saber que nossos pais ainda vivem e perguntam os nomes deles. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002, p. 58).

3.8 HOSPITALIDADES, MISSÃO E DIÁLOGO

A primeira evangelização na América Latina se apresentou sob o paradigma da dominação e subordinação, o que resultou em um “Cristianismo colonizado” que somente reproduzia o modelo religioso da metrópole. Leonardo Boff assinala que a nova evangelização representada pela libertação, dá origem a um “cristianismo tipicamente latino-americano de cunho indígena, negro, mestiço, branco e latino, inovador em termos de estrutura eclesial. Um modelo não suprime o outro, mas se integram e o segundo supera o primeiro. (BOFF, 1988, p. 130) A Bula Inter Coetera e Tratado de Tordesilhas de 1493 pregava a máxima de que a fé Católica e a religião cristã, deveriam ser exaltadas e em toda parte ampliada e dilatada. Era preciso procurar as almas e salvá-las, sob bárbaras imposições,

reduzindo sua fé a nada (BOFF, 1988, p. 131). Isto significou evangelizar os nativos, obrigando-os a abrir mão de sua língua, seus costumes e, principalmente, abrir mão do próprio nome através do batismo cristão, desenraizando-os completamente de sua cultura. Os índios foram aculturados e impelidos a adotar uma fé sistematizada e pronta. No entanto, o documento de Puebla de 1979, “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”, rompe com o projeto colonizador do passado para ensaiar a nova evangelização a partir do diálogo, numa perspectiva de evangelização libertadora. Boff ressalta que Puebla “forneceu a chave teológico-pastoral” para uma nova evangelização, uma vez que convidou e estimulou a Igreja a uma profunda mudança de postura em relação à catequese. No entanto, reconheceu que para isto era preciso um “esforço permanente para conhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje, de forma dinâmica, atraente e convincente”. (BOFF, 1988, p. 133).

Na obra *Inculturação e Libertação*, João Panazzolo discorre sobre o que chama de missiologia solidária, uma missiologia que partiu da prática missionária de Jesus em Nazaré, cuja práxis se coloca a serviço do outro escutando seus sofrimentos, seus clamores, se colocando no meio do povo “para servir, para acolher, sentir e perdoar, para lavar os pés.” (PANAZZOLO, 1986, p. 154) É fácil perceber a relação deste pensamento com a postura das Irmãzinhas, especialmente entre os Tapirapé. Elas ouviram o clamor de um povo à beira do genocídio com menos de 50 pessoas. Um povo que quase viu sua etnia desaparecer por causa de doenças, de ataques de outros povos, desamparados e órfãos de suas terras e de sua casa. Percebe-se que assumir a dor do outro foi o legado de Irmãzinha Madalena para suas Irmãzinhas, quando firmou a opção pelas populações pobres, excluídas e marginalizadas. Sua sensibilidade a fez reconhecer o seu próximo e a enveredou pelo caminho do abandono de si e do encontro com o outro.

Irmãzinha Madalena tinha consciência de que sua proposta missiológica de se misturar com o povo e viver como fermento na massa, a colocava na vanguarda de uma concepção evangelizadora no sentido de viver o Evangelho ao invés de só pregá-lo. Depois da visita apostólica realizada na fraternidade e que antecedeu ao Vaticano II, é possível conjecturar que as constituições escritas por Irmãzinha Madalena para as fraternidades das Irmãzinhas de Jesus, com os ideais de vida e regras a serem seguidas pelas Irmãzinhas e que foram cuidadosamente inspecionados, podem ter inspirado a vontade de mudança e começado a transformar o olhar da Igreja para os menos favorecidos e sua forma de fazer a Igreja, indo ao encontro do povo. Percebe-se que a missão entre os Tapirapé exigiu das Irmãzinhas uma grande sensibilidade para conviver com as diferenças e administrá-las. O fermento na massa

não significava abrir mão do sentido da missão, mas representava uma nova forma de falar de Deus e proclamar Sua palavra através da amizade, do companheirismo, da solidariedade, da partilha e da hospitalidade. É o diálogo presente através do encontro de fé. Boff diz: “Neste processo de evangelização não há evangelizador e evangelizado como duas frações dentro da igreja; ambos se evangelizam mutuamente construindo assim uma igreja como comunidade fraternal, toda ela ministerial, servidora e missionária” (BOFF, 1988, p. 133).

Nota-se que a parceria com o CIMI foi fundamental para que as Irmãzinhas se sentissem amparadas para seguirem confiantes em sua opção missionária. Respeitar e inculturar eram os desejos das Irmãzinhas na aldeia. Irmãzinha Veva declarou que o trabalho do CIMI as fez avançar na solidariedade com os Tapirapé, respeitando sua “diferença” e, ao mesmo tempo, mantendo-as fiéis à sua fé. (REMY, 2018, p. 48) Isto é diálogo inter-religioso.

3.9 SER TAPIRAPÉ

A originalidade das sociedades tribais brasileiras (de modo mais amplo, sul-americanas) reside numa elaboração particularmente rica da noção de pessoa com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal. Ou, dito de outra forma, sugerimos que a noção de pessoa e uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas são caminhos básicos para uma compreensão adequada da organização social e cosmologia destas sociedades. (SEEGER; MATTA; CASTRO, 1979, p. 3).

Muitos povos ameríndios acreditam que o mundo é habitado por várias espécies de indivíduos, humanos ou não. Estes indivíduos são percebidos de vários pontos de vista relacionados aos seus corpos. Para eles, o corpo é o que caracteriza a pessoa, é o lugar da personalidade, é o que determina a pessoa, planta, animal ou tudo que existe. Da Matta ressalta que “o corpo ameríndio não é um dado genético, mas é construído ao longo da vida por meio das relações sociais” (DA MATTA, 1976, p. 88) Aparecida Vilaça defende que não há diferença substancial entre as roupas dos animais usadas pelos xamãs e pelos próprios animais. Tanto os adereços corporais quanto as roupas dos brancos são, para o ameríndio, recursos de diferenciação e de transformação do corpo que não podem ser desvinculados de outras práticas, como, por exemplo, os hábitos alimentares. Para Vilaça, as roupas ocidentais usadas pelos índios representam o “modo indígena de ser branco, um devir previsto por seu sistema conceitual. Os enfeites plumários, por sua vez, seriam o modo Branco de ser índio”

(VILAÇA, 2000, p. 60). A abertura ao outro que define o pensamento ameríndio, é na verdade, uma abertura fisiológica. (VILAÇA, 2000, p. 66).

Na concepção ameríndia, a noção de corpo como lugar da diferença vai além das relações interespecíficas. Para algumas etnias a sociedade “é constituída por agregados corporais de diversos níveis, sendo suas fronteiras tão variáveis que se torna difícil falar em sociedade (VILAÇA, 2000, p. 60). A relações consubstanciais são muito importantes na construção da identidade. Independentemente dos laços consanguíneos, pessoas que vivem juntas, partilham dos mesmos hábitos alimentares, dos mesmos costumes, passam, sob a ótica ameríndia, a ter a mesma essência. Alguém da mesma etnia, até mesmo um parente que conviveu durante anos em uma aldeia, pode se tornar um estranho ao se distanciar por algum motivo dos hábitos e costumes de seu povo. Por outro lado, um não índio pode se tornar um deles na medida em que incorpora seus hábitos, costumes e passa a viver como eles. Seeger salienta que, para os ameríndios:

Se a sociedade não é um organismo, no sentido de um conjunto de partes funcionalmente diferenciadas, ela é um ente somático, um corpo coletivo formado de corpos, e não de mentes. As fronteiras, que se situam em diversos níveis, separando os parentes dos não-parentes, e estes dos inimigos, são fronteiras corporais, e o que o grupo consubstancial, uma espécie de coletivo “biológico”, troca com outra unidade, igualmente concebidas, são substâncias: alimentos, sêmen, suor, sangue e carne humana. (SEEGER, 1980 p.31).

Para os ameríndios, o que chamamos de modo de vida, costumes, tradição, nada mais é do que uma carga que se leva para onde for, em uma mala ou em um cesto.

Viveiros de Castro sinaliza que a função do uso das máscaras e adereços pelos ameríndios, não é uma fantasia, mas um instrumento. Ele diz: “Estamos diante de sociedades que inscrevem na pele significados eficazes, e que utilizam máscaras animais [...] dotadas de poder de transformar metafisicamente a identidade de seus portadores, quando usadas em contexto ritual apropriado” (CASTRO, 1996, p. 133).

Quando as Irmãzinhas chegaram à aldeia, foram recebidas por todos os Tapirapé que as esperavam na beira do rio, todos sorrindo ostentando suas pinturas corporais, como um desejo de boas-vindas. Com o passar dos anos, as Irmãzinhas abandonaram o uso do hábito, o que causou estranheza aos índios. Esta postura pode, talvez, ser considerada como uma quebra de paradigma. No momento em que as Irmãzinhas entenderam que os Tapirapé poderiam ser eles mesmos, com sua cultura e seus costumes, e a partir de um diálogo afetivo, construir uma comunhão de fé e de corações, elas abriram mão da roupa de branco e

se vestiram de Tapirapé, se tornaram Tapirapé. É fácil perceber que as Irmãzinhas assumiram a rotina da aldeia, cuidavam dos doentes, plantavam, colhiam, pescavam, levavam uma vida como a das outras índias. Participavam dos grupos de comer, o maior ritual da etnia. Ou seja, elas pegaram seus “cestos” e foram aos poucos construindo sua identidade Tapirapé, com a sensibilidade de quem entendeu que a vida deste povo e hospitalidade tanto dada quanto recebida, era mais importante do que a teologia.

Em várias passagens do diário percebe-se claramente que as Irmãzinhas falam como se fossem uma mulher Tapirapé. Em várias passagens do diário elas se colocam como um delas, como no dia 15 de fevereiro de 1953 quando escreveram: “De tarde os Tapirapé voltam de uma expedição que durou cinco dias [...] Precisam abrir uma picada na mata, mas a picada ficou comprida e a farinha acabou antes de encontrarem os taquaris [...] Todas nós – mulheres e crianças que tínhamos ficado na aldeia – estamos felizes com a volta deles e logo o demonstramos. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002.p.89).

Quando o Frei Leonardo Boff conta que ao se deparar com uma típica índia Tapirapé ao lado da Irmãzinha Genoveva, pensou: “se esta tivesse tingido de tucum seus cabelos brancos, seria tida por uma perfeita mulher Tapirapé ” (BOFF, 2006. P.14-15), ele reitera que a convivência lhe deu semelhança física porque ela assumiu a alma da cultura Tapirapé. Afirmo, portanto, que as irmãzinhas que viveram na aldeia, se tornaram Tapirapé como era o desejo de Irmãzinha Madalena.

O corpo, na perspectiva ameríndia sobre a corporalidade, atua como um idioma simbólico que possibilita a definição de pessoa pela sociedade.

Considerações

Neste terceiro capítulo eu analiso a experiência da missão das Irmãzinhas de Jesus entre os índios Tapirapé. Através de experiências relatadas no diário, é possível perceber as sutilezas de uma convivência que nem sempre foi fácil, mas apesar disso, se consolidou em uma amizade singela e verdadeira. Analiso como a vivência da hospitalidade pode ser observada sob a ótica do respeito, da comunhão entre as duas culturas e da convivência no dia a dia. Examinio também, como a hospitalidade incondicional pode se caracterizar nesta convivência, e como as Irmãzinhas estiveram sempre ao lado do povo Tapirapé, lutando suas lutas, assumindo suas dores, vivendo suas vidas. Em seguida, observo como a hospitalidade se fez presente na convivência diária, estimulando as irmãzinhas a serem cada vez mais

parceiras dos índios e ainda analiso o olhar misericordioso das Irmãzinhas para com os amigos Tapirapé, a quem conquistaram com delicadeza e amizade, e foram conquistadas pelo cuidado, pelo respeito e pelo carinho com que os índios cuidavam delas. Em seguida, exploro como a missão se transformou em diálogo e permitiu que as irmãzinhas pudessem realizar o verdadeiro sonho de Irmãzinha Madalena, se tornar Tapirapé. E, por último, analiso como, a partir da visão ameríndia, as Irmãzinhas se tornaram Tapirapé.

CONCLUSÃO

NATAL TAPIRAPÉ

(Pedro Casaldáliga)

Às Irmãzinhas de Jesus, em íntima comunhão.

Lago Tapirapé, Natal de 1969

As laranjas de tenra pele cuidada
 Guardam a aldeia verde
 Ainda na paz do paraíso
 E em minha fé surpreendida.
 Sob as nuvens prata de um outono
 Que nem é outono, amigo, nem Bretanha,
 Os cantos de Natal das Irmãzinhas
 Bordam a grande Mensagem do total abandono.
 Toca uma flauta exótica, primeira;
 A mesma de Belém, aquela Noite.
 Cheira o fogão caipira; chora a fumaça;
 Cheira a palha boa.

Uma canoa pesca os peixes de cores do poente
 Na perfeita placidez do lago.
 E na argila, pura
 Como pó de estrelas,
 Deus nasce índio...

Foucauld sorri, com sua barba, leve
 Como capim cozido a fogo lento;
 Com seus cansados olhos beatíficos.
 E na carne nua
 Dois índios felizes
 O Evangelho pontilha,
 Desenhado
 Com jenipapo negro.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa realizada com grande apelo afetivo. Durante as aulas de mística no curso de especialização em ciência da Religião, me deparei com a fascinante figura de Charles de Foucauld, o Irmãozinho de Jesus. Então, foi impossível não me deixar encantar por sua história e pela força de sua trajetória religiosa, aliando a obediência à determinação na busca pela perfeição, tendo como modelo a vida de Jesus em Nazaré. Não precisei pesquisar muito sobre os seguidores do beato Foucauld para conhecer a trajetória de vida de Madalena Hutin, uma de suas mais fervorosas discípulas que, apesar da pouca saúde, viveu até os noventa e um anos e espalhou pelo mundo fraternidades de amor através do Evangelho vivido, mais do que pregado, por suas Irmãzinhas de Jesus, as Irmãzinhas azuis.

Irmãzinha Madalena de Jesus era uma Abdâl e desejava profundamente sanar as feridas e as dores do mundo. Tinha o dom da doação e a humildade de não almejar reciprocidade. Irmãzinha Madalena entendeu que seu inabalável amor por Jesus e sua incondicional entrega a esse amor, a conduziria ao encontro do outro, e assumiu a missão de levar Jesus para fora de suas próprias fronteiras, alargando sempre o horizonte dos lugares de fraturas humanas, de marginalidade e exclusão. (Boletim Verde, p. 12/13) Entre os excluídos estavam os índios Tapirapé, que conviviam com a ameaça de ver seu povo desaparecer completamente.

O objetivo deste estudo foi buscar compreender como a vivência da hospitalidade pode ser compreendida a partir da experiência das Irmãzinhas de Jesus entre os índios Tapirapé. Para isto, analisei alguns pontos específicos que me auxiliaram na conclusão do meu objetivo. Um dos pontos foi compreender o ideal de vida cristã na inserção em populações marginalizadas a partir da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Foi desafiador compreender a trajetória de vida e religiosa de Charles de Foucauld e irmãzinha Madalena.

O Beato Charles de Foucauld, o Irmãozinho de Jesus, é um dos grandes expoentes da mística cristã, cuja profunda espiritualidade o levou a uma busca incansável de se tornar o último entre os últimos. Foucauld entregou sua vida a Deus e desta entrega, nasceu um amor radical que o levou a viver entre os pobres do deserto, a quem dedicou toda sua hospitalidade. Durante sua vida não conseguiu nenhum companheiro que dividisse com ele a missão de “gritar” o Evangelho aos que não conheciam a palavra de Jesus. Sua preferência pelos pobres e excluídos foi o motivo do encantamento de Madalena Hutin que, após o contato com sua biografia, nunca mais abandonou o desejo de seguir seus passos. Madalena Hutin se

transformou em Irmãzinha Madalena de Jesus e espalhou pelo mundo a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. É impressionante perceber sua entrega incondicional ao amor de Jesus, um amor sem limites que lhe deu durante toda sua vida, a certeza de que Deus havia lhe dado uma missão e lhe sustentaria até que esta estivesse cumprida. No entanto, percebe-se que seus objetivos jamais cessavam. Sua experiência mística com o Menino Jesus a incentivou a espalhar a Fraternidade pelo mundo inteiro, por todas as partes onde houvesse a miséria, incompreensão, desamor e todas as mazelas humanas. Não concebia a ideia de haver uma pessoa, um povo que estivesse sofrendo e não estivesse por perto para levar sua hospitalidade cristã. Irmãzinha Madalena dizia que a Fraternidade era “um mistério de amor. Se tentássemos aprofundá-lo, iríamos nos agitar, ter medo de não sermos dignas, de não correspondermos bem, íamos querer fazer uma obra nossa. Não é isso que Ele quer. Ele quer que a gente se abandone, de olhos fechados”. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, s/d, p. 16).

A preferência pelos pobres nasce do desejo de imitar a vida de Jesus em Nazaré, uma vida humilde no meio do povo. No entanto, faz-se necessário compreender a noção de pobre na concepção da Fraternidade das Irmãzinhas. Para elas, pobres são todos aqueles que sofrem com a opressão das políticas exclusivistas, com o descaso social, com o preconceito e todo tipo de pobreza humana. Não se tratava simplesmente de pobreza material, mas da perda de seu lugar de fala, da falta de oportunidade e talvez de uma assistência médica, de uma palavra de conforto. Neste sentido, é clara a preocupação com as populações ameríndias, especialmente com os índios Tapirapé, com quem vieram viver.

Outro ponto importante para a conclusão dos meus estudos era contextualizar a vivência da hospitalidade na irmandade, a partir da trajetória de Charles de Foucauld e Irmãzinha Madalena. Percebi que, tanto o Beato Foucauld quanto Irmãzinha Madalena, por Jesus, tiveram uma experiência de entrega total e abandono. Ela dizia: “Não se deem pela metade, Jesus quer tudo, completamente. Com Ele não se regateia”. E acrescenta: “Se vocês não quiserem entrar firmemente no caminho do amor, não fiquem na vida religiosa. Sem amor ela não tem nenhum sentido [...] e nunca terá nenhuma fecundidade. Todo o resto é nada sem amor.” (JESUS, Irmãzinha Madalena de, s/d, p. 16).

É notório que o amor é a mola mestra que impulsiona a hospitalidade nas Fraternidades das Irmãzinhas de Jesus. Por ocasião de sua conversão, o Beato Foucauld deu um sim soberano a Deus e a partir deste sim, trilhou um caminho de obediência e paciência. A história de Irmãzinha Madalena não foi diferente. Desde o dia em que descobriu seu ideal de vida de seguir os passos do Irmão Foucauld, enfrentou vários obstáculos, principalmente a saúde

frágil que a impossibilitava de seguir na vida religiosa, até conseguir fundar a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Tanto o Irmão Foucauld quanto Irmãzinha Madalena entenderam que uma vida enclausurada não atendia a suas ideias de vida religiosa. Nota-se que, para eles, o Evangelho deveria ser mais vivido do que falado, o exemplo de vida seria se inserir nas populações que sofrem, assim era a melhor forma de imitar Jesus.

Interessante perceber que a hospitalidade era um traço marcante da fraternidade e fundamental para o sucesso das missões. A postura das Irmãzinhas era sempre de humildade e respeito. O objetivo da fraternidade é viver de maneira simples, inserida no meio do povo como fermento na massa, se tornando um deles. Sabiam que seria difícil, que seriam julgadas, discriminadas e marginalizadas. Irmãzinha Madalena falava o tempo todo de amor e declarava:

Eu queria legar às minhas Irmãzinhas meu grande ideal de uma santidade humana. Queria que elas fixassem o olhar e o coração na vida tão simples de Jesus, para retirar-lhes para sempre o gosto do extraordinariamente, a não ser daquilo que é extraordinariamente simples. E depois, neste humano, será preciso enxertar o amor divino, um amor sem medida. (JESUS, Irmãzinha Madalena de, s/d, p. 21).

Percebe-se que o amor era o que impulsionava e incentivava a hospitalidade incondicional e que as fazia ir ao encontro do outro. Entretanto, é preciso considerar que, mesmo tendo uma proposta singular no que diz respeito a evangelização, as Irmãzinhas tinham o objetivo maior que era o de falar de sua fé e pregar a palavra de seu Deus. Constatava-se, porém que, a missão de Foucauld e das irmãzinhas de Jesus não era carregada de proselitismo ou coerção. Deus é revelado na vivência e no comprometimento total às comunidades em que se inserem. Entendiam que no processo de evangelização, é preciso amar e antes de pregar a palavra de Deus é preciso vive-la com humildade.

Outro objetivo de meu estudo era o de analisar a prática do diálogo inter-religioso na experiência das Irmãzinhas de Jesus com os Apyãwa-Tapirapé. Irmãzinha Madalena tinha uma grande preocupação com os povos ameríndios e, apesar da singularidade da proposta missionária da fraternidade, achavam que os Tapirapé necessitavam da presença delas porque, apesar de serem batizados, não compreendiam muito bem o significado desse ritual. É notório, que durante muitos anos as Irmãzinhas tentaram fazer com que os índios se tornassem cristãos e professassem sua fé. Quando chegaram à aldeia, o objetivo da missão era muito claro, ainda que as Irmãzinhas tenham humildemente se colocado no papel de hóspedes que esperam ser aceitas, a fim de viver uma hospitalidade sem esperar reciprocidade. Percebe-se

que, com a chegada do CIMI, elas tiveram mais confortáveis para exercer o apostolado idealizado por Irmãzinha Madalena e optaram por inculturar ao invés de evangelizar. Assim aconteceu o diálogo pautado na amizade, na confiança, na cumplicidade. As Irmãzinhas sentiram que os Tapirapé não precisavam ser cristãos e entenderam que os rituais eram a alma daquele povo. Assumiram uma missiologia onde o objetivo maior não era a conversão, mas o diálogo e o reconhecimento da mensagem de amor que o Evangelho carrega. As Irmãzinhas estiveram ao lado dos Tapirapé em suas lutas, demonstrando uma hospitalidade incondicional, não se preocupando com a reciprocidade. Cecília Simões defende que “O chamado anúncio do Reino nas aldeias deve se fazer antes de tudo enquanto luta pela sobrevivência da cultura, pela defesa do humano, dos direitos indígenas, das terras, das socializações e enquanto incentivo à solidariedade” (SIMÕES, 2019, p. 383). Nesse sentido, é clara a postura das Irmãzinhas que se dedicaram com um amor fraterno, no cuidado com os Tapirapé.

Busquei responder então a questão principal deste estudo. A vivência da hospitalidade pode ser compreendida de várias formas a partir da experiência das Irmãzinhas de Jesus entre os Tapirapé. A partir de um conceito missionário próprio, as Irmãzinhas demonstraram com simplicidade, no dia a dia de uma vida religiosa simples e despreziosa, que a convivência com os Tapirapé, expressava a singularidade de sua vocação, vivida de forma natural, espontânea. Ainda que tivessem feito planos e se programado, a convivência com os Tapirapé provocou nas Irmãzinhas uma experiência da qual não foram capazes de resistir. Ao escrever seu testamento, o “Boletim Verde”, Irmãzinha Madalena tornou claro seu desejo de ruptura com o velho sistema de vida religiosa e conduzia as Irmãzinhas à humildade, obediência, compaixão e hospitalidade, escolhendo sempre a pequenez como exemplo de Charles de Foucauld. Mas orientava para que fossem sensatas e nunca construíssem muros entre si ou com o mundo laico. Irmãzinha Madalena pedia que suas Irmãzinhas fossem humanas antes de serem religiosas. (REMY, 2018, p. 10).

É possível perceber que as Irmãzinhas foram acolhidas pelos Tapirapé sem reservas ou inquietação. Quando elas chegaram, os índios ofereceram sua casa, sua comida e sua amizade. Eles as receberam com os corpos pintados e o sorriso no rosto em sinal de boas-vindas. Queriam que elas ficassem, e na hora das despedidas, se sentiam tristes. Nota-se que as Irmãzinhas chegaram com respeito, discretas, dispostas a compartilhar com os índios um amor incondicional, e aos poucos, derrubaram todos os obstáculos que pudessem, por ventura, impedir que elas demonstrassem sua amizade para com os índios e as impedissem de partilhar a vida com eles. Elas cuidaram dos doentes, plantaram sua roça, pescaram, fizeram parte dos

grupos de comer e cantaram com os Tapirapé. Tiraram as roupas de branco e se vestiram de Tapirapé. Susin defende que:

O exercício da hospitalidade sem perguntar pela hospitalidade do outro revoluciona o mundo, derruba os muros da inimizade e introduz a paz. A experiência de transcendência que há no encontro e na hospitalidade do estrangeiro nos remete, então, ao título e à tese deste texto, a dimensão teológica da hospitalidade: a sua sacralidade remete à divindade pura e difusiva no fundo da hospitalidade, e toda religião deriva da hospitalidade e se torna matriz sacra de hospitalidade. (SUSIN, 2013, p. 20).

Percebi que a postura das Irmãzinhas era a de se colocar ao lado dos Tapirapé, elas não faziam nada para eles, simplesmente os apoiavam, orientavam, ajudavam. Eles tomavam as decisões e faziam com que as mudanças acontecessem. Esta foi a maior demonstração de hospitalidade. Humildemente as Irmãzinhas se apresentaram como hóspedes e pediram para serem aceitas. Elas dispuseram-se a enfrentar os desafios e as adversidades que se apresentaram. Sentiram a dor da saudade e a falta de notícias das pessoas importantes que deixaram para trás. Apesar de tudo isso optaram por não evangelizar ninguém e, ao invés, viram com orgulho a aldeia Tapirapé se encher de crianças e o povo Tapirapé renascer.

Durante esses dois anos de estudo, aprendi a admirar a figura intrigante de Charles de Foucauld e a potência de sua fé. Sua vida de doação aos pobres e sua inquietação e obstinação em ser o Irmãozinho de Jesus, o último entre os últimos, é uma inspiração a todos os que se permitem um olhar amoroso para o outro. E fui mais além e encontrei Madalena Hutin, uma francesa que foi batizada no dia em que nasceu porque não viveria muito tempo devido a saúde frágil. Mas a vida havia lhe preparado uma surpresa e além de viver 91 anos, se transformou em Irmãzinha Madalena de Jesus e com seu hábito azul, escreveu uma linda história de amor com a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus. Como não reverenciar uma figura aparentemente frágil que conversava com o Menino Jesus? A cada página de suas biografias (li muitas) eu me impressionava com sua força, sua fé e sua confiança inabalável em Deus.

Ao escolher os pequenos para ir ao encontro, Irmãzinha Madalena nos ensina a observar com mais amor e mais cuidado aqueles que nos convidam a um olhar mais humano e, no entanto, na maioria das vezes, nos parecem invisíveis. A espiritualidade fascinante de Irmãzinha Madalena a levou a cruzar caminhos múltiplos e abraçar culturas e povos abandonados e negligenciados. Apesar de ter tido em sua trajetória, muitos companheiros de luta, pensar que uma pequena mulher frágil e debilitada, pudesse se transformar em uma

gigante feroz para defender um povo. E com amor, olhou para os nossos índios Tapirapé. Entendi durante meus estudos que elas vieram por amor a Jesus e esse amor era tão grande que elas precisavam gritá-lo. E gritaram! Mas gritaram respeito, amizade nos momentos bons e nos momentos difíceis. Deram remédio, mas também deram sorrisos. Deram as mãos a Bartolomé de Las Casas e enfrentaram os grandes em defesa dos índios. Conviveram, viveram, e até morreram com os índios. E se tornaram Tapirapé.

É com muito carinho e emoção que termino esta dissertação sobre esta amizade incondicional e eterna construída entre as Irmãzinhas de Jesus e os índios Tapirapé e me sinto orgulhosa de ter escolhido este tema, que na verdade me escolheu.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, O. **Os Javé e o Protestantismo: Salvação e Resistência.** (2009). Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2009.
- BALDUS, H. **Tapirapé**, Tribo tupi no Brasil central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.
- BALDUS, H. **Ensaio da Etnologia Brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BÍBLIA. **Evangelho de Mateus** (18: 2-3). Belo Horizonte: CPAD.
- BÍBLIA. (1993). Gênesis (12:1). Deus chama Abraão e lhe faz promessas (2ª Edição). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- BÍBLIA, A. **Evangelho de São Lucas** (10, 25:37). O Bom samaritano (2ª Edição ed.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- BINGEMER, M. **Teologia Latino-Americana: Raízes e Ramos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- BOFF, L. Exigências Teológicas e Eclesiológicas para uma Nova Evangelização. *In:* SUESS, P. **Queimada e Semeadura: Da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização.** Petrópolis: Vozes, 1988. pp. 130-149
- BOFF, L. **Virtudes de um outro Mundo Possível: Hospitalidade.** Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOFF, L. **Virtudes de um outro Mundo Possível, Vol. II. Convivência, respeito e tolerância.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, L. A morte da Irmãzinha Geneveva: a parteira do povo Tapirapé. **Blog LeonardoBOFF.com**, 30 de Set. de 2013. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/09/30/a-morte-da-irma-geneveva-a-parteira-do-povo-tapirape/>. Acesso em:
- Carlos Rodrigues Brandão. **Inculturação e Libertação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- CARROUGES, M. **A aventura mística de Charles de Foucauld.** Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1958.
- CASTRO, V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 1996.

CHATELARD, A. **Charles de Foucauld: o Caminho rumo a Tamanrasset**. São Paulo: Paulinas, 2009.

DA MATTA, R. **Um mundo dividido: A estrutura social dos índios Apinayé**. Petrópolis: Vozes, 1976.

DERRIDA, J. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!** Coimbra: Minerva, 2001.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

JESÚS, Hermanita Magdeleine de. Escritos **Esenciales**: Selección e introducciones de las Hermanitas de Jesús (Edição Digital ed.). Milão – Espanha: Sal Terrae, 2016.

JESUS, Irmãzinha Annie de. **Irmãzinha Madalena de Jesus a experiência de Belém até os confins do mundo**. São Paulo: Cidade Nova, 2012.

JESUS, Irmãzinha Madalena de. **Jesus é o Senhor do impossível**. França: Le Livre Ouvert, 1991.

JESUS, Irmãzinha Madalena de. **Boletim Verde**. Material de divulgação da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus S/D.

IRMÃZINHAS DE JESUS. **O Renascer do Povo Tapirapé**: Diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. São Paulo: Salesiana, 2002.

KATHRYN, S. **O Chamado do Deserto**: Biografia de Ir. Madalena de Jesus. São Paulo: Loyola, 1997.

LEVINAS, E. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LEVINAS, E. **Violência do Rosto**. São Paulo: Loyola, 2014.

LEVINAS, E. **TOTALIDADE E INFINITO**. Lisboa: Edições 70, 2016.

MACEDO, S. **Em terra estrangeira: hospitalidade e diálogo inter-religioso**. (2017) – Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Departamento de Ciências humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MAGDELEINE, D. **Gesù per le Strade**, I Parte 1936-1949. Casale Monferrato. Italia: Piemme, 2000.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Terra Indígena Urubu Branco tem demarcação reconhecida pela segunda vez. (27 de Setembro de 2017). Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/mt/sala-de-imprensa/noticias-mt/terra-indigena-urubu-branco-tem-demarcacao-reconhecida-pela-segunda-vez>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

MORI, G. L. **Theologia Latinoamericana** (05 de 07 de 2014).. Fonte: Theologia Latinoamericana - Enciclopédia Digital. 05 de jul. de 2014. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1458>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

OLIVEIRA, F. **O Ser e o Outro Ser: A questão de Deus em Emmanuel Levinas**, s/d..

PANAZZOLO, J. Exigência de uma Missiologia Solidária. *In*: BRANDÃO, C.; OLIVEIRA, P.; PALEARI, J.; SCHWANTES, M.; LETERME, C.; BEOZZO, A... ALMEIDA.L, **Inculturação e Libertação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. pp. 144-159

PANIKKAR, R. O diálogo indispensável - Paz entre as Religiões. Portugal: Zéfiro, 2007.

PAULA, E.; TAPIRAPÉ, J. Revitalização de línguas indígenas no Brasil: o caso dos Apyãwa. **Linguística** - Revista do Programa de pós-Graduação em Linguística da UFRJ 13, Primeiro de Janeiro de 2017. pp. 215-230.

PAULA, E. **Eventos de Fala Entre os Apyãwa (Tapirapé) na Perspectiva da Etnossintaxe**: singularidades em textos orais e escritos . Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia, 2012.

PRAÇA, W. N. **Morfossintaxe da Língua Tapirapé**: Família Tupi-Guarani. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

REMY, E. **Parteiras de um Povo**: 65 anos de presença das Irmãzinhas de Jesus junto ao povo Apyãwa-Tapirapé. Goiânia: Scala Editora, 2018.

SEEGER, A. **Os índios e nós**: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SEEGER, A.; MATTA, R.; CASTRO, E. A Construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *In*: **Núcleo de Estudos e Assuntos indígenas** - UFT, 1979. pp. 2-19.

SUESS, Pe. Paulo. **Queimada e Semeadura**: Da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização. Petrópolis: Vozes, 1988.

SIMÕES, M. ENTRE INCULTURAÇÃO E LIBERTAÇÃO: apontamentos sobre o desenvolvimento e os desafios de uma missiologia indigenista . *In*: **Interações**, 2019. pp. 376-394.

SIX, J. **Charles de Foucauld**: O Irmãozinho de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2008.

SÍVERES, Luiz, MELO, Paulo Giovanni Rodrigues de. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade de Levinas.(2012). Título. *In*: **Conjectura**: Filosofia e Educação. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1795>. Acesso em: 04 de Fevereiro de 2019.

SUSIN, L. Deus Hóspede: hospitalidade e transcendência. Dezembro de 2013. Disponível em: Thaumazein: <http://sites.unifra.br/thaumazein>. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

TEIXEIRA, F. **Buscadores do Diálogo: Itinerários Inter-religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, F. O sagrado dever da hospitalidade. *In*: Instituto Humanitas Unisinos. (24 de Dezembro de 2016). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/563559-o-sagrado-dever-da-hospitalidade>. Acesso em: 12 de janeiro de 2017.

TEIXEIRA, F. Fora da misericórdia não há salvação. Entrevista especial com Faustino Teixeira. *In*: Instituto Humanitas Unisinos. (26 de Junho de 2016). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/555943-fora-da-misericordia-nao-ha-salvacao-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

TORAL, A. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapirap%C3%A9>. Acesso em 22 de maio de 2018

VEVA Tapirapé. <https://www.youtube.com/watch?v=M2mWTgDVphQ&t=6s>. Acesso em 11 de abril de 2018.

VILAÇA, A. O **que significa tornar-se outro?** Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2000. pp.56-72.

WAGLEY, C. **Lágrimas de boas vindas: Índios Tapirapé do Brasil Central**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WAGUA, P. A Antiga e a Nova Evangelização dos Índios. *In*: SUESS, P. **Queimada e Semeadura: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização**. Petrópolis: Vozes, 1988. pp. 199 – 207.

APÊNDICE

Pessoas que foram importantes durante a missão das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld entre os Apyãwa-Tapirapé

Dom Tomás Balduino:

Missionário Dominicano foi bispo-emérito da cidade de Goiás. Foi um dos idealizadores e fundadores do CIMI – Conselho Indigenista Missionário. Foi amigo das irmãzinhas e compreendeu plenamente o carisma da Fraternidade e promoveu a integração das Irmãzinhas na aldeia Tapirapé, apresentando-lhes às dimensões da Igreja no Brasil e nas causas indígenas como um todo (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002. P. 245).

Dom Luís Palha:

Foi o terceiro bispo da prelazia de conceição do Araguaia. Também dominicano, foi amigo do povo, dos sertanejos, dos índios, especialmente, das aldeias de sua prelazia. Sempre aberto ao diálogo, era conhecido pelo imenso coração e pelo zelo incansável e sem medida com seu rebanho. Ao conhecer as Irmãzinhas de Jesus, assumiu imediatamente essa nova proposta evangelizadora. Esteve ao lado das Irmãzinhas aconselhando, apoiando, sempre com carinho e discrição. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002. P. 244-245).

Padre Francisco Jentel:

Padre François Jentel, sacerdote diocesano francês, chegou ao Brasil em 1954 e durante os anos em que ficou no país, esteve sempre na região do Araguaia e sempre deu assistência às irmãzinhas. Ele morou muitos anos na aldeia Tapirapé, tornando-se vigário de Santa Terezinha, quando foi erigida a prelazia de São Félix do Araguaia, exercendo esse

ministério até 1973, quando foi preso pela luta em defesa dos povos indígenas, em especial os Tapirapé, por quem era muito querido. Gostava de ser chamado de irmão Francisco e não mediu esforços, junto com as irmãzinhas, para defender este povo e ajuda-los na defesa de suas terras e na conquista de seus direitos. Foi um auxílio para as Irmãzinhas durante anos na aldeia (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002. P. 246).

Frei Gil Gomes:

Grande intelectual e com humor apurado, Frei Gil foi um árduo missionário em defesa dos índios das bacias do Araguaia e Tocantins. Foi ele quem iniciou as primeiras Irmãzinhas na cultura Tapirapé, partilhando com elas seus conhecimentos no mundo ameríndio. Frei Gil será sempre lembrado como um grande defensor dos índios. Lutou intensamente para defender a sobrevivência dos povos indígenas, apoiando suas lutas pela posse e recuperação de suas terras e sua cultura. (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002. P. 244)

Padre Jean Chaffarod:

Sacerdote francês diocesano pertencia à Fraternidade Sacerdotal que reúne padres que vivem a espiritualidade do irmão Foucauld. Ele Participou da primeira Fraternidade entre os índios Karajás em 1956 a quem atendia, além da população ao redor. Amigo das irmãzinhas, também foi vigário na cidade de Santa Terezinha (IRMÃZINHAS DE JESUS, 2002. P. 246).

Dr. Charles Wagley:

Antropólogo americano que marcou a vida das irmãzinhas a quem dedicou seu livro “Lágrimas de boas-vindas”, sobre a cultura Tapirapé. Foi um grande amigo das irmãzinhas e sua pesquisa foi providencial no sentido de esclarecer dúvidas, ajudando-as a compreender alguns elementos da língua e da cultura Tapirapé. Escreveu: “Nunca soube que estes missionários [as Irmãzinhas e o padre Francisco Jentel] tentasse converter os índios; segundo a ideologia de Charles de Foucauld, fundador da Ordem, esperam influenciar por exemplo vivo, mas não pela persuasão” (WAGLEY, 1988, p. 268).

Dr. André Toral:

Antropólogo, historiador, quadrinista e ilustrador, amigo das Irmãzinhas. Esteve várias vezes na aldeia, inclusive como coordenador do grupo de trabalho da FUNAI responsável pela delimitação da terra indígena Urubu Branco (REMY, 2018, p. 91).

Luiz e Eunice de Paula:

Luiz e Eunice é um casal de professores que se estabeleceram na aldeia Tapirapé e junto com as Irmãzinhas fundaram a primeira escola Tapirapé. Durante anos mantiveram uma bonita amizade com as Irmãzinhas e com os Tapirapé (REMY, 2018, p. 87).

Dom Pedro Casaldáliga:

Dom Pedro, bispo da prelazia de São Félix do Araguaia, lutou pelas causas indígenas, especialmente pelos povos de sua prelazia, juntamente com as Irmãzinhas de Jesus. Conviveu com as Irmãzinhas e teve tanto com elas quanto com os índios, uma relação de amizade fraterna e duradoura. Eles travaram juntos grandes batalhas em defesa dos direitos dos povos ameríndios e foi um incansável defensor destes direitos (REMY, 2018, p. 87).

ANEXO



Irmãzinha Madalena de Jesus (s/d, p.63).



Irmãzinha Elizabeth tratando uma criança Tapirapé (Remy, 2018, p98).



Irmãzinha Geneveva em oração – 1984 (REMY-2018, p.85).



Irmãzinha Geneveva com as outras Irmãzinhas no rio Tapirapé. (REMY, 2018, p.81).



Irmãzinhas no rio Tapirapé. (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, s/d, p 56).



Irmãzinhas em frente à casa na aldeia. (IRMÃZINHA MADALENA DE JESUS, p. 57).

Aldeia e casa

141

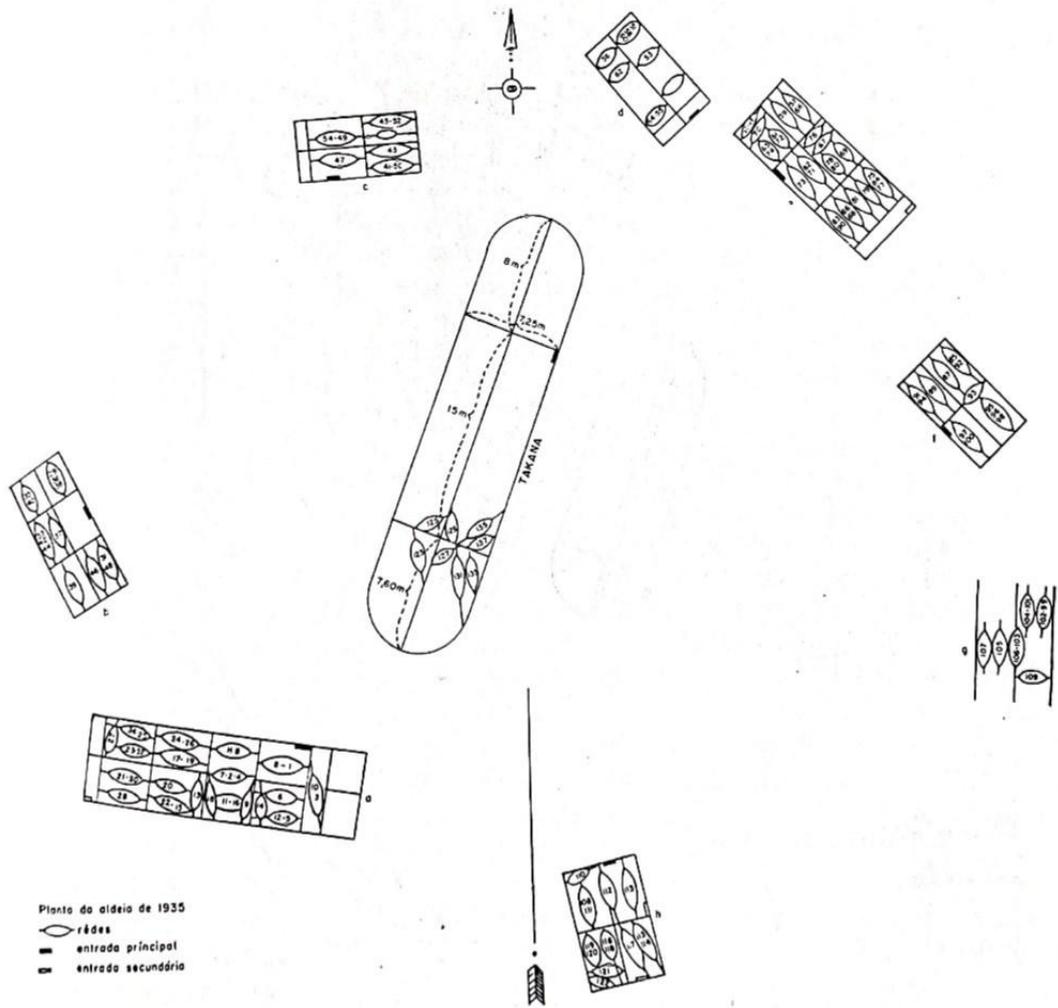
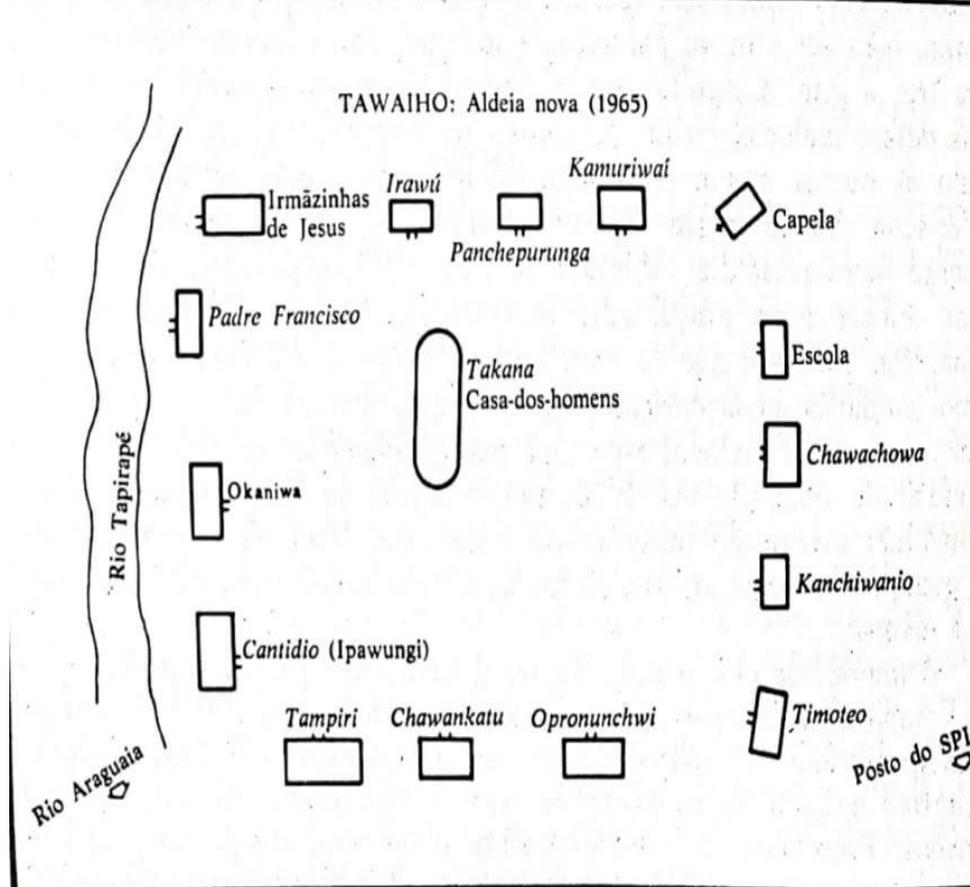
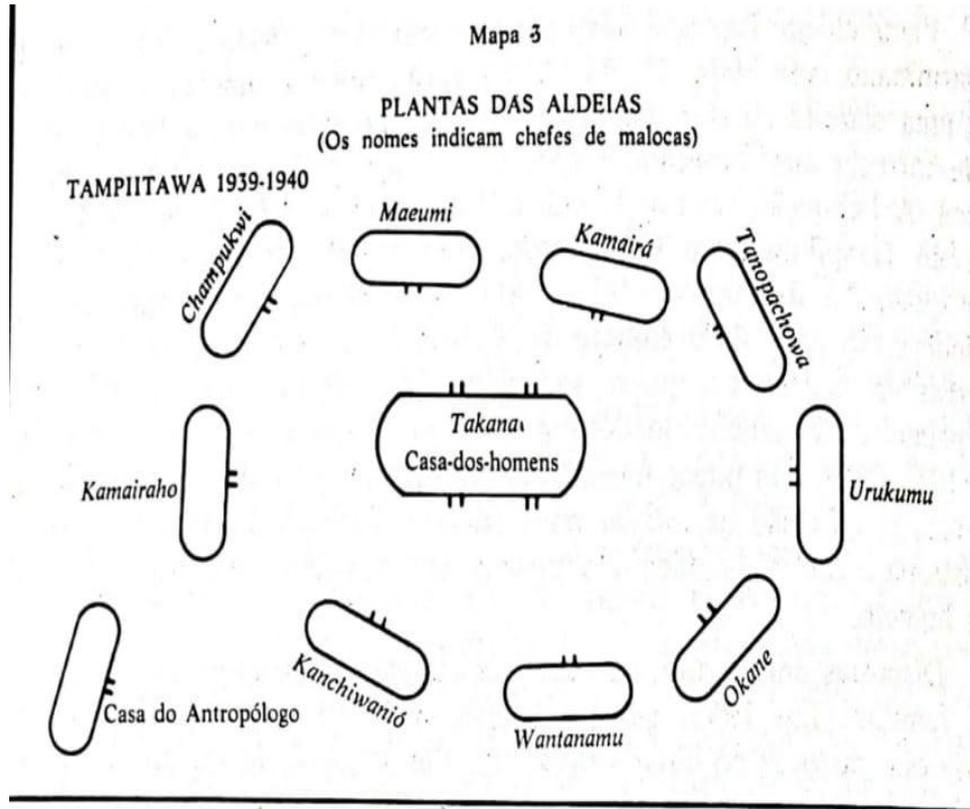
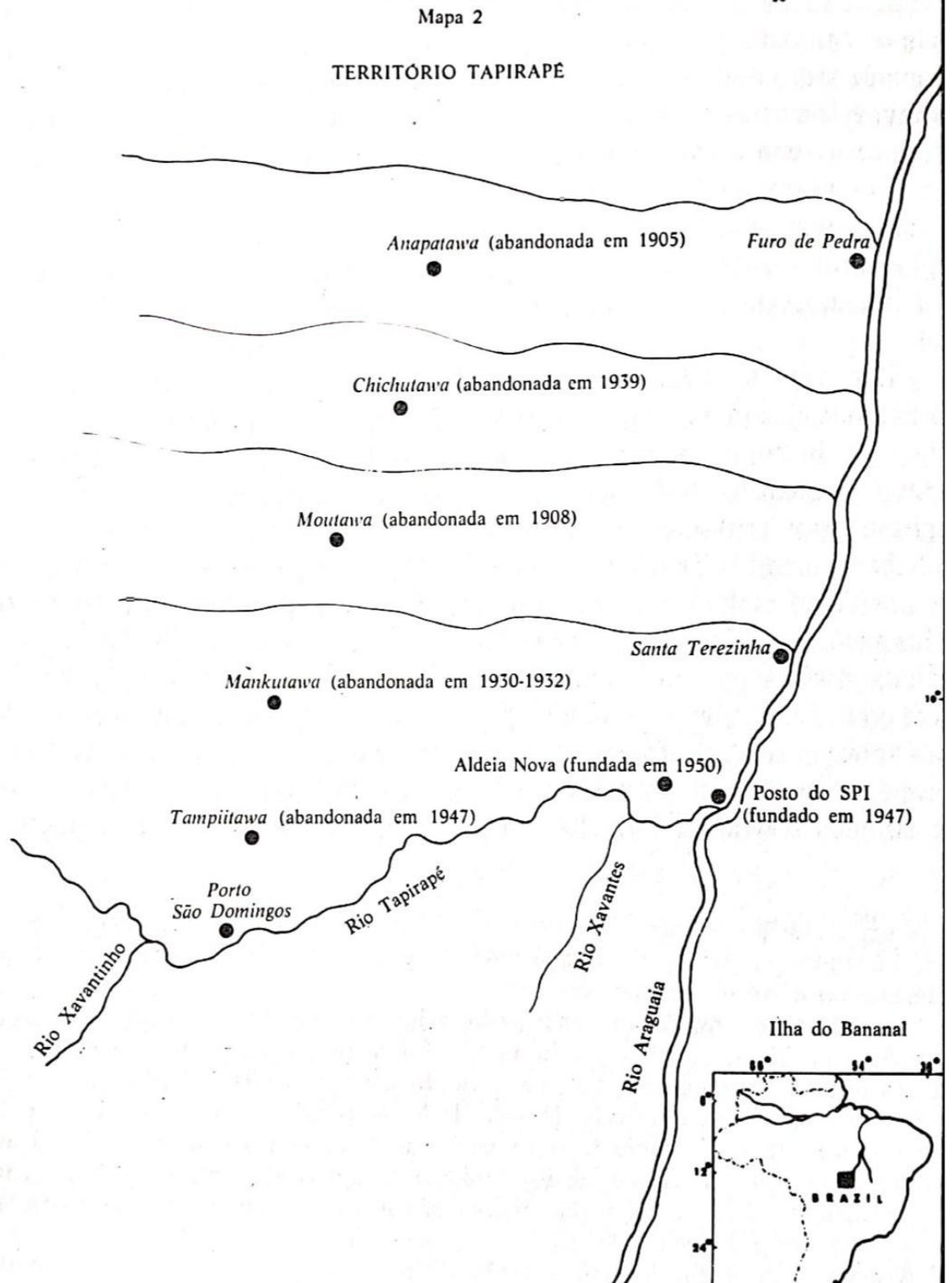


FIG. 8 — Planta da aldeia de 1935.

Planta da Aldeia (BALDUS, 1970, p.141).



Planta das Aldeias (WAGLEY, 1988, p.104).



Território Tapirapé (WAGLEY, 1988, p. 56).



As Irmãzinhas de Jesus com Cecília Wagley na Aldeia Nova, em 1965 (WAGLEY, 1988, p.291).



O xamã Urukumu durante a cerimônia do Trovão em 1940. (WAGLEY, 1988, p.253).



Cerimônia de escarificação em 1939. (WAGLEY, 1988, p.258).



Irmãs de Jesus na aldeia Tapirapé. (REMY, 2018, capa).



Irmãzinha Denise na primeira viagem das Irmãzinhas. Uma parada em uma praia com famílias Karajás. (REMY, 2018, p.32).



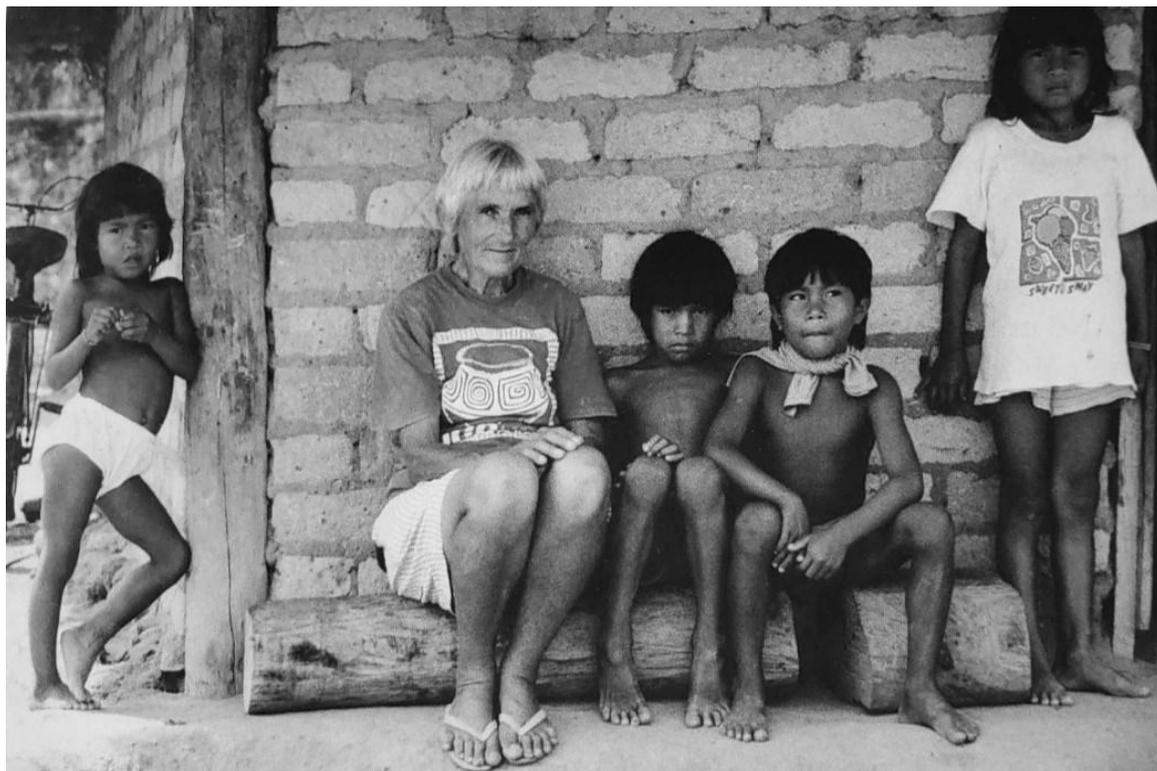
Irmãzinhas descendo do navio em sua chegada ao rio de janeiro, em junho de 1952. (REMY, 2018, p.31).



Genoveva carregando uma muda de bananeira para transplantar. (REMY, 2018, p.37).



Despedida de Irmãzinhas que visitavam a fraternidade. (REMY, 2018, p.44).



Genoveva rodeada de crianças Tapirapé – 1990. (REMY, 2018, p.46).



Irmãzinha Genoveva com os Tapirapé na Espanha por ocasião da entrega do prêmio Bartolomé de Las Casas, em 1996. (REMY, 2018, p.55).



As Irmãzinhas com Ipaxi'awyga (Tapirapé), Luiz Gouvêa e Eunice Dias de Paula (professores). (REMY, 2018, p.57).



Irmãzinhas Elizabeth, Genoveva e Odila em 2006. (REMY, 2018, p.60).



O túmulo de Geneveva, dentro da casa da Fraternidade, é cuidado de acordo com os rituais Tapirapé. (REMY, 2018, p.63).



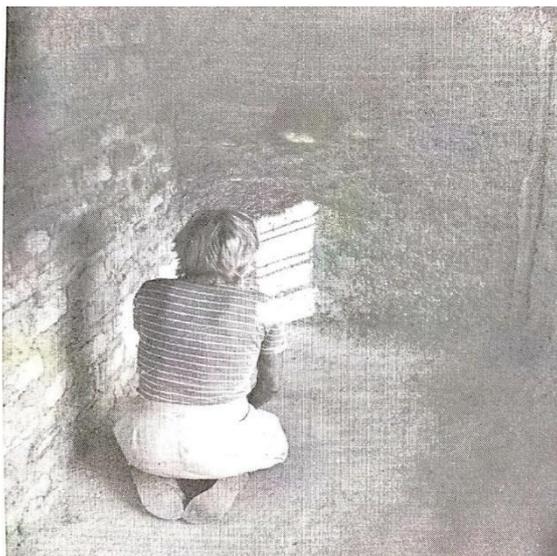
Irmãzinhas Geneveva e Matilde com Dom Luís Palha em 1952. (REMY, 2018, p.75).



Irmãs e indígenas Tapirapé em junho de 1952. (REMY, 2018, p.76).



Irmãs Genoveva e Odila lavando louças no lago. (REMY, 2018, p.83).



Irmãzinha Genoveva em oração na capela da aldeia. (REMY, 2018, p.85).



Irmãzinhas com Dom Pedro Casaldáliga, Luiz Gouvêa e Eunice de Paula em 1973. (REMY, 2018, p.88).



Irmãzinha Madalena – capa do livro “O chamado do deserto” (s/d).